

**ARQUEOLOGIA
DO
RIO GRANDE DO SUL, BRASIL**

DOCUMENTOS 04

1990

Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS
São Leopoldo, RS, Brasil

**ARQUEOLOGIA
DO
RIO GRANDE DO SUL, BRASIL**

DOCUMENTOS 04

1990

Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS
São Leopoldo, RS, Brasil

Responsável pela Edição: Pedro Ignácio Schmitz

Mecanografia: Ivone Verardi

Versão Pdf: Marcus Vinícius Beber

UMA ALDEIA GUARANI. PROJETO CANDELÁRIA, RS.

S U M Á R I O

1. Antecedentes	7
2. Os sítios, seu ambiente, sua pesquisa	8
3. O material lítico	14
3.1. O procedimento	14
3.2. Material lítico não modificado intencionalmente, e não usado	15
3.3. Material lítico não modificado intencionalmente, mas usado	17
3.4. Material lítico modificado por lascamento	20
3.5. Material lítico modificado por polimento e picoteamento.	25
3.6. Os usos da matéria-prima, os objetos produzidos e suas funções	25
4. A cerâmica	39
4.1. Produção	39
4.2. Formas	42
4.3. Pintura	58
4.3.1. Os motivos decorativos	60
4.3.2. A distribuição da decoração pintada	64
5. Os restos faunísticos	77
5.1. Os restos, sua identificação e distribuição.....	77
5.2. Os hábitos dos animais caçados	81
5.3. Considerações gerais	90
6. Os restos humanos	92
7. A distribuição dos materiais no espaço	93
8. Aproximações demográficas	105
9. Informações etnográficas sobre o Guarani	107
9.1. Introdução	107
9.2. Alimentação	109
9.3. Apanha de animais	114
9.4. Artesanato	115
9.5. Casa e aldeia	118
9.6. Guerra e canibalismo	119
9.7. Luto e sepultamento	120
10. A aldeia	121
Bibliografia	123
Apêndice: Restos de alimentos no sítio de Itapoã. Marta Gaz- zaneo	129

UMA ALDEIA TUPIGUARANI.
Projeto Candelária, RS

**P.I.Schmitz (IAP)*, L.Artusi (IAP)*,
A.L.Jacobus (IAP)*, M.Gazzaneo (IAP)*,
J.H.Rogge (IAP)*, H.E.Martin (Museu do
Colégio Mauá), G.Baumhardt (Museu do
Colégio Mauá).**

1. Antecedentes

Nos inúmeros trabalhos feitos sobre a tradição Tupiguarani, subtradição Corrugada (p. ex. Brochado, 1973a, b; Ferrari, 1983; Chmyz, 1977; Schmitz, Brochado, Ferrari sobre nove fases da subtradição Corrugada no Rio Grande do Sul) acentuaram-se principalmente elementos distributivos temporais, ecológicos e geográficos, havendo pouca informação a respeito da distribuição do material dentro da aldeia e menos ainda dentro da habitação.

Este aspecto, entretanto, é muito importante para entendermos o padrão de assentamento do grupo, tanto do ponto de vista de cozinhar, comer, transformar o material, como da deposição do lixo e do número de pessoas que compartilhavam a habitação e a aldeia.

No projeto Candelária existe a possibilidade, pela primeira vez no Sul do Brasil, de termos à disposição a escavação de grande superfície de uma aldeia, mais a escavação já considerável de uma outra, nas quais estão presentes os restos de alimentos de origem animal, todos os materiais líticos e cerâmicos; no caso da cerâmica, as pinturas com que eram decorados os vasilhames estão mais bem conservadas que as de quaisquer outros sítios. O registro do material foi feito de metro em metro, possibilitando uma razoável reconstituição do mesmo no espaço. Estas condições de preservação permitem relacionar com bastante precisão os diversos elementos dentro do espaço das habitações e, com isso, entender ao menos uma parte da aldeia como um espaço habitacional. Como o espaço não foi todo escavado, sempre continuarão faltando dados, o que se tornou sensível na medida em que íamos estudando os materiais.

*Bolsistas do CNPq.

É preciso registrar que trabalhos semelhantes vem sendo feitos sob a orientação da Dra. Luciana Pallestrini com sítios da tradição Tupiguarani, subtradição Pintada, no projeto Paranapanema, no Estado de São Paulo (principalmente Pallestrini, 1968-69, 1969, 1974, 1975, 1981-82), mas nunca foram realizados, de nosso conhecimento, com sítios da subtradição Corrugada.

Na Argentina, na margem direita do rio Uruguai, província de Misiones, trabalhos parecidos estão sendo realizados por Carlota Sempé (com. pes., 1984).

2. Os sítios, seu ambiente, sua pesquisa (ver estampas 2 e 3)

O **sítio maior**, 01 no mapa, 122 do Museu do Colégio Mauá, localizado nos terrenos de Arno Schröder, Ivo Scolaudi e Ervino Quos, Linha Sul, Município de Candelária, encontra-se à beira da rodovia, hoje asfaltada, que liga a cidade de Vera Cruz a Candelária; está à margem esquerda da sanga Tibiri, que se desenvolve paralela ao rio Pardo.

Compõe-se de três núcleos de solo escurecido pela presença de carvão e cinza e apresenta, no subsolo, grande quantidade de material arqueológico. Os núcleos têm as seguintes dimensões: a) aproximadamente 20 x 10 m; b) aproximadamente 12 x 6 m; c) aproximadamente 20 x 9 m. Foram escavados praticamente na sua integridade.

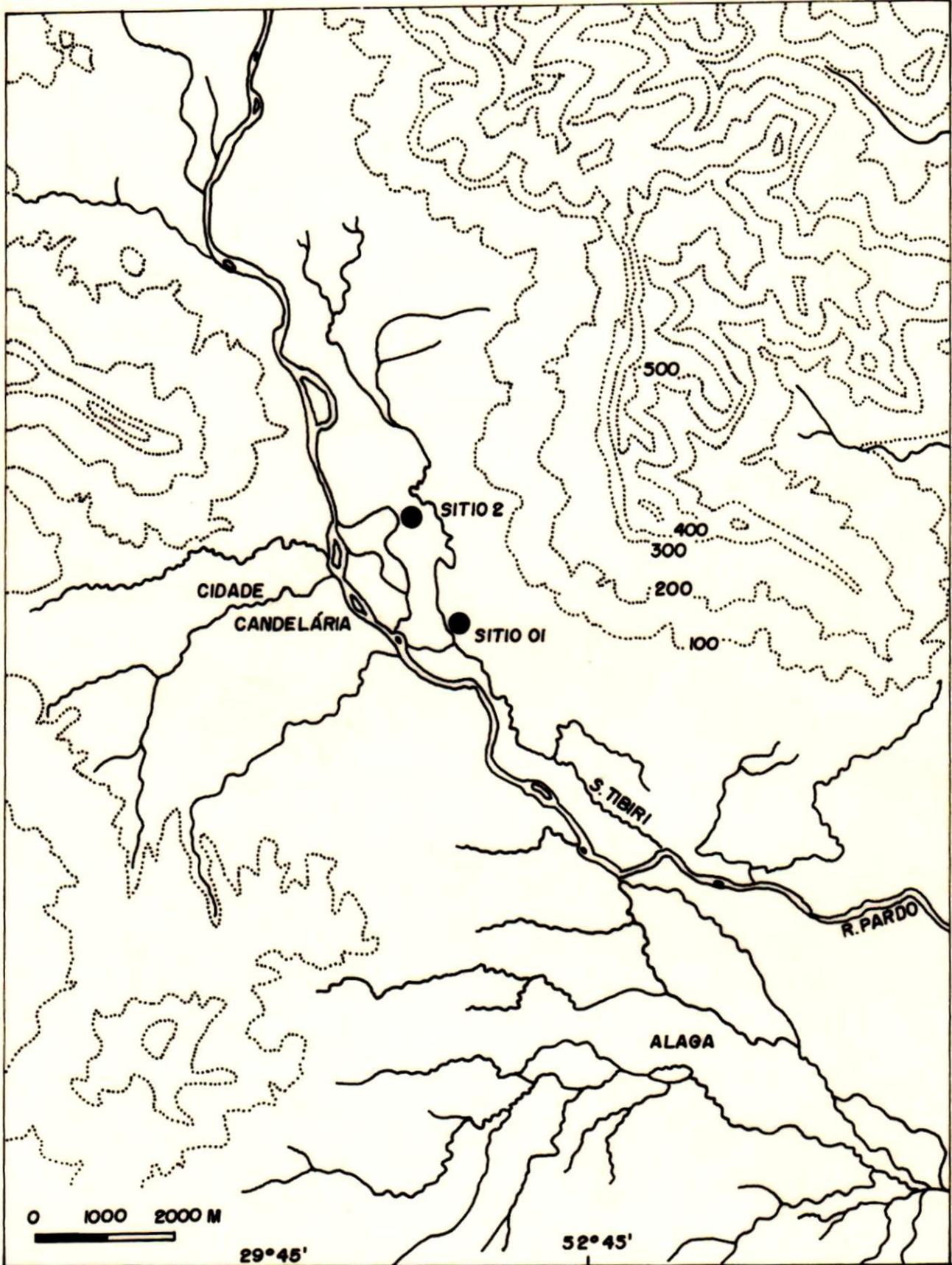
O **segundo sítio**, na propriedade de Hardy Priebe, encontra-se na margem oposta da mesma sanga, apenas uns 2.000 m rio acima. Nele só foi registrado um núcleo, do qual foram escavados 28,5 m², podendo-se calcular que o núcleo correspondente seria maior que 13 x 4 m.

Ambos os sítios encontram-se em lavouras utilizadas durante muitas décadas.

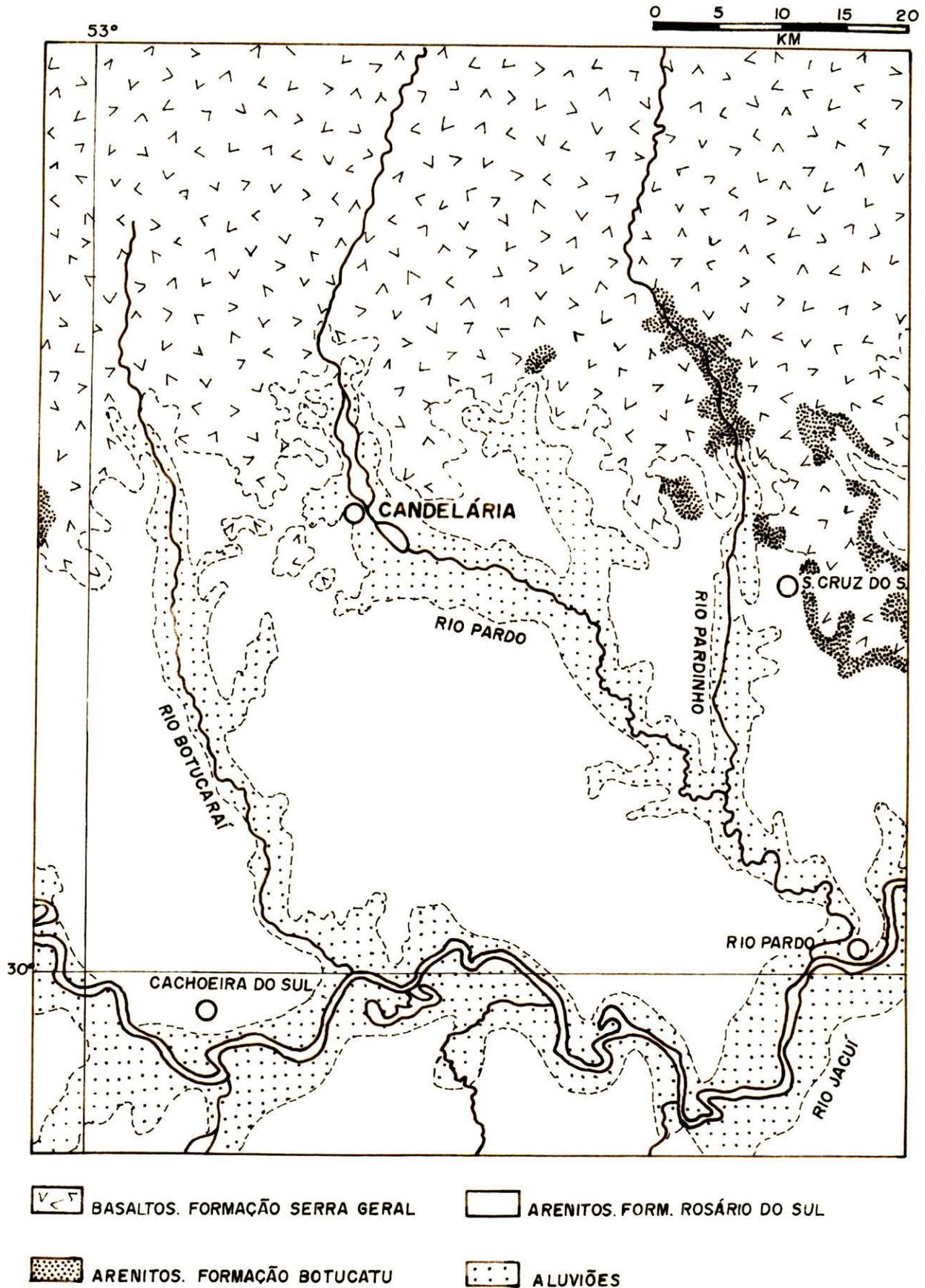
O ambiente dos sítios (ver estampa 1)

Os sítios encontram-se no vale do rio Pardo, um dos grandes afluentes do rio Jacuí, e distam do mesmo ao redor de 1 km.

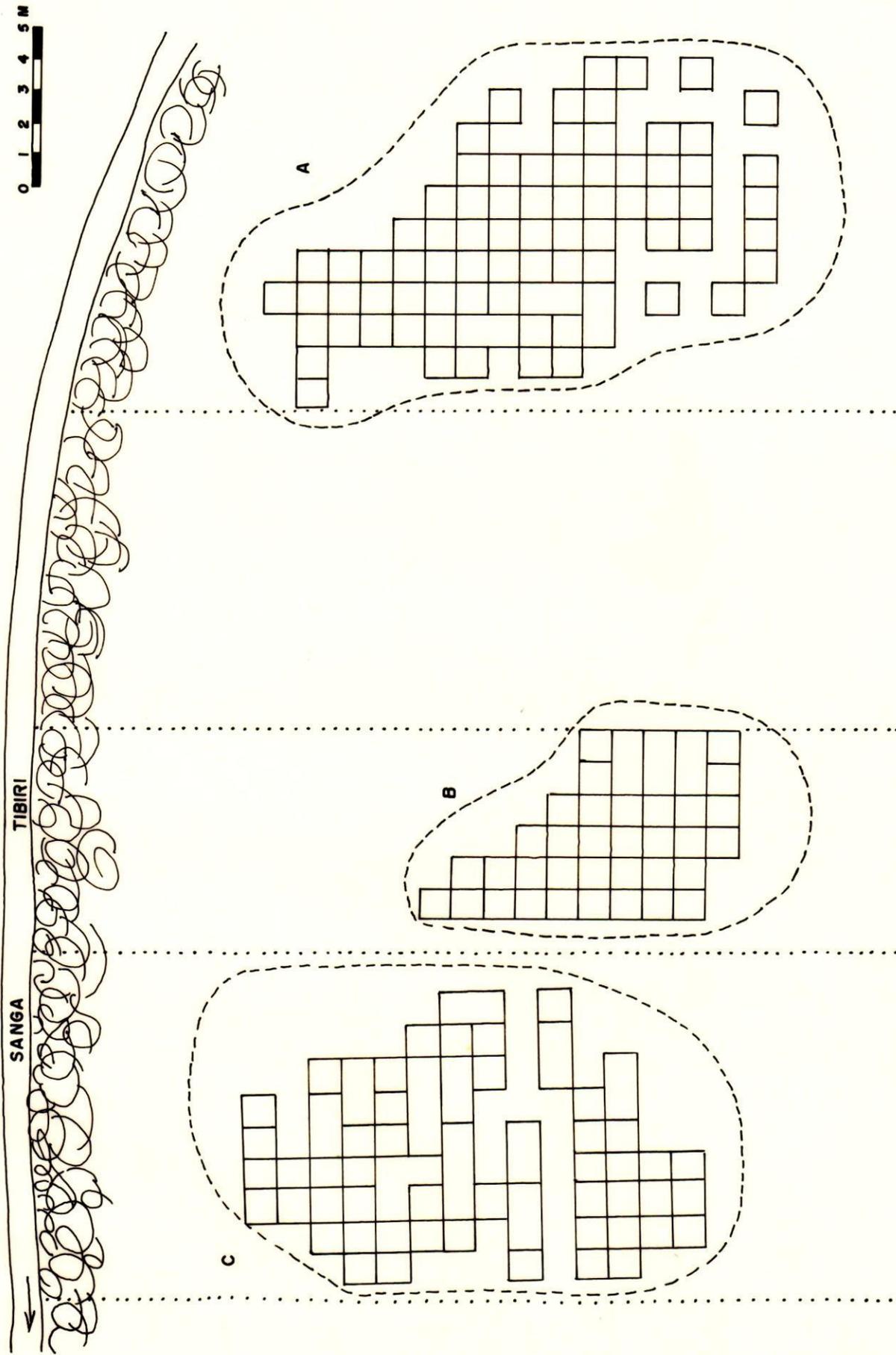
O rio Pardo, que nasce no Planalto, uns 12 km para cima dos sítios sai do encaixe no canyon escavado nos paredões de basalto e começa a formar um vale, inicialmente com 1, depois com 2, na proximidade dos sítios com entre 3 e 4 km de largura. Logo abaixo dos sítios ele abandona a moldura do planalto e se alarga por muitos quilômetros no meio das várzeas alagadiças e banhados da Depressão Central. A cidade de Candelária, que não dista dos sítios mais que 2 km, encontra-se na última parte da várzea não



ESTAMPA 1: Localização dos sítios



ESTAMPA 2: Geologia da área. Modificado de Carraro e outros: Mapa Geológico do Estado do Rio Grande do Sul, 1974.



ESTAMPA 3: O sítio, as habitações e as quadrículas escavadas. ... Limite das propriedades.

alagadiça do vale do rio.

A rede de canais e sangas, na proximidade dos sítios e especialmente a jusante dos mesmos, deixa bem claro que o terreno plano oferece dificuldades a uma boa drenagem.

Os terrenos estão entre as cotas altimétricas de 40 e 60. Os solos da várzea são muito férteis, profundos, planos, de sedimentos quaternários, compostos de argilas e siltitos.

Eles estão margeados primeiro por coxilhas pampeanas; ou relevo escalonado, com solos erosionados, ondulados, de sedimentos da Bacia do Paraná, ortoquartzíticos; nos pontos mais altos por relevo tabular falhado, com solos erosionados, de altiplanos dobrados, do planalto de lavas basálticas, com relevo fortemente acidentado.

A área era inicialmente coberta por mata latifoliada subtropical no vale do rio, nas encostas e parte da chapada alta, onde está a transição para a mata subtropical com Araucaria angustifolia. Descendo o rio, a pequena distância, começam os campos e se encontram terrenos alagadiços com vegetação característica.

As chuvas estão distribuídas por todo o ano, sendo mais acentuadas nos meses de julho, agosto e setembro; o total da precipitação anual é de 1.500 a 1.750 mm.

A temperatura média anual está entre 18 e 20°C. A temperatura máxima anual vai a 40°, a mínima absoluta chega a -4°C. Uns 10 dias por ano, em média, temos formação de geadas.

Em termos de subsistência, o assentamento em várzea fértil, beneficiada por chuvas anuais, poucas vezes atingida pelas enchentes, as secas e as geadas, estava bem situado para cultivos diversificados; o encontro de ambiente ribeirinho, palustre, de campos, matas latifoliadas subtropicais e matas com pinheiros, era muito favorável em termos de abastecimento de proteínas (caça e pesca), o rio ainda potente proporciona seixos de basalto, arenito silicificado, arenito Botucatu, calcedônia e outros materiais importantes para a produção de artefatos; e nas encostas erodidas afloram blocos de arenito e basalto que podem ser usados como suportes de panela nos fogões primitivos. No terraço do rio podia-se conseguir boa argila para a produção do vasilhame cerâmico necessário. Os aldeamentos estavam na borda da sanga, profundamente encaixada no terreno, com o que atendiam às necessidades de água, com segurança até para as crianças.

O primeiro dos sítios, ao qual dedicamos este trabalho, estima-se que corresponda ao final do clímax da subtradição Corrugada, em tempo, aproximadamente entre o século X e XII. Tra-

ta-se de uma aldeia de tamanho médio, provavelmente com uma só ocupação. É possível que o outro sítio seja a ocupação da mesma população num outro momento.

A escavação

O trabalho de escavação foi realizado, em etapas sucessivas, abrangendo de 1968 a 1974, pelos técnicos e encarregados do Museu do Colégio Mauã, da cidade de Santa Cruz do Sul, RS.

No primeiro sítio são mais de 350 m², abrangendo o interior das habitações, especialmente na sua parte mais central, mas no núcleo **a** com sondagens na periferia, buscando o limite da estrutura, o qual aparece claramente nas quadrículas periféricas que não têm mais nenhum material. Não foram testados os espaços intermédios, nem os externos às habitações, o que nos priva de informações preciosas sobre a estrutura da aldeia.

A camada arqueológica tem uma espessura média de 30 a 40 cm, com interrupções que poderiam indicar ocupações sucessivas ou abandono temporário de um espaço.

A recuperação do material se fez em quadrículas de 1 m², utilizando como referência dois níveis: o material dos estratos atingidos pelos instrumentos de plantio, e o material dos estratos intatos subjacentes. O material foi recuperado integralmente, incluindo seixos sem nenhuma marca de uso, pedras usadas como suporte de panela, lascas e fragmentos produzidos pelo fogo, massas preparadas para fazer cerâmica etc, o que permite uma reconstituição bastante segura, apesar de os registros de campo não plotarem as diversas peças no espaço dentro do quadrado de um metro de lado.

No segundo sítio foram realizadas escavações, usando quadrículas de tamanhos variados e sem diferenciar estratigraficamente. Será publicado oportunamente.

O material foi recebido lavado, numerado, plantas de topo e observações de campo, inclusive o diário de cada uma das jornadas.

Objetivos

- a definição do conteúdo completo, preservado, das habitações de uma aldeia;
- a distribuição dos diferentes elementos no espaço das habitações e com isso a determinação dos locais ocupados pelas atividades desenvolvidas dentro das habitações;
- a proveniência dos diferentes elementos recuperados, usados no abastecimento da aldeia;

- a maneira como os diversos elementos preservados do abastecimento foram transformados pelos habitantes ou usados diretamente;
- o cálculo estimativo do número de habitantes das habitações e da aldeia, usando como índice o espaço efetivamente ocupado;
- a comparação das informações conseguidas com as da etnografia do Guarani do tempo da Conquista.

Distribuição das tarefas

- o trabalho de escavação, limpeza e armazenamento esteve sob a responsabilidade de Hardy E. Martin e Gastão Baumhardt, do Museu do Colégio Mauã;
- o material produzido a partir da utilização da pedra foi estudado por Lúcia Artusi e Gilsimar V. de Barros;
- a cerâmica foi estudada por Jairo Henrique Rogge e Pedro Ignácio Schmitz, parcialmente, por Marco Aurélio Nadal De Masi;
- o material ósseo foi estudado por André Luiz Jacobus e Marta Gazzaneo;
- o cálculo da população das áreas habitacionais e o estudo etnográfico foi de Pedro Ignácio Schmitz, que também respondeu pela coordenação, orientação e apresentação final do texto e das ilustrações.

3. O material lítico

3.1. O procedimento

As peças líticas foram estudadas individualmente, sendo que para cada uma delas as informações procuradas foram as seguintes: tipo de matéria prima; tecnologia de produção; retoque ou marcas de uso do instrumento; relacionamento das peças de cada habitação, com vistas ao grau de transporte das mesmas.

As classes encontradas em cada quadrícula foram lançadas em tabelas correspondentes com vistas a conseguir o valor numérico dos instrumentos existentes em cada quadrícula, bem como a quantidade dos tipos litológicos usados no fabrico dos mesmos.

Finalmente mapeamos todas as informações do material lítico nas respectivas quadrículas. Além dos mapas, contendo o valor numérico de cada tipo de instrumento, foi feito, para os fragmentos de pedra de fogão, seixos e seixos quebrados pelo fogo, um mapa mostrando a quantidade em peso existente em cada quadrícula. O resultado destes mapas foi semelhante ao dos anteriores, porém deixou mais evidências quanto à sua distribuição.

3.2. Material lítico não modificado intencionalmente, e não usado

Fragmentos naturais

São considerados fragmentos naturais aqueles que não apresentam cicatrizes de quebra relacionados com percussão, nem pelo contato com o fogo.

Nesta categoria encontram-se as seguintes matérias primas: laterita, arenito friável e silicificado, sílica amorfa, quartzo e xisto.

Os fragmentos naturais de arenito friável apresentam uma forma arredondada, os de arenito silicificado, tabular, e os de laterita, irregular; nestes últimos está sempre presente o córtex natural.

Os fragmentos naturais de laterita possuem uma coloração ora vermelha, ora amarela forte. Sua dureza é 1 (um) na escala de Mohs, por isso, o simples contato mancha as mãos. A coloração destes fragmentos é resultante da ferralitização que sofreu a rocha original.

Os fragmentos naturais possuem tamanhos pequenos e médios. (**Nota**)

Cristais

Nesta categoria estão incluídos os cristais naturais de quartzo hialino e esbranquiçado. Estes cristais ora apresentam as pontas e arestas quebradas, ora não. As pontas quebradas não parecem estar associadas a percussão, sugerindo, assim, que a quebra tenha se dado naturalmente.

Possuem em média 2,2 cm de comprimento, 0,9 cm de largura e 0,7 cm de espessura.

Seixos

A matéria prima encontrada foi: basaltóide, arenito silicificado, sílica amorfa e laterita.

Estes seixos não apresentam marcas de utilização; para a determinação do tamanho foi usado o mesmo padrão de medidas; conseqüentemente encontraram-se seixos pequenos, médios e grandes.

Nota: O padrão de medidas usado para um grande número de materiais foi o seguinte: as peças que cabem num círculo com 5 cm de diâmetro foram consideradas pequenas, as que cabem num de 10 cm de diâmetro, médias, e as que ultrapassam este limite foram consideradas grandes.

Seixos quebrados pelo fogo

As matérias primas encontradas nesta classe foram: basaltóides e arenito silicificado.

Estes seixos possuem cicatrizes de desprendimento de fragmentos devido ao aquecimento; às vezes o córtex natural está encoberto por cinzas ainda aderentes.

Num dos seixos observou-se pintura vermelha sobre o córtex natural.

Há seixos quebrados pelo fogo de tamanho pequeno, médio e grande.

Seixos rachados

São de basalto afanítico.

Caracterizam-se por serem alongados ou tabulares e por possuírem quebras (provavelmente resultantes do fogo) de forma plana. Esta fratura se dá, geralmente, no sentido longitudinal.

Apenas dois seixos rachados apresentaram marcas de uso ou retoque. Com a quebra formou-se uma aresta mais ou menos cortante e esta, nos dois casos, apresenta marcas de utilização como os raspadores. (Estampas do material lítico:28)

Encontramos os tamanhos pequenos e médios.

Fragmentos de pedras de fogão

As peças que compõem esta classe são de basaltóide, arenito friável, arenito silicificado e "tacuru" (concreção de Mn e matéria orgânica).

Estes fragmentos possuem como característica principal as cicatrizes de destacamento pelo fogo; possuem também uma forte alteração (oxidação) acompanhada de cinzas, provocadas pelo contato com o mesmo, na superfície externa.

Há um grande predomínio de fragmentos de pedra de fogão de basaltóides sobre os de arenito.

Não raramente, nos blocos de basaltóides, aparecem vesículas, cuja quantidade é variável. Estas vesículas ora estão sem preenchimento, ora preenchidas por sílica, podendo em alguns casos serem consideradas como amígdalas. A presença das estruturas acima favorece que a rocha se fracture com maior facilidade, isto é, a presença de vesículas fornece à rocha zonas de fraqueza para o fraturamento. Analisando-se a rocha macroscopicamente podemos ver que a mineralogia é constituída por plagioclásio, que ocorre na rocha sob a forma de pequenas palhetas de tamanho até 0,3 mm, envoltos numa matriz afanítica. Em alguns exemplares de rocha está presente pequena porção de sílica. É provável que a presença

dos cristais de plagioclásio também ofereça zonas de fraqueza às rochas, pois foi possível observar tanto maior irregularidade nas fraturas quanto maiores se apresentavam os cristais.

De modo geral predominam os basaltos vesiculares. Os fragmentos de pedra de fogão de "tacuru" possuem densidade baixa e cor escura; são raramente encontrados. Há também um geodo quebrado com forma aproximadamente globular, de tamanho médio e com cinzas sobre o córtex, sugerindo uso como suporte de panela. Uma peça de arenito classificada nesta categoria apresenta, além das características de contato ao fogo, cicatrizes de destacamento através da percussão. Outra particularidade encontrada numa dessas peças foram marcas de uso como bigorna.

Devido ao fato de as peças terem formas muito irregulares, as dimensões foram tomadas usando o padrão de medidas; as dimensões encontradas são: pequenas, médias e grandes.

A composição de peças pode ser feita em apenas um caso e os fragmentos em questão pertenciam à mesma quadrícula. A recomposição, em geral, é dificultada pela irregularidade dos fragmentos.

3.3. Material lítico não modificado intencionalmente, mas usado

Fragmentos naturais

Foi denominado fragmento natural uma peça de cor rósea, que provoca um leve tingimento nos dedos.

Analisando-o com mais detalhe concluiu-se que se trata de um fragmento de argilito, que possui desgaste (polimento) em pelo menos duas faces.

O tamanho é pequeno.

Seixos intermediários

Todos são de basaltóide.

São seixos alongados, que possuem como característica principal marcas de percussão em um ou nos dois extremos segundo o maior alongamento.

Supõe-se que estes seixos tenham sido usados entre o percutor e o núcleo, para a extração de lascas controladas.

Nos casos em que o seixo apresenta marcas de utilização somente num dos polos, sugerimos que o percutor possui menor resistência que a rocha, como por exemplo a madeira.

Os tamanhos encontrados são: pequeno, médio, grande (Estampas do material lítico: 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10).

Seixo quebrado por percussão

Apenas dois seixos representam esta classe, um de basaltóide e o outro de laterita.

Ambos possuem marcas de percussão, sendo que no seixo de laterita há cicatrizes de lascamento, enquanto que no de basaltóide houve apenas sua quebra ao meio.

O tamanho é médio.

Fragmento de percutor

São fragmentos de sílica, tanto amorfa como cristalina.

Possuem forma irregular e a superfície cortical apresenta-se geralmente com cicatrizes devido às percussões.

No plano de fratura dos fragmentos nota-se uma maior cristalização da sílica, o que provavelmente favoreceu o fraturamento.

As dimensões médias são: 6,0 cm de comprimento, 5,5 cm de largura e 2,5 cm de espessura.

Os **percutores quebrados**, comportando ao menos 50% da massa original, possuem características semelhantes às dos inteiros. Suas dimensões médias são as seguintes: 7,8 cm de comprimento, 6,5 cm de largura e 3,3 cm de espessura.

Percutores simples

São de basaltóide, sílica amorfa e arenito silicificado, sendo a forma globular ou discóide.

Há marcas de percussão na borda ou no lado, de forma generalizada. O percutor é seguro dentro da palma da mão, com os dedos circundando o artefato.

Os tamanhos médios são: 8,6 cm de comprimento, 7,0 cm de largura e 4,9 cm de espessura (Estampas do material lítico: 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21).

Percutores bipolares

As matérias primas são de basaltóide e sílica amorfa.

A forma típica é de um elipsóide alongado, sendo que geralmente os percutores bipolares são na realidade seixos rolados.

As marcas de percussão se encontram na face ou no lado, próximos às extremidades.

O percutor é seguro por uma das extremidades à maneira de cabo e a percussão é feita na outra extremidade.

Tamanho médio: 10,2 cm de comprimento, 5,8 cm de largura e 4,7 cm de espessura (Estampas do material lítico: 1, 4, 9, 11).

Percutor-bigorna

O material usado foi o basaltóide.

Este é um seixo formado por três faces planas, as quais podem servir perfeitamente de apoio ao mesmo.

O seixo apresenta marcas de uso como percutor nos seus dois polos dispostos segundo a maior dimensão. Na sua porção média, sobre a área de encontro de duas faces, há marcas de uso como bigorna que aparecem na forma de pequenos sulcos gerados pelos golpes. Marcas menos intensas de uso em outras faces também estão presentes.

Usando-se o padrão de medidas, o percutor-bigorna foi considerado grande (Estampas do material lítico: 11).

Alisadores em canaleta

São de arenito friável.

Caracterizam-se por possuírem sulcos em U, ou em calha. O comprimento destes sulcos é de no máximo 7,5 cm; a largura em geral é de 0,6 cm; a profundidade está em torno de 0,5 cm.

Apenas um sulco apareceu em V. Sua profundidade é de 0,4 cm, com largura de 0,6 cm. Um dos lados deste sulco está parcialmente desagregado (erodido).

Uma peça apenas apresentou uma de suas faces com polimento; isto sugere que o artefato antes de ser usado como alisador foi utilizado para polir.

Em média os alisadores em canaleta possuem as seguintes dimensões: 4,1 cm de comprimento, 3,0 cm de largura e 2,0 cm de espessura.

Freqüentemente os sulcos aparecem bruscamente interrompidos, dando a impressão de que o bloco original foi quebrado após seu uso para alisar.

As medidas tomadas da profundidade, largura, comprimento dos sulcos foram feitas sobre os alisadores que apresentavam as marcas de alisamento mais evidentes, pois alguns dos instrumentos já estão em processo de desagregação.

O arenito usado é próprio para abrasão; por essa razão e pela característica do sulco, estes poderiam ter sido usados como instrumentos para manufatura de tembetás (Estampas do material lítico: 58, 61, 63, 66).

Fragmentos de polidores

A matéria prima utilizada é o arenito friável, o arenito silicificado e o xisto.

Os fragmentos de polidores caracterizam-se por possuírem superfícies planas e planas-côncavas; em algumas peças o polimento apresenta-se em mais de uma face. Quando isto ocorre sempre há

diferentes graus de intensidade de utilização entre elas.

O fragmento de polidor de xisto apresenta uma pequena face lateral que, devido ao polimento, tornou-se côncava.

Apenas dois fragmentos de polidores puderam ser compostos; eles pertenciam a quadrículas diferentes e a matéria prima é o arenito silicificado.

As dimensões são as seguintes: o comprimento entre 12 e 1,8 cm, a largura entre 9,4 e 1,2 cm, a espessura entre 4,7 e 0,6 cm. As dimensões do polidor de xisto são: 10,0 cm de comprimento, 3,3 cm de largura e 2,0 cm de espessura (Estampas do material lítico: 60).

Fragmentos de "esteca" (pequeno alisador)

São de arenito friável e arenito silicificado.

Apresentam-se com alto grau de polimento e ao menos uma de suas arestas é formada por duas faces menores, também polidas, em bisel duplo.

Os fragmentos possuem 6,0 cm de comprimento, 5,0 cm de largura e 0,7 cm de espessura média (Estampas do material lítico: 62, 64, 65, 67, 68, 69).

Lascas-"esteca"

São de arenito friável.

Estas lascas resultam de percussão e apresentam parte do gume arredondado, sendo este desgaste muito semelhante ao dos fragmentos de "esteca"; pensa-se numa utilização idêntica.

As dimensões médias são: 7,8 cm de comprimento, 5,3 cm de largura e 1,3 cm de espessura.

Pilão (?)

Trata-se de um seixo de basaltóide, grande, que possui uma concavidade natural num de seus lados.

A profundidade da reentrância é de 2,0 cm na zona central, diminuindo em direção aos bordos; o diâmetro da depressão é de 13,0 cm aproximadamente (Estampas do material lítico: 19).

3.4. Material lítico modificado por lascamento

Núcleos simples

São de sílica amorfa, arenito silicificado e basaltóide.

Todos apresentam cicatrizes de percussão simples. As cicatrizes das lascas mostram que as mesmas são mais largas do que as bipolares e o lado oposto à plataforma de percussão apresenta um gume cortante.

A forma final de um núcleo simples é a de um paralelogramo, aproximadamente.

As dimensões, em média, são: 7,7 cm de comprimento, 4,9 cm de largura e 4,6 cm de espessura (Estampas do material lítico: 22, 25).

Núcleos bipolares

São todos de sílica amorfa.

Apresentam-se em vários estágios de lascamento, o que torna possível estabelecer uma seqüência esquemática para os mesmos.

Caracterizam-se por apresentarem dois pontos de percussão nos polos opostos entre si, bem como suas respectivas cicatrizes de lascamento. A forma mais típica é a tetraédrica.

Um dos polos do núcleo é o resultado da ação do percutor sobre o núcleo, enquanto que o outro resulta da ação do núcleo sobre a bigorna.

Apenas um núcleo apresentou uma aresta com o gume cortante e cicatrizes de microlascamento, o que pode evidenciar utilização.

As dimensões, em média, são: 4,0 cm de comprimento, 2,5 cm de largura e 1,5 cm de espessura (Estampas do material lítico: 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51).

Núcleo bipolar com picoteamento

É de quartzo hialino, e apresenta muitas faces naturais ainda preservadas.

Pode-se observar que o cristal foi percutido bipolarmente e, após, suas arestas mais proeminentes e algumas faces foram rebaixadas por picoteamento. Os golpes para o picoteamento provocaram o desprendimento de uma lasca no sentido transversal.

As dimensões são: 6,0 cm de comprimento, 2,5 cm de largura e 1,3 cm de espessura.

Cristal com picoteamento

É um cristal de quartzo hialino, que foi picoteado do mesmo modo como no caso do núcleo bipolar, porém este não apresenta marcas de ter sido percutido bipolarmente.

As extremidades apresentam-se quebradas. Uma delas revela desprendimento de lascas em apenas um dos lados, podendo sugerir o uso daquela extremidade para raspar.

As dimensões: 5,2 cm de comprimento, 2,6 cm de largura e 1,3 cm de espessura (Estampas do material lítico : 33).

Núcleo percutor

Esta classe está representada por apenas uma peça que é de sílica amorfa.

Possui córtex natural com marcas de uso como percutor, bem como cicatrizes de lascamento simples.

Pelo seu aspecto pensa-se que esta peça foi anteriormente um fragmento de percutor, sendo reaproveitada como núcleo.

Dimensões médias: 4,2 cm de comprimento, 3,5 cm de largura e 1,6 cm de espessura.

Seixo furado

É um seixo de arenito silicificado com uma forma discoidal, que está quebrado ao meio no sentido da menor dimensão.

Nas duas extremidades (superior e inferior) aparece um desgaste não natural, podendo indicar que o eixo estava sendo furado.

Este artefato é semelhante a outro, avulso, do mesmo sítio; este já estava completamente furado quando foi quebrado. É um seixo grande (Estampas do material lítico: 23, 24).

Fragmentos sem uso ou retoque

São de sílica amorfa, arenito silicificado, quartzo e xisto.

São considerados fragmentos somente aqueles que possuem marcas do destacamento de um núcleo ou outro fragmento; são relativamente poucos.

Não apresentam marcas de uso ou retoque.

Muitos desses fragmentos possuem córtex natural e apenas dois indicam terem sido submetidos a aquecimento.

Dimensões médias: 2,9 cm de comprimento, 1,6 cm de largura e 0,6 cm de espessura.

Fragmentos com uso ou retoque

São de sílica amorfa e xisto.

As marcas de uso ou retoque nos fragmentos de sílica amorfa aparecem na forma de cicatrizes de microlascamento, enquanto nos de xisto aparecem como as das estecas, isto é, um pequeno alisamento ao longo da aresta (gume).

Nenhum destes fragmentos apresenta córtex.

Dimensões médias: 4,5 cm de comprimento, 2,0 cm de largura e 1,2 cm de espessura (Estampas do material lítico: 59).

Lasca bipolar

São exclusivamente de sílica amorfa.

As lascas bipolares caracterizam-se por possuírem dois pontos de percussão opostos entre si, espessura fina e forma aproximadamente retangular.

Nenhuma dessas lascas apresenta marcas macroscópicas de utilização.

Provavelmente há mais lascas bipolares, que, por não possuírem as características acima, não foram incluídas nesta classe.

As dimensões médias são: 4,0 cm de comprimento, 2,3 cm de largura e 0,6 cm de espessura (Estampas do material lítico: 38).

Lasca sem uso ou retoque e com córtex

Estão presentes nas seguintes matérias primas: arenito silicificado, sílica amorfa e basaltóide e apresentam as mesmas características das lascas sem uso ou retoque e sem córtex.

As dimensões, em média, são: 4,7 cm de comprimento, 3,4 cm de largura e 1,1 cm de espessura.

Lasca com uso ou retoque e com córtex

A matéria prima é somente a sílica amorfa.

Geralmente são mais regulares do que as lascas sem utilização ou retoque.

As marcas de uso ou retoque aparecem sob a forma de cicatrizes de microlascamento.

Dimensões médias: 3,5 cm de comprimento, 2,9 cm de largura e 1,1 cm de espessura (Estampas do material lítico: 30).

Lascas sem uso ou retoque e sem córtex

Aparecem em arenito silicificado, sílica amorfa e basaltóide.

No arenito silicificado as lascas possuem bulbos bem evidentes e bordos cortantes. Há também algumas lascas com características de redução de bifaces.

Na sílica amorfa o bulbo geralmente não aparece com muita evidência e a forma é irregular.

Apenas uma lasca desta categoria apareceu sobre basaltóide. A forma da lasca é típica.

Dimensões médias: 2,9 cm de comprimento, 2,1 cm de largura e 0,6 cm de espessura.

Lasca com uso ou retoque e sem córtex

A matéria prima é o arenito silicificado e a sílica amorfa.

Geralmente são lascas mais regulares que as lascas sem utilização. A utilização aparece sob a forma de microlascamento.

Dimensões médias: 3,5 cm de comprimento, 2,5 cm de lar-

gura e 0,8 cm de espessura (Estampas do material lítico: 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41).

Fragmento originado por percussão (enxadinha)

Está representado por um fragmento de arenito silicificado.

O artefato possui cicatrizes de lascamento resultantes de percussão. A forma é tetraédrica, onde uma das arestas transversais ao comprimento está com marcas evidentes de uso ou retoque, idênticas às encontradas nas demais enxadinhas.

As dimensões são: 8,0 cm de comprimento, 3,6 cm de largura e 2,7 cm de espessura.

Enxadinhas

São feitas de arenito silicificado e basaltóide.

Estes artefatos possuem evidências acentuadas de encabamento, sendo as bordas correspondentes preparadas por lascamento; há também cicatrizes de lascas que poderiam ter-se originado por utilização do gume.

Possuem 9,0 cm de comprimento, 7,2 cm de largura e 4,0 cm de espessura, em média (Estampas do material lítico: 27, 29, 31).

Fragmentos com trabalho secundário

São de arenito silicificado.

Caracterizam-se por apresentarem marcas evidentes de trabalho secundário, o que indica estarem estas peças sendo preparadas como instrumentos.

As dimensões, em média, são: 7,5 cm de comprimento, 6,0 cm de largura e 2,5 cm de espessura.

Furadores

São todos de sílica amorfa.

Estes aparecem com sua forma típica, a fusiforme e com marcas de desgaste de diferentes graus de intensidade.

Este desgaste se dá pelo desprendimento de pequenas lascas ao longo da extremidade ponteaguda; o estudo dessas cicatrizes pode nos indicar a direção do giro, pois elas, em alguns casos, aparecem apenas numa das faces das arestas.

Dimensões médias: 4,3 cm de comprimento, 2,5 cm de largura e 1,3 cm de espessura (Estampas do material lítico: 52, 53, 54, 55, 56, 57).

Talão de instrumento lascado

Esta peça lítica é de basaltóide e corresponde à porção

superior de um instrumento com dispositivo de encabamento. Afirma-se isto por ela possuir cicatrizes de lascas, cujo objetivo foi preparar o instrumento para o encabamento.

As superfícies do talão apresentam-se oxidadas.

Possui 9,8 cm de comprimento, 8,2 cm de largura e 3,4 cm de espessura (Estampas do material lítico: 26).

3.5. Material lítico modificado por polimento e picoteamento

Lasca de instrumento polido

São feitas de basaltóide com uma granulação mais uniforme que os basaltóides usados em outros artefatos.

Estas lascas apresentam faces bem polidas e em algumas destas pode-se observar uma aresta aguda provocada pelo polimento (gume), o que nos indica terem se originado pelo retoque, ou reativação, de uma lâmina de machado.

Dimensões médias: 4,2 cm de comprimento, 3,0 cm de largura e 0,6 cm de espessura.

Lasca de instrumento polido com trabalho secundário

É uma lasca de basaltóide que numa de suas superfícies apresenta polimento, indicando ter sido de instrumento polido. Na superfície oposta ocorre um retoque grosseiro formando um pequeno gume denticulado.

As dimensões: 4,0 cm de comprimento, 3,0 cm de largura e 0,9 cm de espessura.

Fragmento picoteado

É um fragmento de quartzo hialino, cujas arestas naturais foram levemente rebaixadas, gerando uma superfície semiesférica, para que estas arestas se tornassem zonas de fraqueza do cristal durante a abrasão. Algumas de suas faces naturais ainda estão preservadas.

O comprimento é de 2,4 cm, a largura de 2,1 cm e a espessura de 1,3 cm (Estampas do material lítico: 32).

Ver Adendo A, p. 126.

3.6. Os usos da matéria-prima, os objetos produzidos e suas funções

A tabela mostra a utilização das matérias-primas recorrentes.

Os materiais mais abundantes, por unidade e por peso, são os fragmentos de pedra-de-fogão e os seixos. Estes poderiam ter, entre outras, as funções de pedra-de-fogão e de reserva de matéria-prima.

Se comparamos o total dos artefatos identificados dentro desses espaços habitados com as amostras de artefatos resultantes de coletas superficiais (p.ex. De Masi e Schmitz, 1987), observamos uma grande diferença. Na escavação não aparecem, em grande quantidade, lâminas polidas ou lascadas de machado, geralmente representativas em coletas superficiais. Pode haver diversas razões para essa diferença: eles foram recolhidos anteriormente, na medida em que o cultivo da terra os colocou na superfície, eles são relativamente escassos dentro dos recintos habitados, ou nas coletas superficiais de outros sítios os artefatos pequenos foram insuficientemente coletados.

Outros artefatos são desproporcionalmente abundantes, como os alisadores-em-canaleta, os polidores, percutores e lascas, e mostrariam mais claramente as atividades domésticas.

Alguém poderia dizer que os objetos pequenos ficaram dentro da habitação, ao passo que os grandes foram retirados nas sucessivas limpezas e arrumações. Respondemos: a quantidade de lixo grande dentro dos espaços habitados é tão visível, bastando lembrar os 36.000 cacos de cerâmica e a enorme quantidade de fragmentos de pedra, que esta explicação não parece adequada. Parece antes que estes materiais podem ser usados para nos proporcionar uma idéia das atividades desenvolvidas dentro das casas, ligadas a corte, abrasão, perfuração, percussão de materiais diversos, preparo e consumo de alimentos, preparo e utilização de cerâmica.

Haveria uma pergunta final, sobre as funções dos artefatos em pedra, mas não tínhamos indicadores para responder. Uma aldeia de horticultores, como a estudada, embora use a pedra menos intensamente que um acampamento de caçadores, pode servir-se dela de múltiplas formas: para abrir clareiras na mata; para conseguir material vegetal para construção de casas, produção de móveis, armas e utensílios, para armazenagem de lenha que manterá o fogo aceso: os artefatos principais seriam machados, machadinhas, lascas. Para manter mais tempo o calor do fogão e sustentar as panelas: pedra-de-fogão e seixos. Para múltiplos usos de cortar, furar, aplanar: lascas uni e bipolares, furadores. Preparar pe-

TABELA 1: MATERIAL LÍTICO

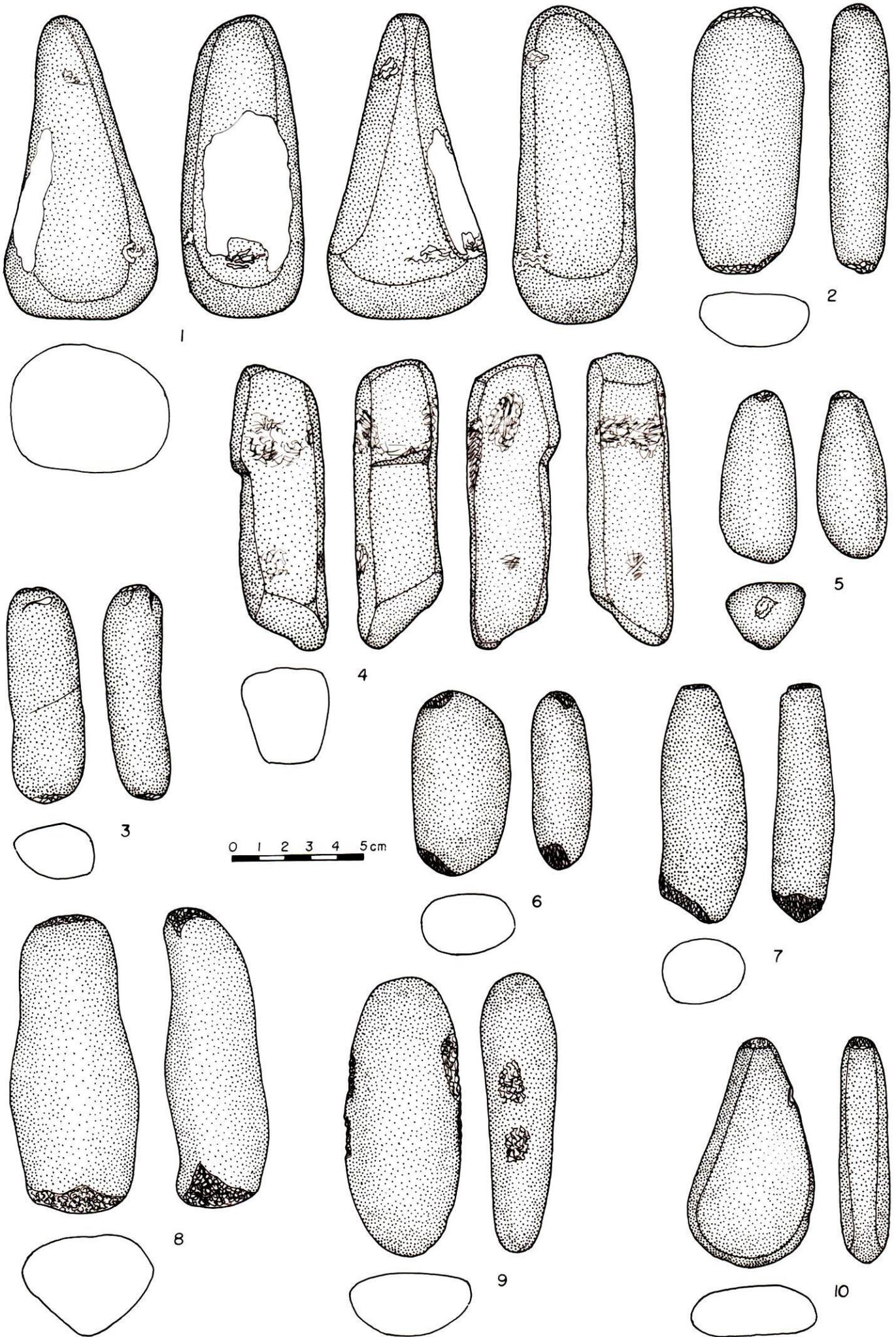
INSTRUMENTOS	MATÉRIA PRIMA		Arenito Frível			Arenito Silicificado			Quartzo			Sílica Amorfa			Basaltoide			Latente			Xisto			Tacuru			Rocha Alterada			Argilito			Total			Total Geral
	HABITAÇÃO		A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	
Fragmentos Naturais			65	65	16	07	03	02	02			05		02			12	392	80		01		02			01			73				472	148	108	728
Cristais									16		06																						16		06	22
Seixos					02	27	08	03				12	08	21	217	200	260	01	01											03			257	217	289	763
Seixos quebrados pelo fogo						14	02	01						01	67	75	98																81	77	100	258
Seixos rachados															05	07	02													05	07	02	14			
Fragmentos pedra de fogão			113	47	77	51	15	75						02	572	293	224							07						743	355	378	1476			
Seixos intermediários						01									06	11	06													07	11	06	24			
Seixos quebrados por percussão								01								02			01												03	01	04			
Fragmentos de percutores									01	02	03	06	09	01																07	11	04	22			
Percutores quebrados									01	01			01																	01	02		03			
Percutores simples						01					01	03	02		03	02														07	04	01	12			
Percutores Bipolares													01		02		01													02	01	01	04			
Alisadores em canaleta			53	53	65																		01							53	53	66	172			
Fragmentos de polidores			44	24	26	10	09	06						01							01									55	33	33	121			
Fragmentos de "esteca"			02	04	04			01																						02	05	04	11			
Lasca - "esteca"				02																										02			02			
Núcleo simples						01						05	01	04		01	01													05	03	05	13			
Núcleos bipolares											01	11	11	16*																11	11	17	39			
Núcleos percutores													01																	01						
Fragmentos sem uso ou retoques						08	06	10	09		03	39	18	43			01				02	01	01							58	25	58	141			
Fragmentos com uso ou retoques						01						02											02							03	02		05			
Lascas bipolares											01	01	03	17																01	03	18	22			
Lascas sem uso e com córtex						07	07	01					12	04		01	06													07	20	11	38			
Lascas com uso e com córtex													05																	05			05			
Lascas sem uso e sem córtex						22	12	05			03	60	14	18	05	01	03													87	27	29	143			
Lascas com uso e sem córtex						01						13	04																	14	04		18			
Fragmento originado por percus.(enxad.)								03																							03		03			
Enxadinhas								02																							02		02			
Fragmentos com trabalho secund.						02	02	01									01													02	02	02	06			
Furadores												03	04	02																03	04	02	09			
Talão de instrumento lascado																01	01													01	01		02			
Lascas de instrumentos polidos															05	01	03													05	01	03	09			
Fragmentos de instrumentos polidos																																02	02			
Fragmentos picoteados									01		01																			01		01	02			
Cristal picoteado											01																					01	01			
Pilão																	01															01	01			
Seixo furado								01																								01	01			
TOTAL			277	195	190	152	71	106	30	03	20	160	94	132	663	595	622	393	82		04	03	04	07		01			73			03	1905	1043	1151	4099

* com marca de uso

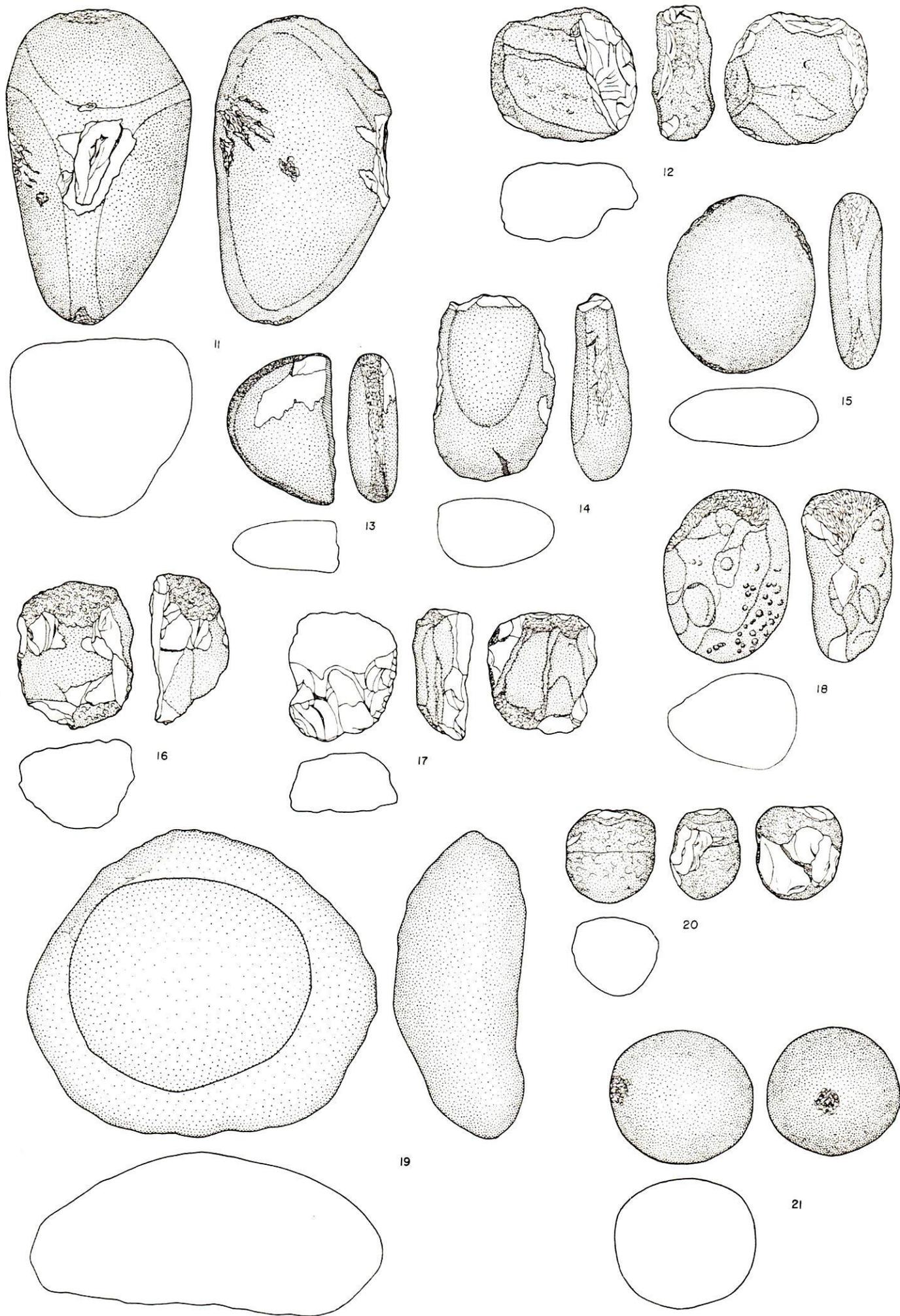
quenos objetos cilíndricos ou cilíndricos apontados: alisadores-em-canaleta. Para desgastar material por abrasão: alisadores e estecas. Para retalhar seixos e pequenos blocos rochosos ou minerais: percutores e suportes de percussão. Para moer ou esmagar alimentos: pilão. Para produzir pigmentos vermelhos ou alaranjados: seixos aquecidos ao fogo. Cristais picoteados ou polidos: enfeites de lábio ou de nariz. Para tortual de fuso (?): seixos furados. Como, além desse instrumental relativamente simples não há quase instrumento em osso, devemos pleitear um grande número de instrumentos e utensílios em fibra vegetal, que seria usada para tecelagem, trançado, produção de armas, instrumentos e utensílios variados.

As matérias-primas foram recolhidas em função dos artefatos a serem produzidos, atendendo às suas características de forma e qualidade: quase todas elas estariam disponíveis a pequenas distâncias, no leito do rio, ou nos seus terraços, talvez algumas tivessem de ser trazidas da encosta do planalto próximo.

O arenito friável, que aparecia como fragmentos pouco arredondados, era usado como pedra-de-fogão e abrasador. O arenito, mais ou menos silicificado, que se apresenta como seixos rolados, pelas suas qualidades intrínsecas e sua forma, tinha usos muito variados. O quartzo, recolhido sob a forma de seixo ou de cristal, não era usado com frequência. Já a sílica amorfa, disponível na forma de seixos, teve uso tão variado como o arenito silicificado. Os basaltóides, sob a forma de seixos ou fragmentos menos arredondados, parecem ter sido usados principalmente nos locais das fogueiras, como seixos intermediários e percutores, mas perdendo neste último item para a sílica amorfa. Os fragmentos de basaltóides escuros e com grandes cristais, pareciam especialmente adequados para manter a temperatura nos locais das fogueiras. A laterita, que aparece como fragmentos, praticamente não foi usada. O xisto, pouco disponível, podia servir como abrasador fino. Por último, os poucos fragmentos de tacuru, com características semelhantes aos basaltóides, eram usadas como pedra-de-fogão.

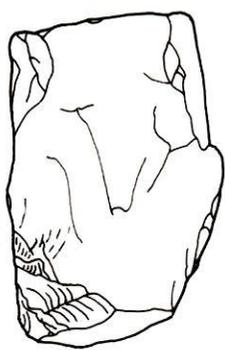
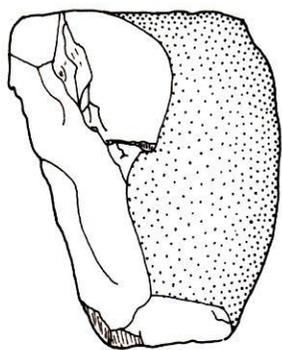


ESTAMPA 4

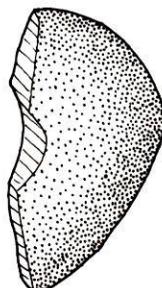
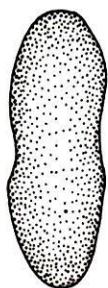
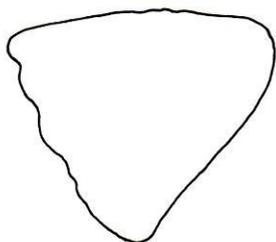


ESTAMPA 5

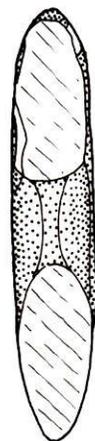
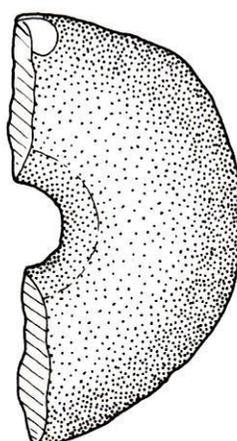
31



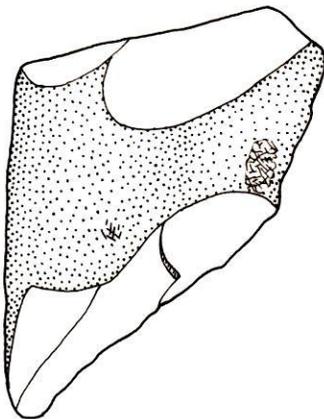
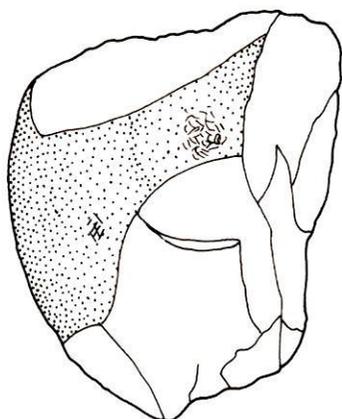
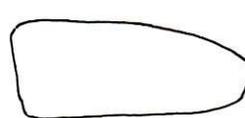
22



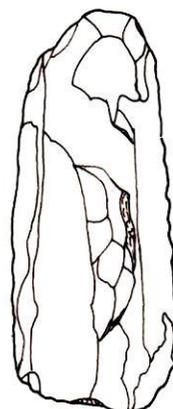
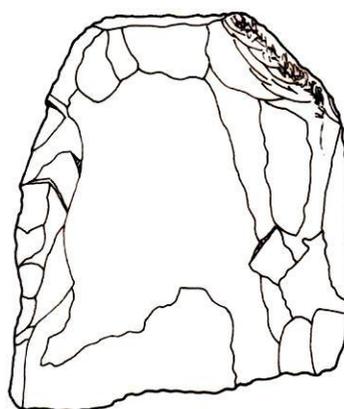
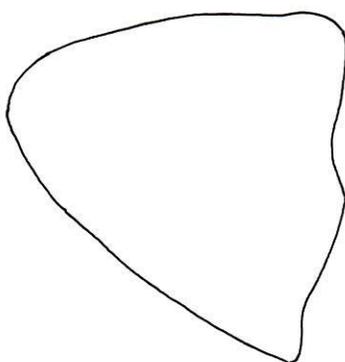
23



24



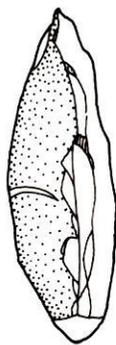
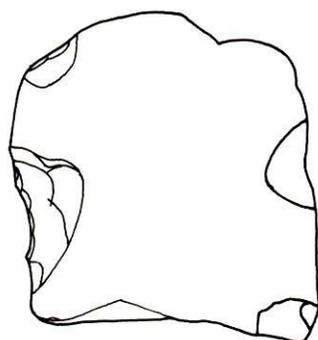
25



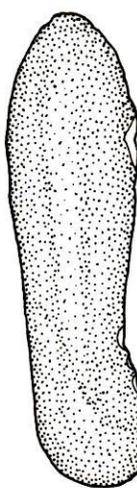
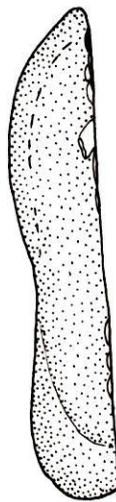
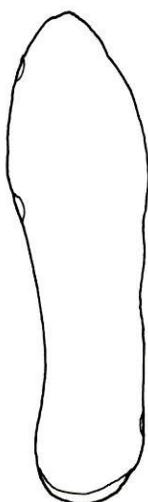
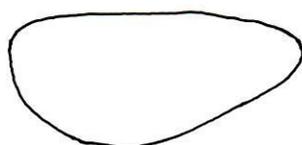
26



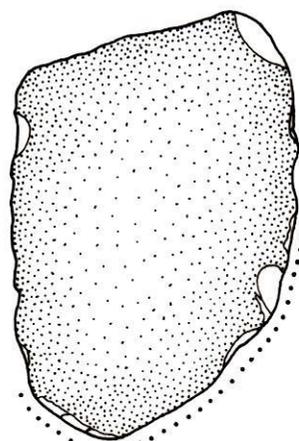
0 1 2 3 4 5 cm



27

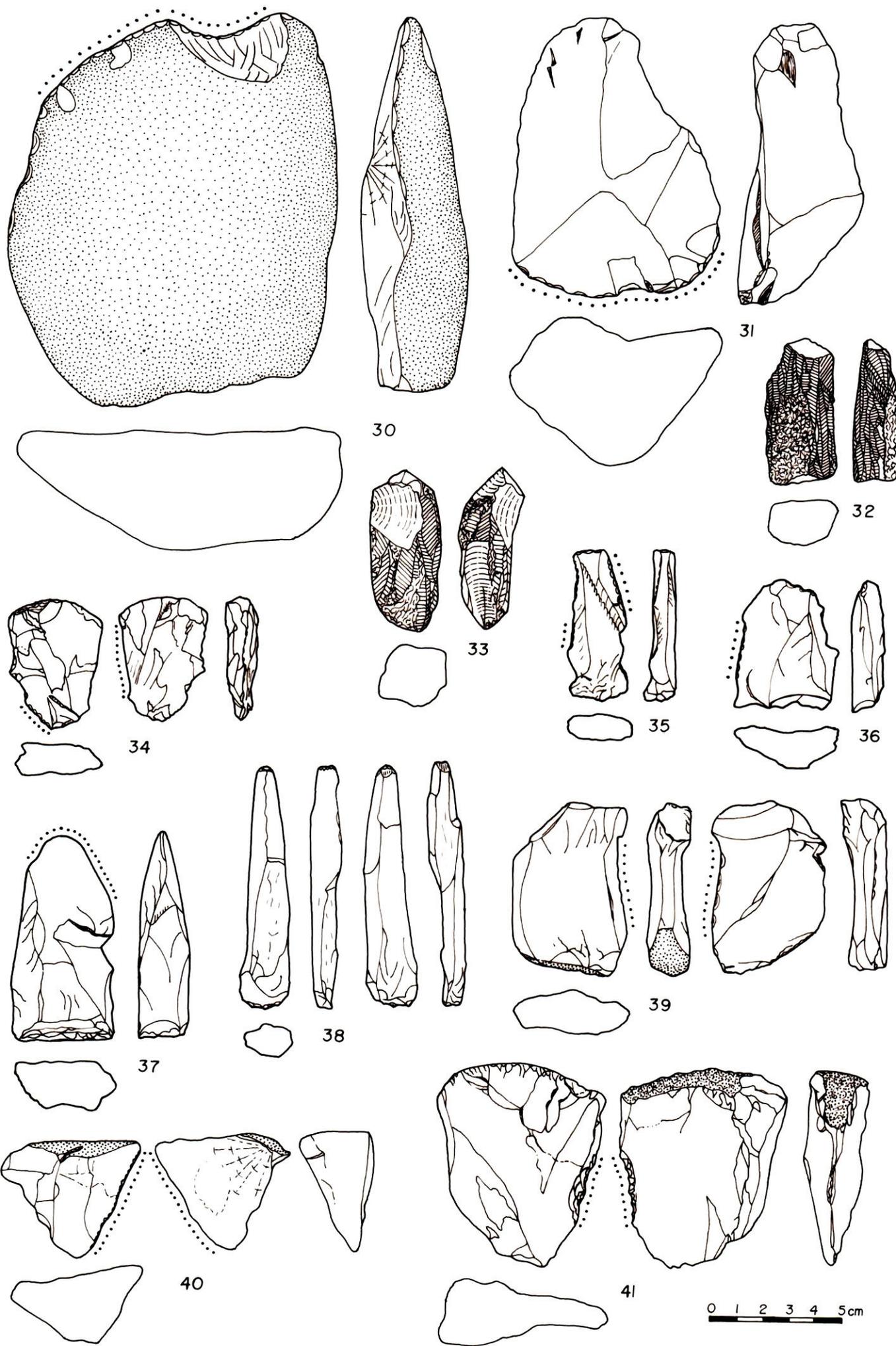


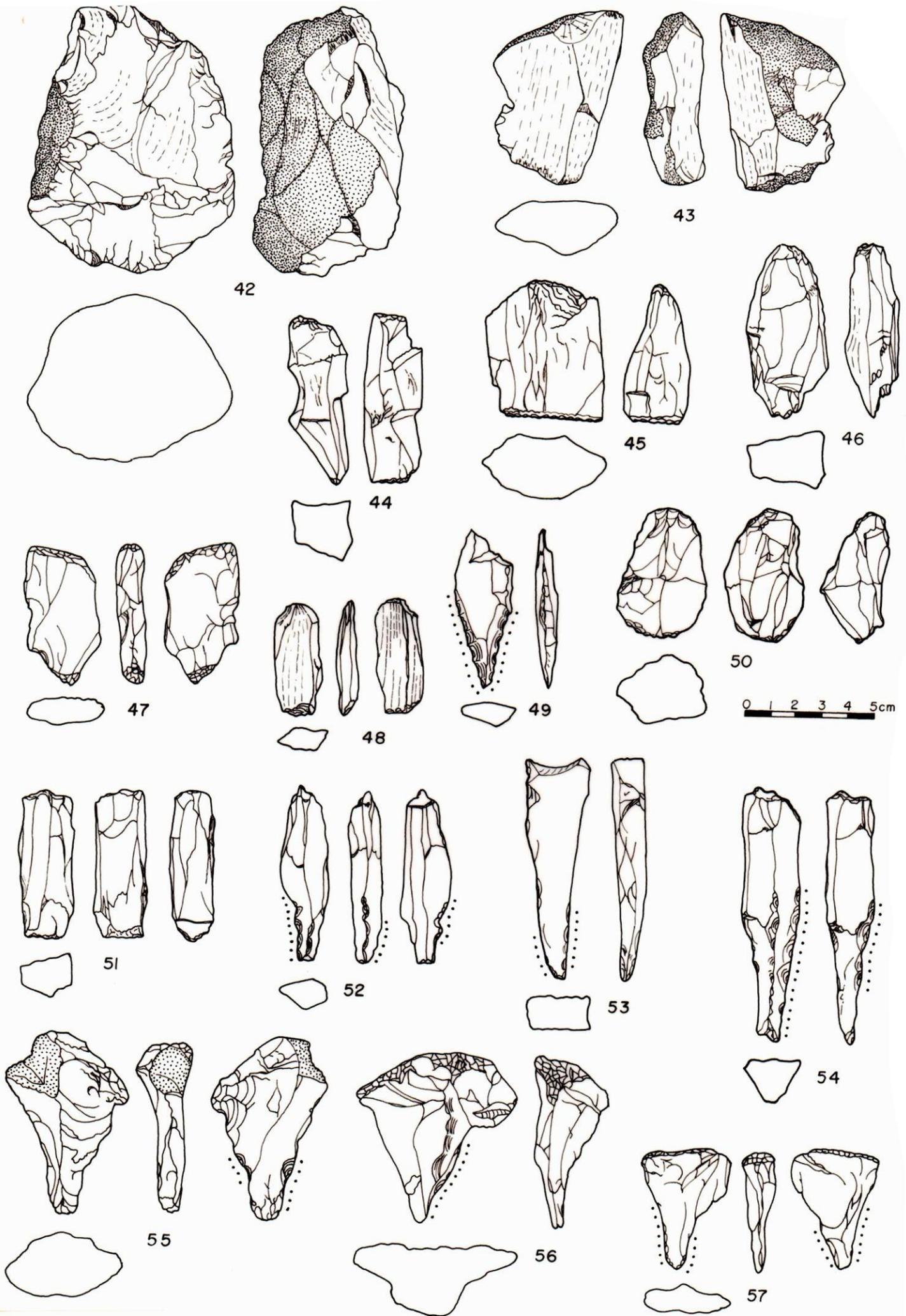
28

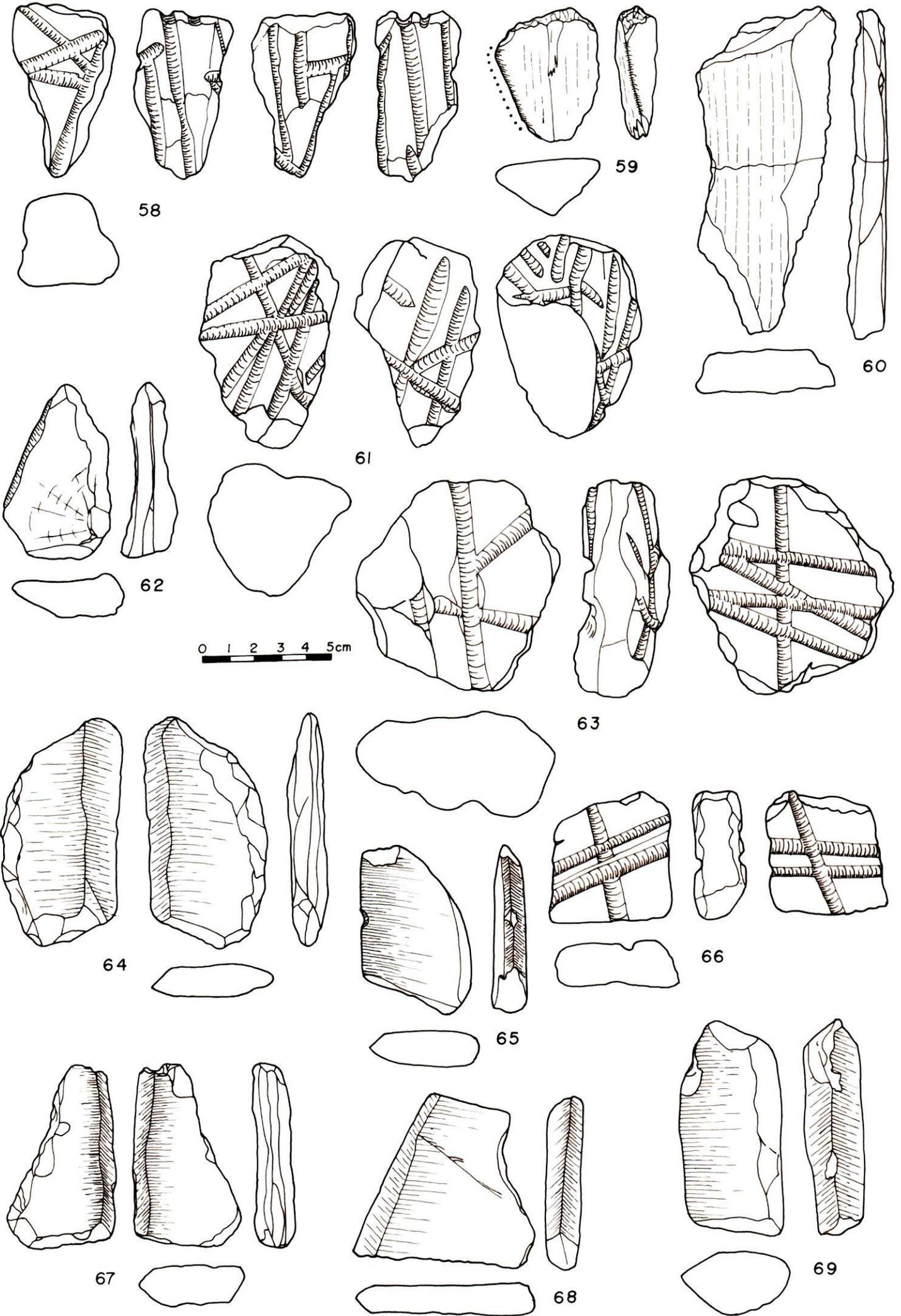


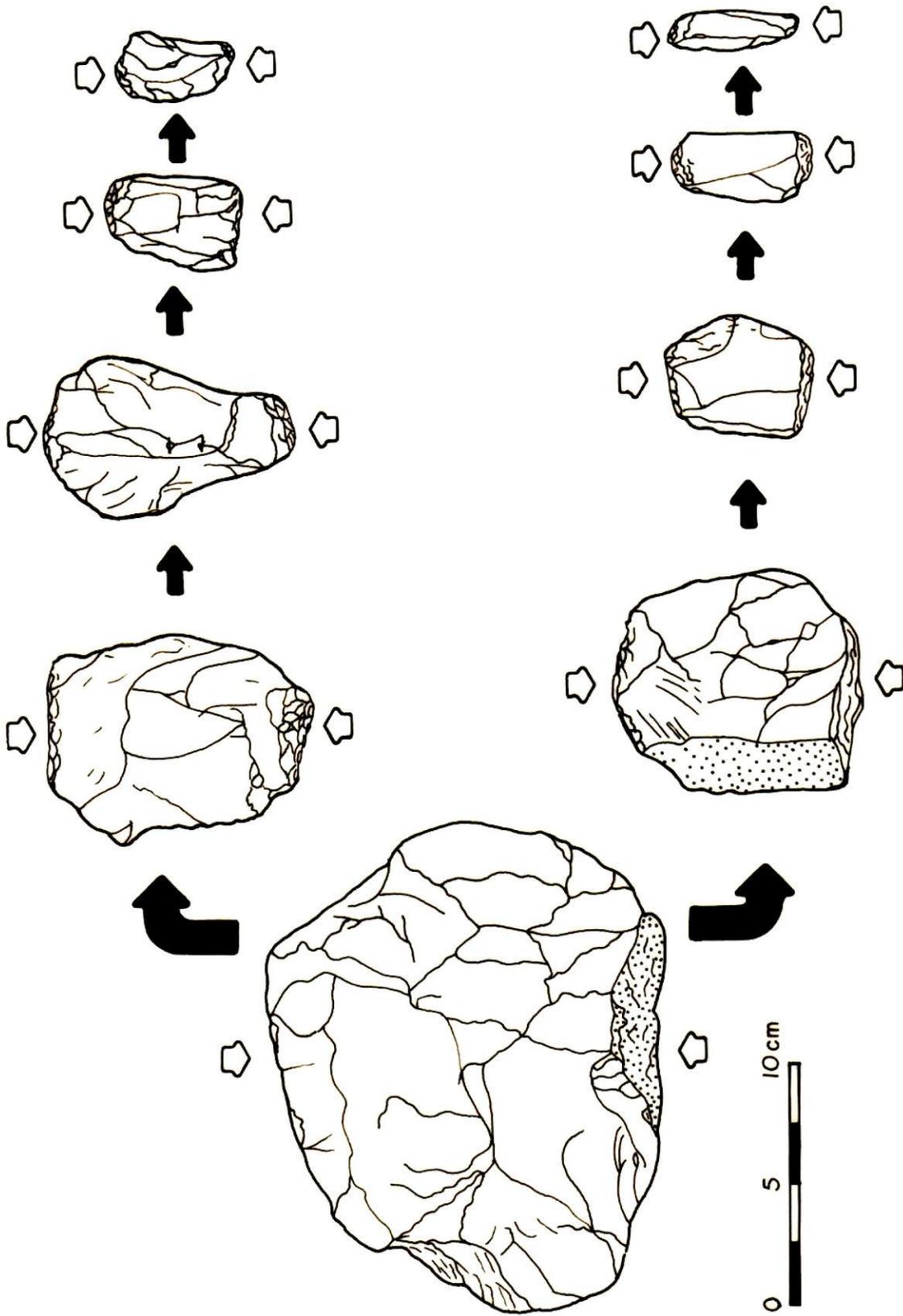
29



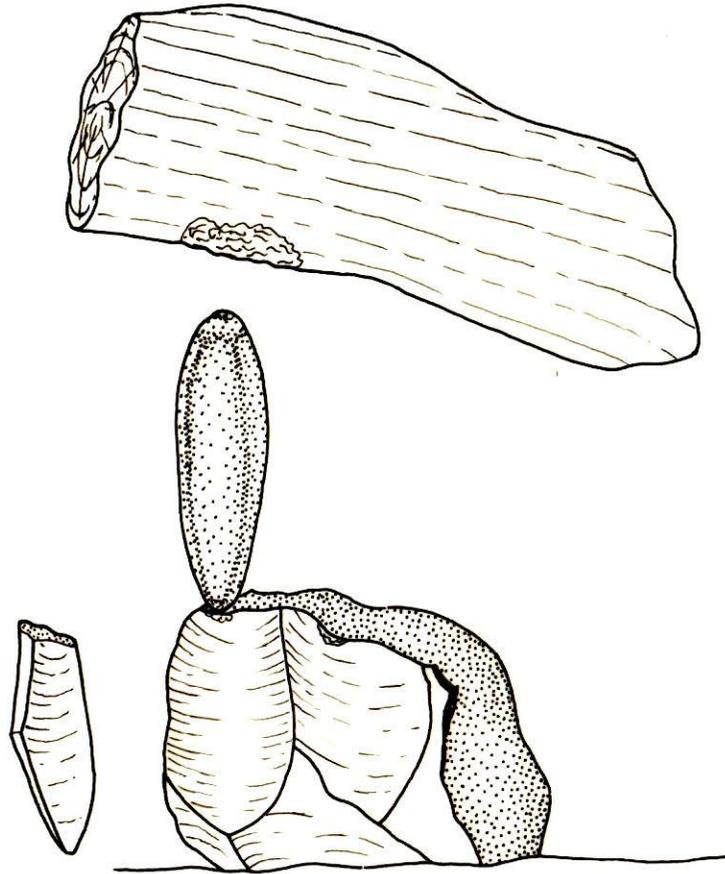




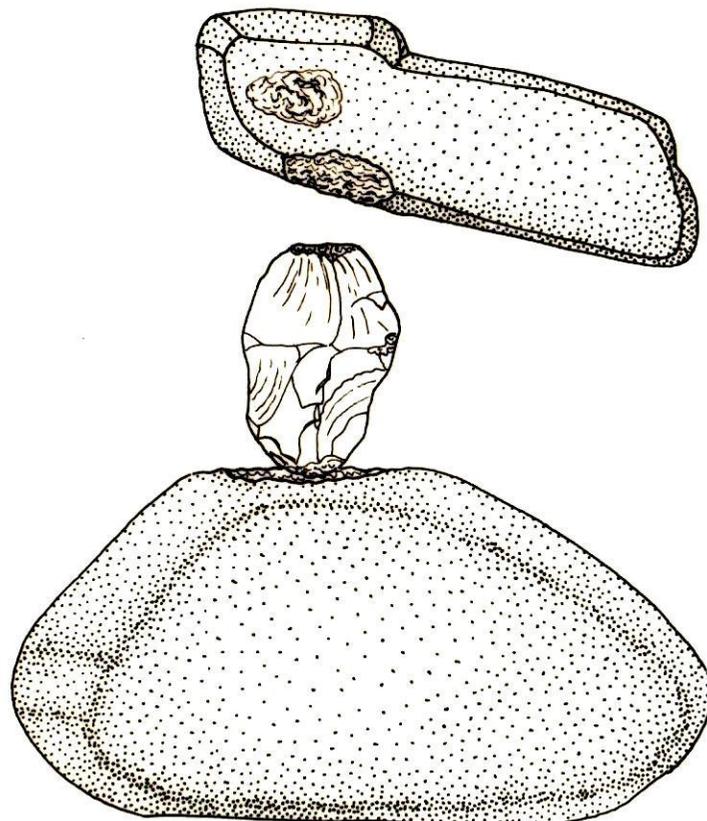




ESTAMPA 10: As diversas etapas de um núcleo bipolar



ESTAMPA 11: Uso presumido do seixo intermediário



ESTAMPA 12: Percutor, núcleo e bigorna e seu uso no retalhamento bipolar.

Ilustração do material lítico

1. Percutor bipolar. Basalto. Casa A.
2. Seixo intermediário. Basaltóide. Casa A.
3. Seixo intermediário. Basaltóide. Casa A.
4. Percutor bipolar. Basaltóide. Casa A.
5. Seixo intermediário. Basaltóide. Casa A.
6. Seixo intermediário. Arenito silicificado. Casa C.
7. Seixo intermediário. Basaltóide. Casa C.
8. Seixo intermediário. Basaltóide. Casa C.
9. Percutor bipolar. Basaltóide. Casa C.
10. Percutor intermediário. Arenito. Casa A.
11. Percutor bipolar. Basaltóide. Casa B.
12. Percutor. Ágata. Casa A.
13. Percutor. Basaltóide. Casa B.
14. Percutor. Basaltóide. Casa B.
15. Percutor. Basaltóide. Casa B.
16. Percutor. Calcedônia. Casa B.
17. Percutor. Calcedônia. Casa A.
18. Percutor. Ágata. Casa B.
19. Pilão (?). Basaltóide. Casa C.
20. Percutor. Ágata. Casa A.
21. Percutor. Basaltóide. Casa A.
22. Núcleo. Basaltóide. Casa B.
23. Seixo furado. Arenito silicificado. Casa C.
24. Seixo furado. Arenito. Casa C.
25. Núcleo-bigorna. Arenito silicificado. Casa A.
26. Talão de artefato lascado. Basaltóide. Casa B.
27. Enxadinha. Arenito silicificado. Casa B.
28. Seixo rachado com marcas de uso. Basaltóide. Casa B.
29. Enxadinha. Basaltóide. Casa B.
30. Lasca cortical com trabalho secundário e marcas de uso. Arenito silicificado. Casa A.
31. Enxadinha. Arenito silicificado. Casa B.
32. Cristal com alisamento. Quartzo hialino. Casa C.
33. Núcleo bipolar com picoteamento. Quartzo hialino. Casa C.
34. Lasca com marcas de uso. Ágata. Casa B.
35. Lasca com marcas de uso. Ágata. Casa A.
36. Lasca com marcas de uso. Ágata. Casa A.
37. Lasca com marcas de uso. Ágata. Casa A.
38. Lasca bipolar. Ágata. Casa A.
39. Lasca com marcas de uso. Ágata. Casa A.

40. Lasca com marcas de uso. Arenito. Casa A.
41. Lasca com marcas de uso. Ágata. Casa B.
42. Núcleo bipolar. Ágata. Casa B.
43. Núcleo bipolar. Ágata. Casa C.
44. Núcleo bipolar. Ágata. Casa A.
45. Núcleo bipolar. Ágata. Casa A.
46. Núcleo bipolar. Ágata. Casa B.
47. Núcleo bipolar. Ágata. Casa C.
48. Núcleo bipolar. Ágata. Casa C.
49. Furador. Ágata. Casa C.
50. Núcleo bipolar. Ágata. Casa B.
51. Núcleo bipolar. Ágata. Casa B.
52. Furador. Calcedônia. Casa A.
53. Furador. Ágata. Casa A.
54. Furador. Ágata. Casa A.
55. Furador. Ágata. Casa B.
56. Furador. Ágata. Casa A.
57. Furador. Calcedônia. Casa A.
58. Afiador em canaleta. Arenito. Casa C.
59. Fragmento com marcas de uso. Xisto. Casa B.
60. Polidor. Arenito silicificado. Casa B.
61. Afiador em canaleta. Arenito. Casa A.
62. Esteca. Arenito. Casa B.
63. Afiador em canaleta. Arenito. Casa A.
64. Esteca. Arenito. Casa A.
65. Esteca. Arenito. Casa C.
66. Afiador em canaleta. Arenito. Casa A.
67. Esteca. Arenito. Casa B.
68. Esteca. Arenito. Casa A.
69. Esteca. Arenito.

4. A cerâmica

4.1. Produção

A cerâmica do sítio é típica da tradição Tupiguarani e apresenta as mesmas características já publicadas inúmeras vezes para a subtradição Corrugada do sul do Brasil.

Dela fazemos aqui uma descrição sumária, não destinada a servir basicamente, como era usual, dentro de uma seriação para estabelecimento de cronologia com outros sítios do mesmo vale, estudados por Ribeiro (1978), mas à apresentação da multiforme variedade de formas e decorações e sua distribuição dentro do espaço habitado.

Baseados na evolução do tratamento da superfície dos vasilhames, elaborada por Schmitz, Brochado, Ferrari (inédito), pensamos que o sítio pertence à transição do clímax da subtradição Corrugada para o seu período decadente, estimando-se que o sítio teria existido como aldeia no começo do segundo milênio de nossa era.

Os vasilhames foram produzidos usando a técnica de roletes sobrepostos e firmados uns contra os outros; a maior parte dos vasilhames apresenta na superfície externa corrugações regulares, resultantes da pressão feita com o polegar (ou eventual substitutivo) sobre os sucessivos roletes, ligando-os aos imediatamente anteriores; em todos os casos (salvo muito raras exceções) os roletes foram obliterados na superfície interna e muitas vezes na externa, alisando-se as superfícies correspondentes. Na interna geralmente se produz um alisamento melhor, que proporciona razoável impermeabilização das paredes, cobertas por fina camada de argila agregada ou simplesmente puxada do interior para a superfície. Sobre as paredes alisadas, ou partes delas, podem-se aplicar banhos ou engobes vermelhos ou brancos, usados como regularizadores mais refinados das superfícies, ou impermeabilizadores, sobre os quais se pintaram figuras, geralmente geométricas, zonadas ou não, em cores complementares (branco sobre vermelho), vermelho, e vermelho e preto sobre branco); algumas vezes se realizaram desenhos diretamente sobre superfícies alisadas. Sobre superfícies externas previamente alisadas também podem ser produzidas impressões com a borda da unha ou com algum estilete, pontilhando ou riscando. Raro é o escovado desta superfície. As diversas formas de acabamento da superfície podem ser encontradas tanto em vasilhames de tamanho pequeno, como médio e grande, havendo, entretanto, certa regularidade de formas e de acabamento.

Para a construção dos vasilhames parece que se usaram

simplesmente os sedimentos da várzea do rio, não se percebendo agregados claramente intencionais. Esta massa se compõe de argilas de mistura com areia fina e média, composta de grãos bastante arredondados de quartzo, menos freqüentemente de feldspato e raros grãos maiores de quartzo e óxido de ferro; nos recipientes maiores, de paredes mais grossas, nota-se a inclusão de pequenas bolotas de argila. Os elementos misturados apresentam-se pouco a medianamente densos e estão distribuídos regularmente na pasta, sendo pouco visíveis a olho desarmado. Entre eles ainda persistem restos carbonosos não totalmente gaseificados, devido à baixa temperatura da cocção; estes elementos carbonosos confirmam a utilização de sedimentos fluviais na produção da cerâmica.

A queima foi oxidante, incompleta, certamente em fogo aberto, que produziu temperaturas relativamente baixas e inconstantes. Como consequência só as partes externas das paredes estão oxidadas, assumindo uma coloração cinza escura, puxando para marrom, raramente para vermelho, ao passo que o núcleo permanece cinza; houve pouca fusão da massa, de maneira que o núcleo facilmente se esboroa em pequenos fragmentos irregulares. A dureza da argila queimada está ao redor de 3 graus, na escala de Mohs, algumas vezes um pouco mais.

Buscando indicadores para os nossos fins gerais separamos os cacos apenas de acordo com o tratamento da superfície, usando elementos que normalmente os colegas arqueólogos destacam (ver tabela). Primeiro temos um grande grupo de corrugados, mais altos (C_1), médios (C_2), baixos (C_3), com sobreposição de impressões da borda da unha (corrugado unguado), com saliências lineares horizontais, acompanhando os roletes (corrugado simples), com as mesmas saliências marcadas com a impressão da borda da unha (corrugado simples unguado), ou em forma típica, imitando a cobertura de um telhado de telha francesa (corrugado telhado, ou corrugado telhado unguado); as corrugações ainda podem ser longas e rasas, cobrindo às vezes mais de um rolete (corrugado espatulado); ou a pressão do dedo substituída pela de uma espátula (espatulado). Raramente os roletes, que compõem a parede do vasilhame, foram deixados intactos no lado externo (roletado).

Ao lado dos corrugados temos acabamentos plásticos sobre superfícies previamente alisadas: o unguado, o acanalado, o escovado e o impresso.

Como o material, devido às condições do solo, está bem conservado, pode-se constatar que a face interna (raramente também a externa) de uma pequena parte desses vasilhames foi engoba-

Quadro 1: **CACOS DE CERÂMICA PRESENTES NO SÍTIO**
Por tratamento de superfície

Corrugado I	41
Corrugado II	4.005
Corrugado II com vermelho interno	8
Corrugado II com branco interno	3
Corrugado III	9.350
Corrugado III externo e interno	1
Corrugado III com vermelho interno	109
Corrugado III com vermelho interno e externo	1
Corrugado III com branco interno	29
Corrugado ungulado III	7.572
Corrugado ungulado III com vermelho interno	161
Corrugado ungulado III com branco interno	41
Corrugado simples	16
Corrugado simples ungulado	16
Corrugado simples com vermelho interno	3
Corrugado telhado	3
Corrugado telhado ungulado	2
Corrugado telhado com vermelho interno	4
Corrugado espatulado	4
Ungulado	344
Ungulado com vermelho interno e externo	1
Roletado	11
Acanalado	8
Escovado	16
Espatulado	5
Impresso	7
Branco externo	2.374
Branco interno	1.138
Branco externo e interno	13
Branco externo com vermelho interno	78
Vermelho externo	58
Vermelho interno	1.386
Vermelho externo e interno	42
Vermelho externo com branco interno	16
Vermelho externo e interno inciso	6
Simple	6.035
Não classificados	3.093
TOTAL	36.000

da, ou engobada e pintada. Uma grande parte dos cacos apresenta ambas as faces apenas alisadas.

Os vasilhames de paredes internas e externas alisadas podiam ter uma cobertura parcial, raramente total, de engobe ou pintura. Geralmente o engobe ou pintura interna cobriam toda a superfície, ao passo que o engobe ou pintura externa costumavam cobrir a parte superior do vasilhame, permanecendo o resto simplesmente alisado; nesta parte inferior costumam encontrar-se as raras pinturas, feitas com a ponta do dedo, sobre superfícies simplesmente alisadas.

Tendo-se conservado bastante bem as cores em numerosos cacos, tivemos oportunidade de estudar os motivos decorativos, que mais adiante são descritos e classificados.

Também houve oportunidade de reconstituir um grande número de formas a partir das bordas; reproduzimos um grande número dessas reconstituições, buscando mostrar toda a gama das formas de uma aldeia.

4.2. Formas (quadro 2, tabela 2, estampas 13-25)

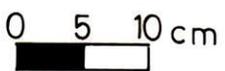
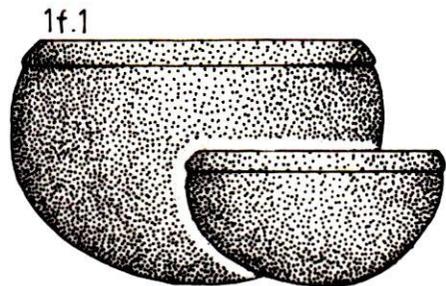
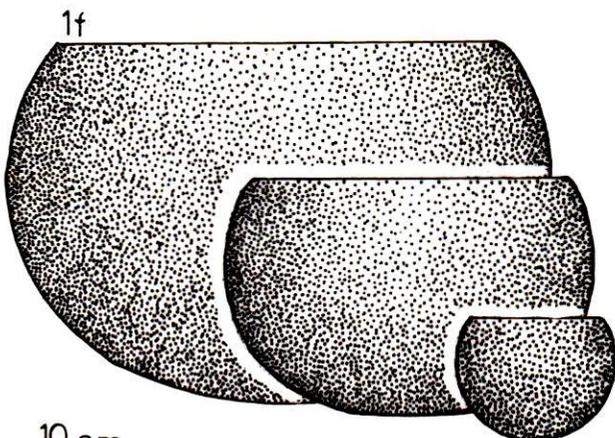
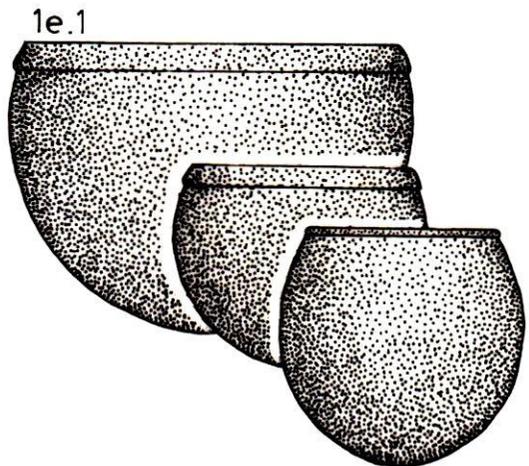
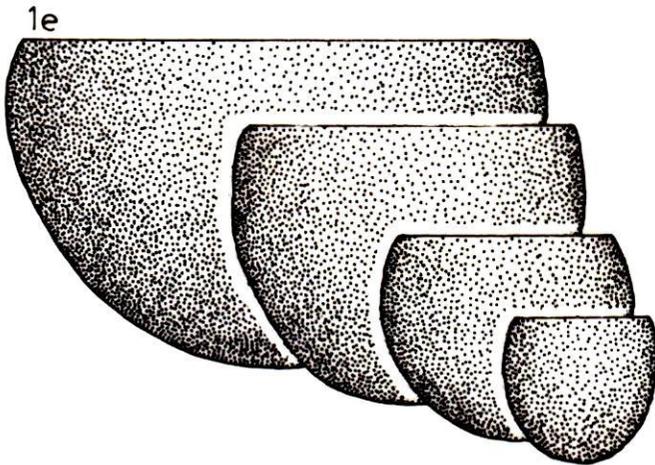
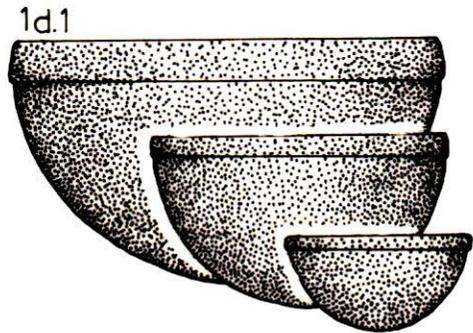
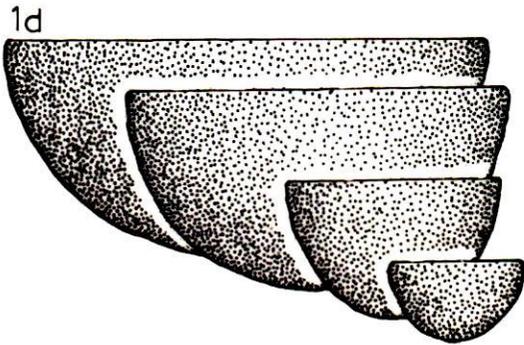
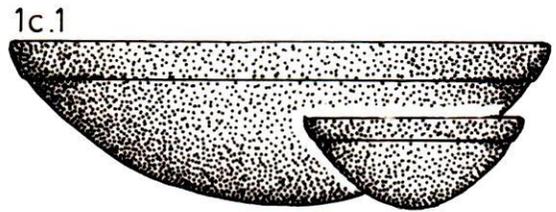
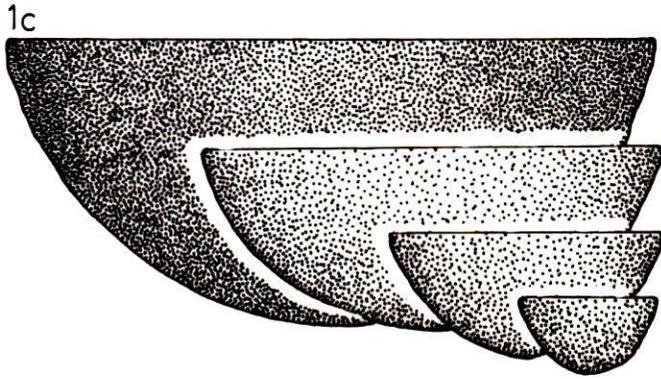
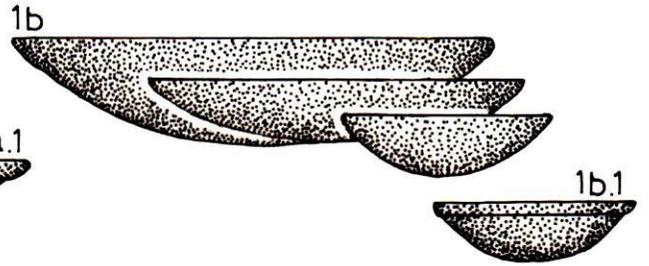
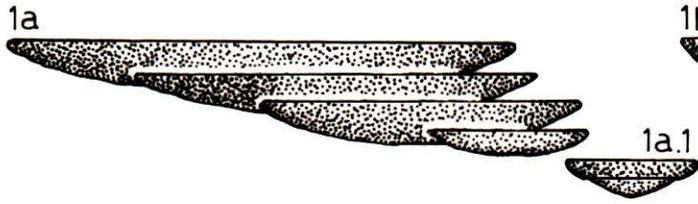
A organização das formas e bordas foi feita agrupando-as por semelhança de elementos, os quais foram explicitados no quadro adjunto e podem ser vistas nas estampas que acompanham o capítulo.

Devido a terem elementos comuns foi possível agrupar as bordas com tratamento de superfície simples, pintado e plástico dos números 1 a 3. O reforço da borda foi indicado com um segundo número arábico; este reforço é característico dos vasilhames com tratamento plástico.

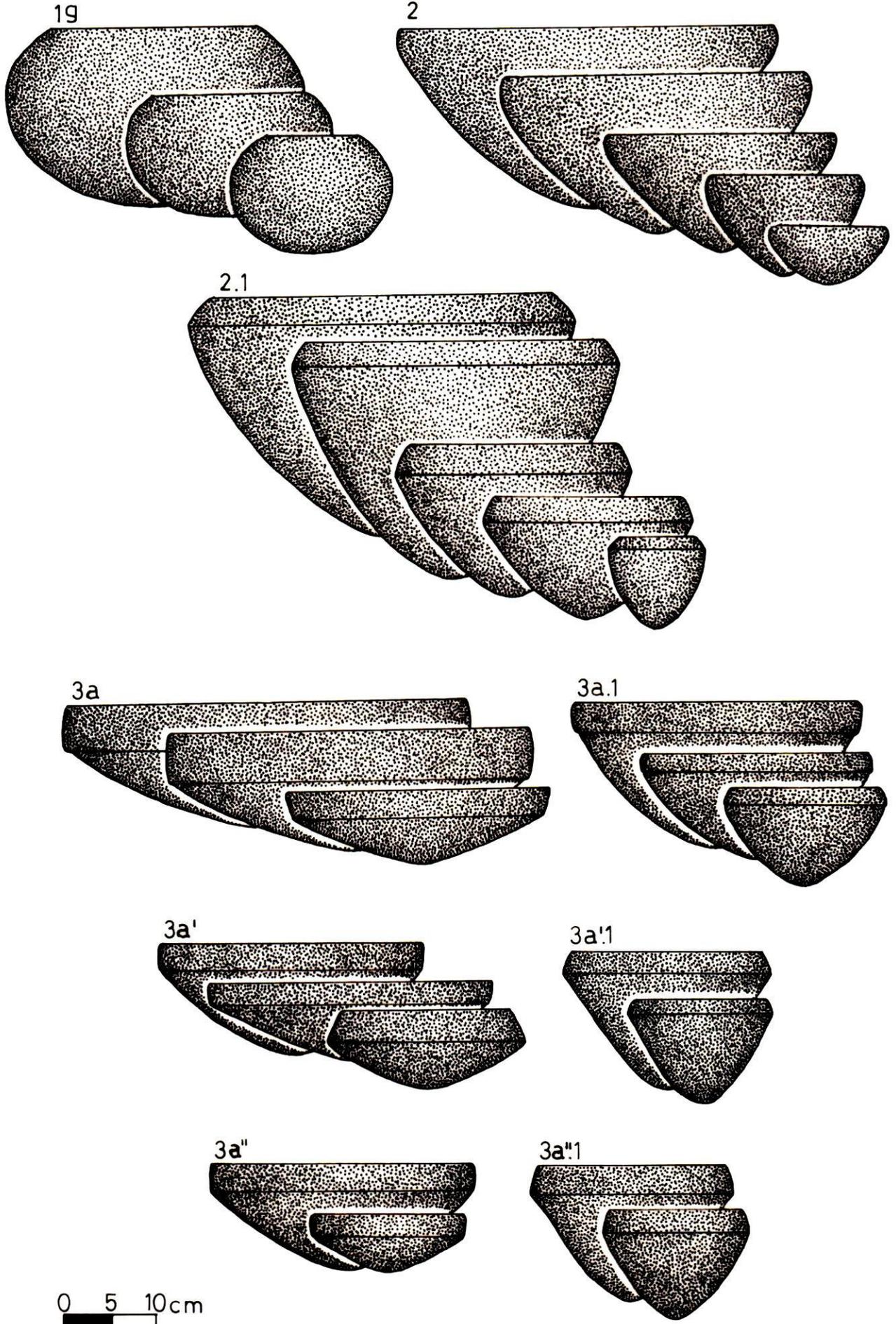
Os números de 4 a 13 são característicos dos vasilhames com acabamento da superfície plástica. Às vezes se parecem com os dos vasilhames pintados ou simples, porque os elementos classificatórios são comuns, mas de um modo geral se distanciam destes.

Finalmente os números P1 a P9 correspondem a vasilhames pintados; raramente a simples.

Com relação ao tratamento da superfície ou decoração dos números 1 a 3: os vasilhames pintados, apresentam-na na face interna, sendo mais frequentemente vermelho uniforme, menos frequentemente vermelho (e preto) sobre engobe branco. Determinadas formas com decoração plástica externa (1a e 3a1) são pintadas internamente com cor vermelha uniforme. O acabamento plástico é o corrugado ou o corrugado ungulado.

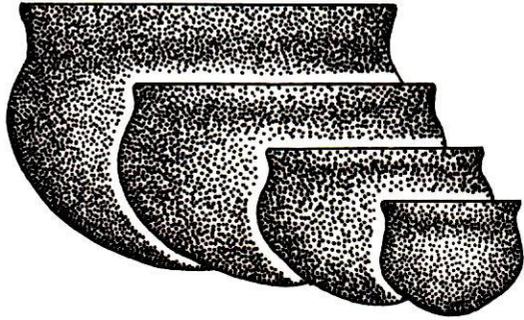


ESTAMPA 13: Modelos de formas cerâmicas

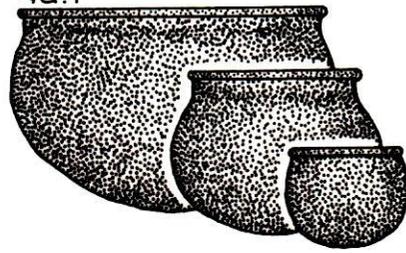


ESTAMPA 14: Modelos de formas cerâmicas

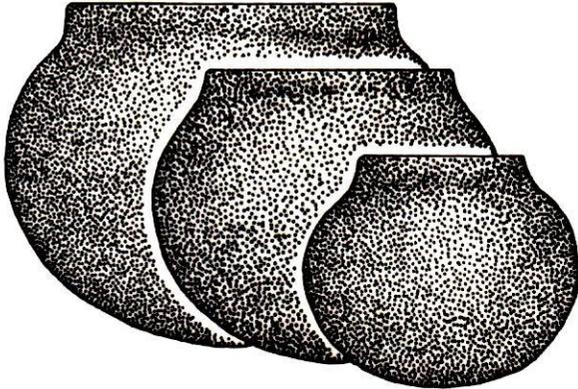
4a



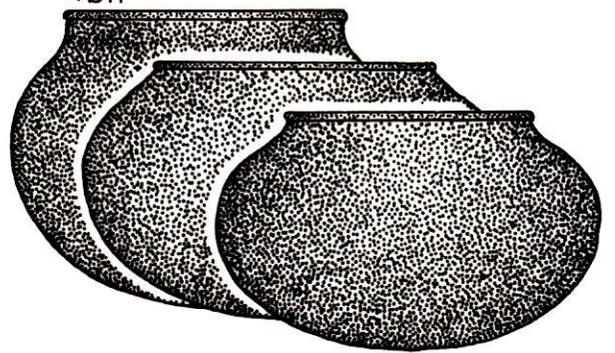
4a.1



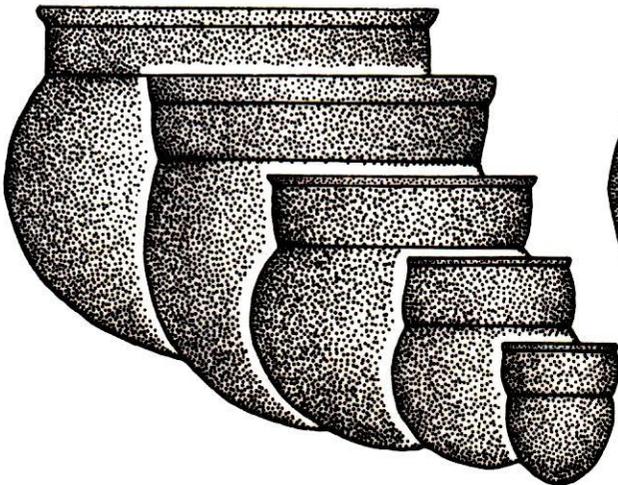
4b



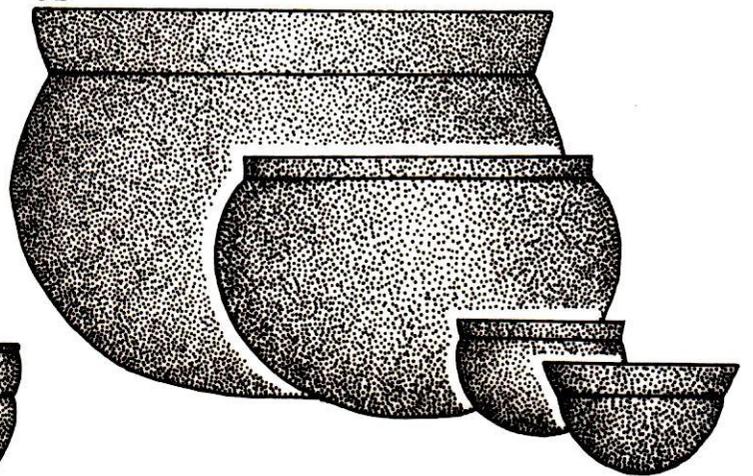
4b.1



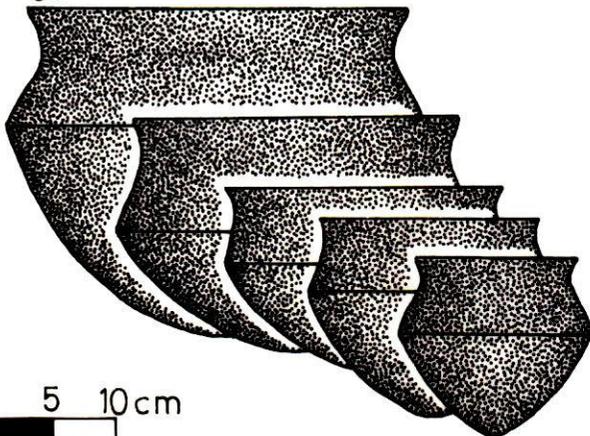
5a



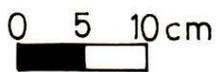
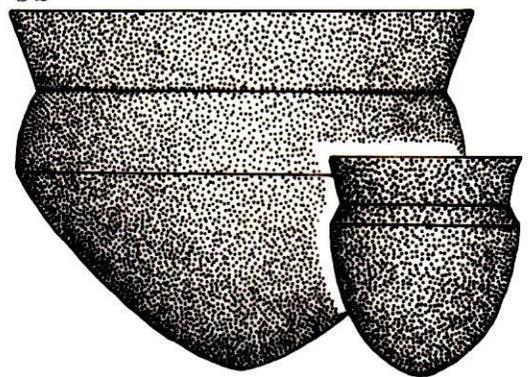
5b



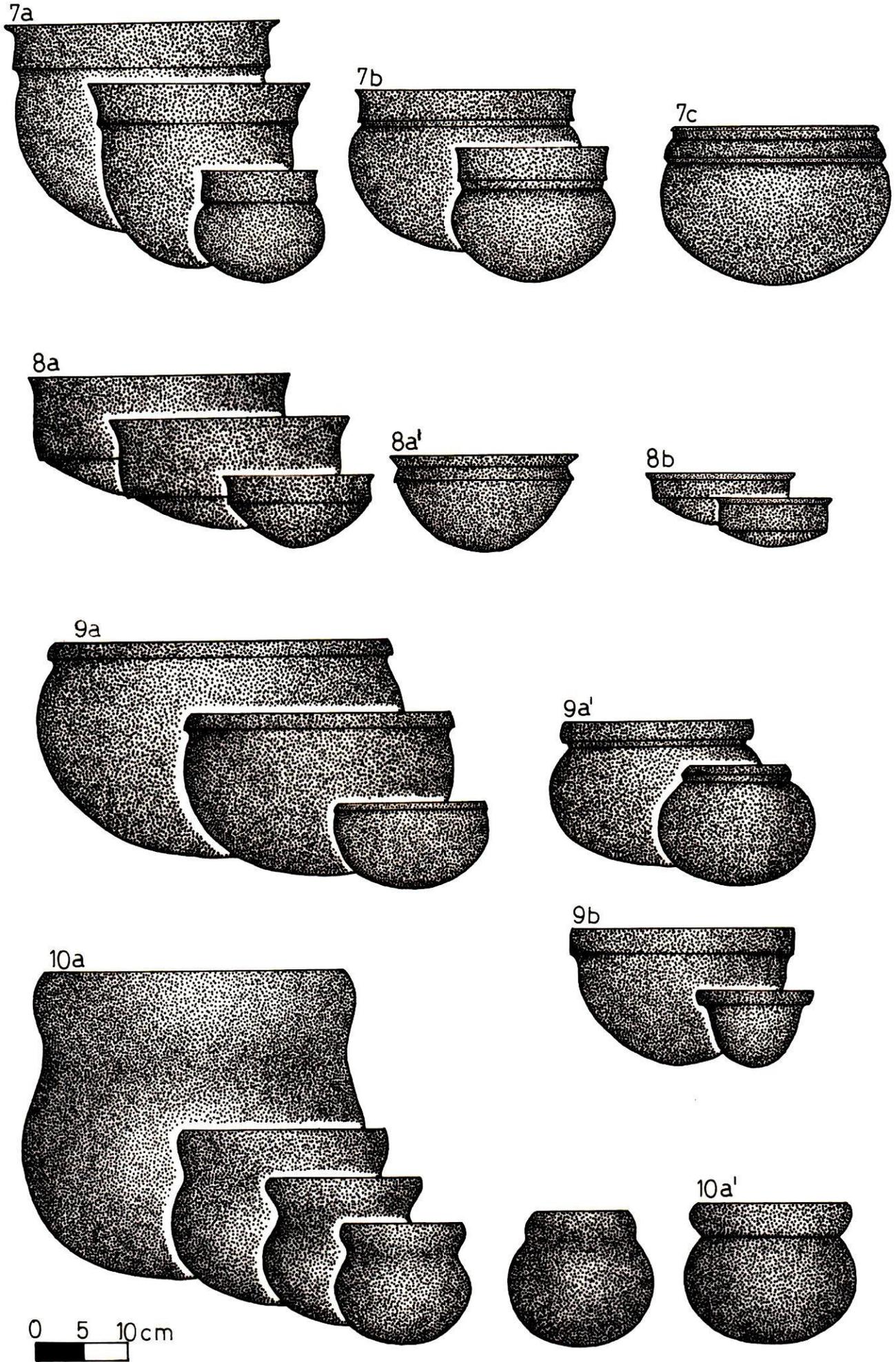
6a



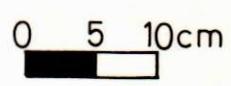
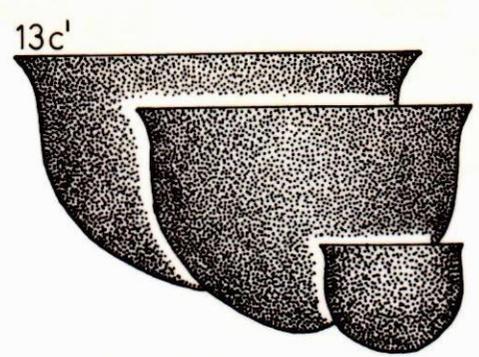
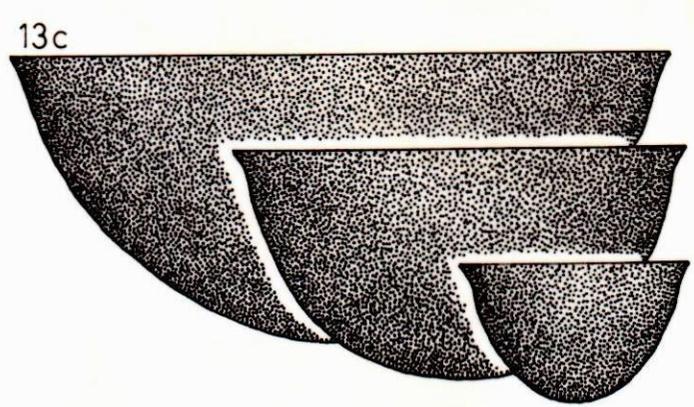
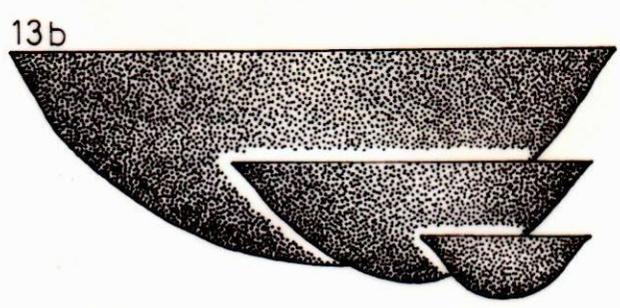
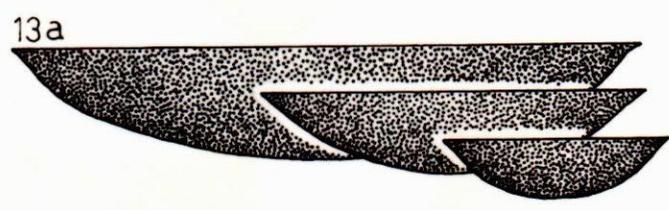
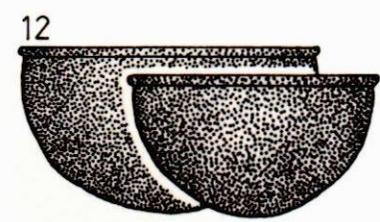
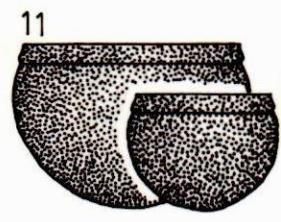
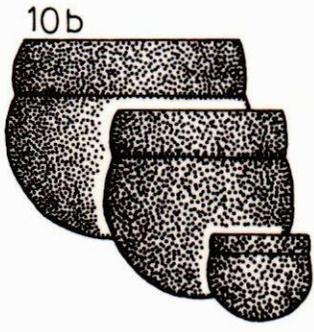
6b



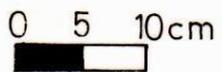
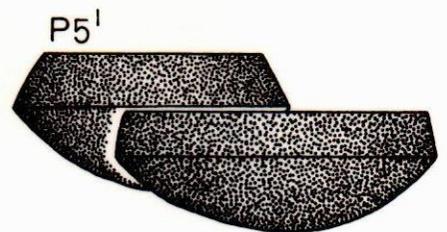
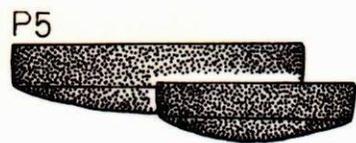
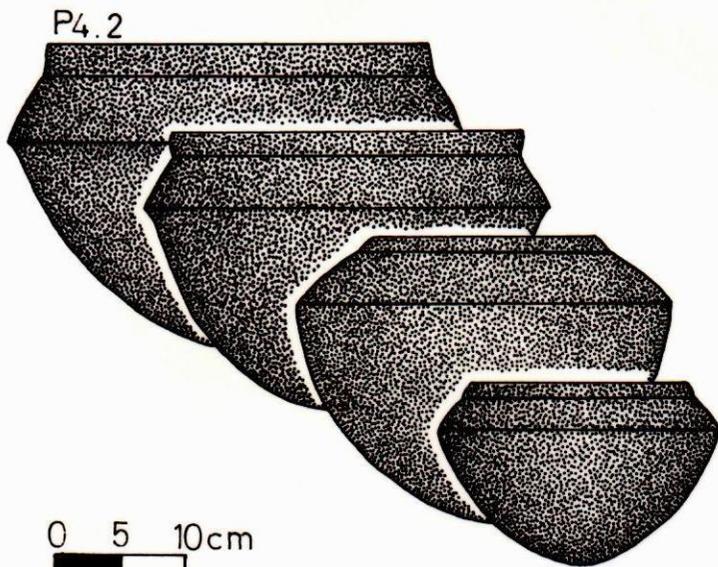
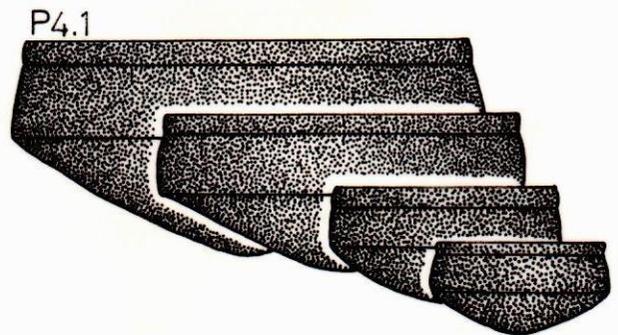
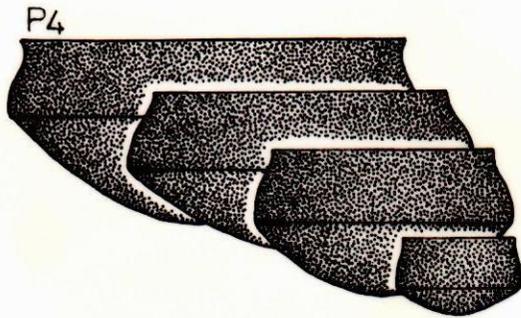
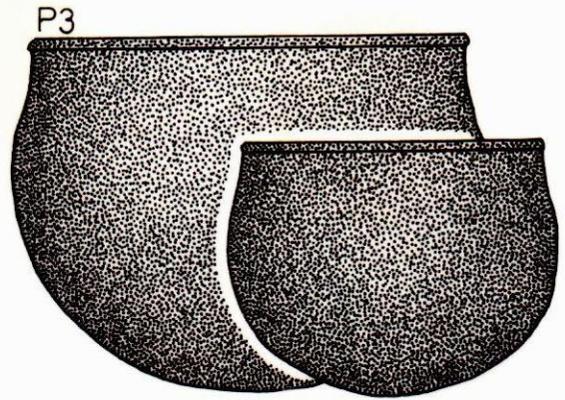
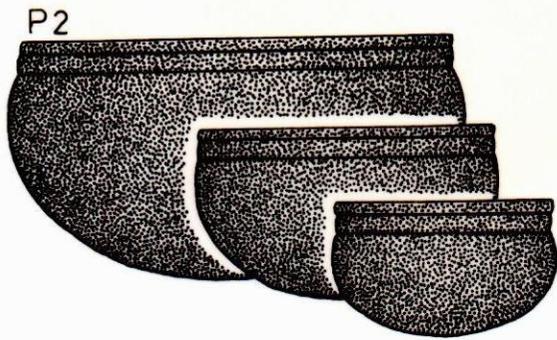
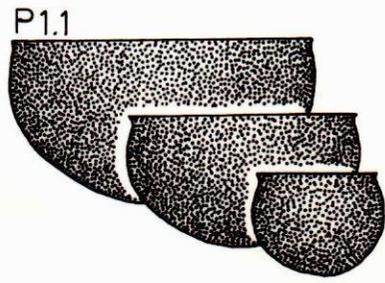
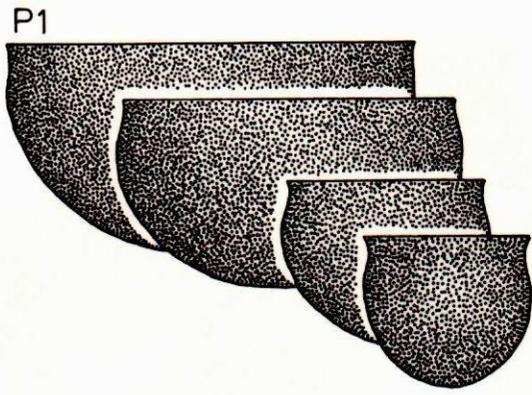
ESTAMPA 15: Modelos de formas cerâmicas



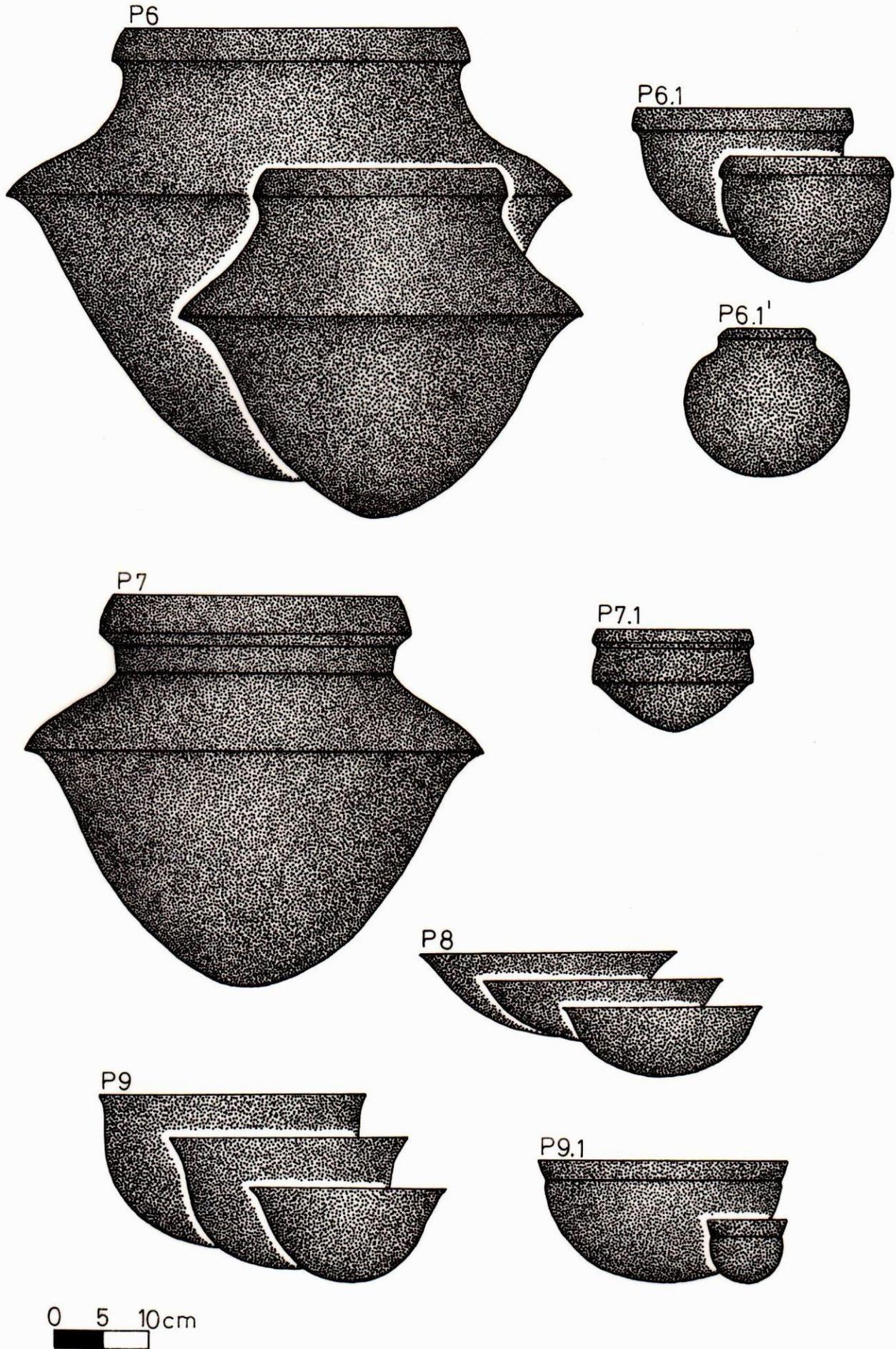
ESTAMPA 16: Modelos de formas cerâmicas



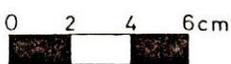
ESTAMPA 17: Modelos de formas cerâmicas



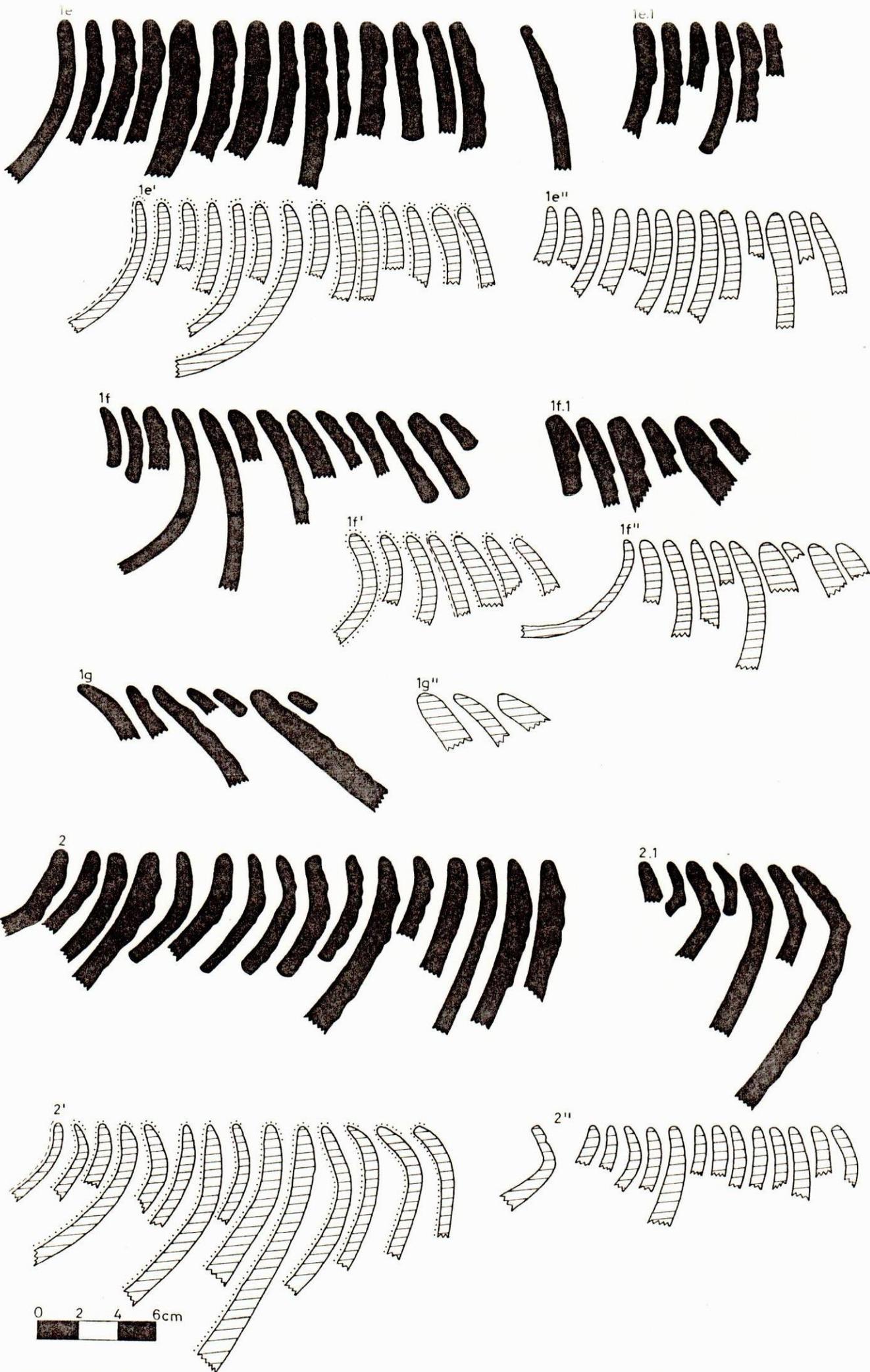
ESTAMPA 18: Modelos de formas cerâmicas



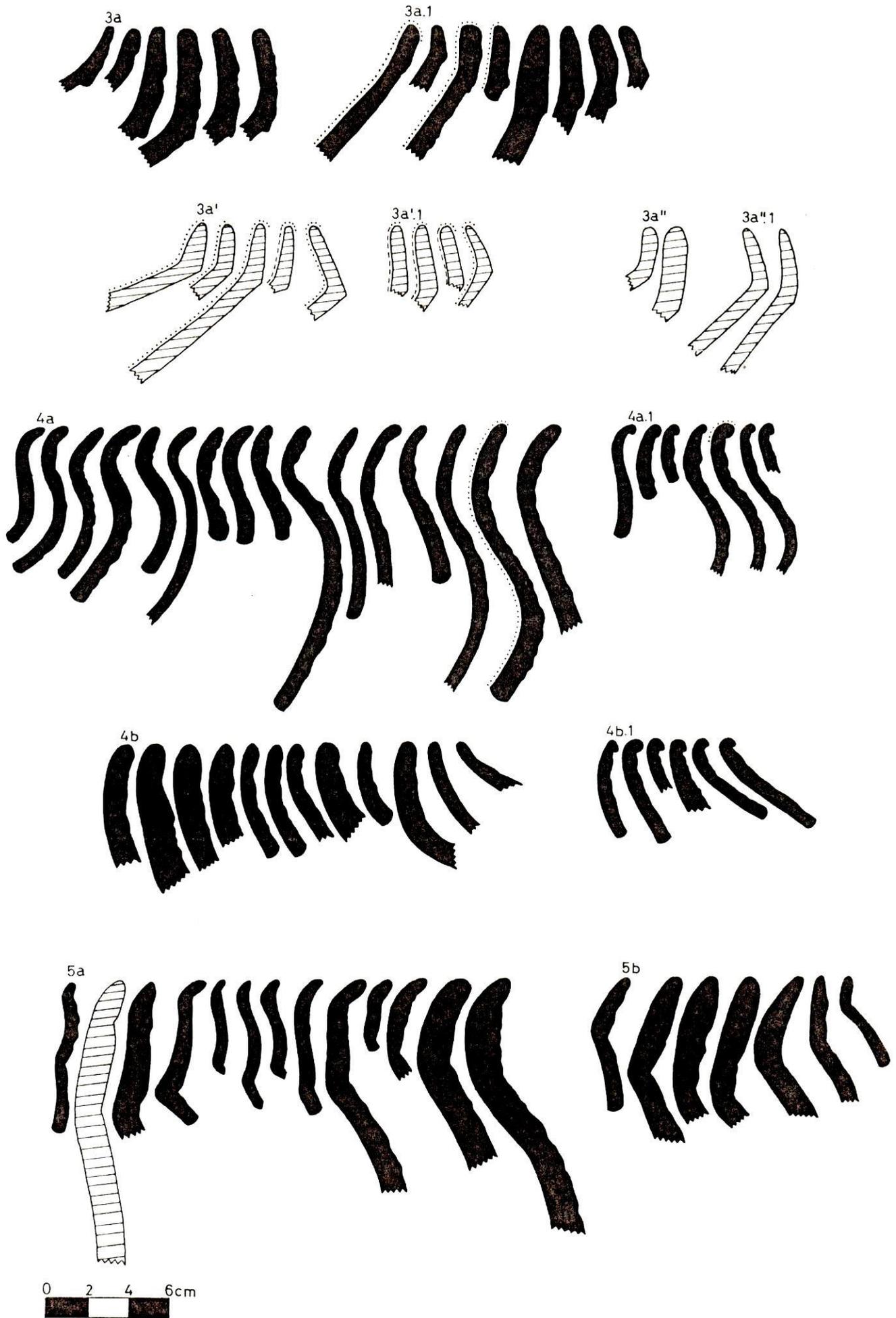
ESTAMPA 19: Modelos de formas cerâmicas



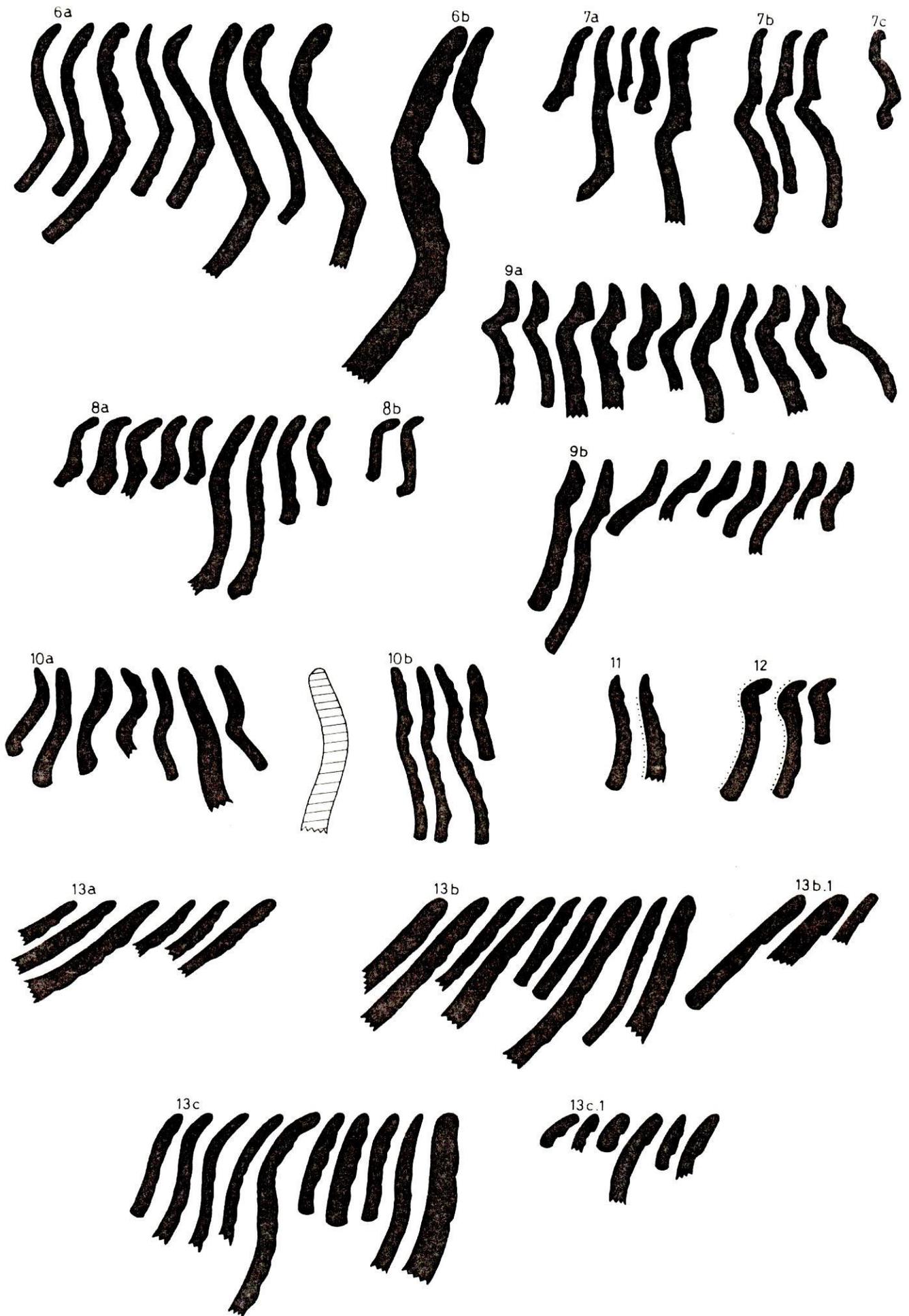
ESTAMPA 20: Bordas da cerâmica



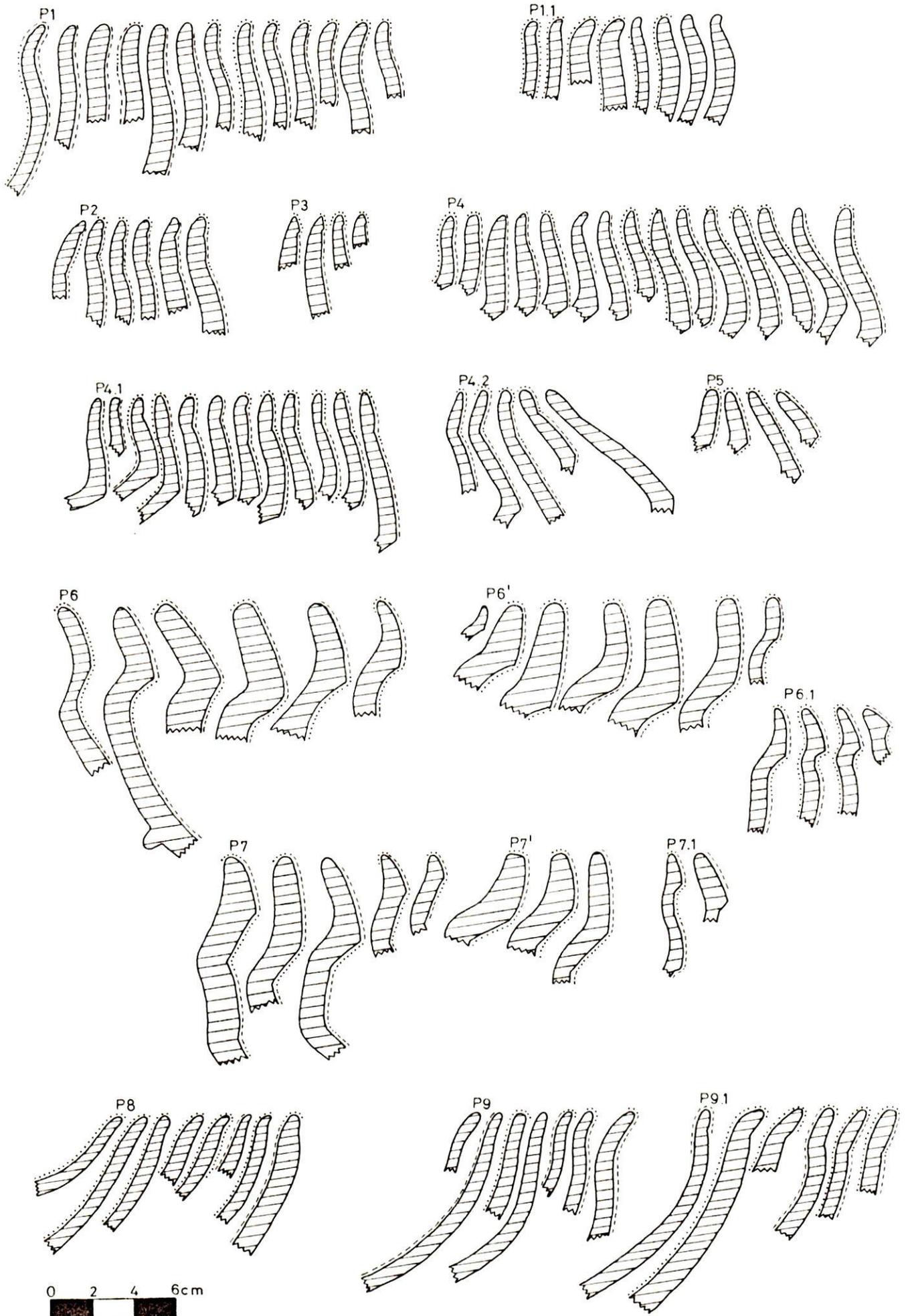
ESTAMPA 21: Bordas da cerâmica



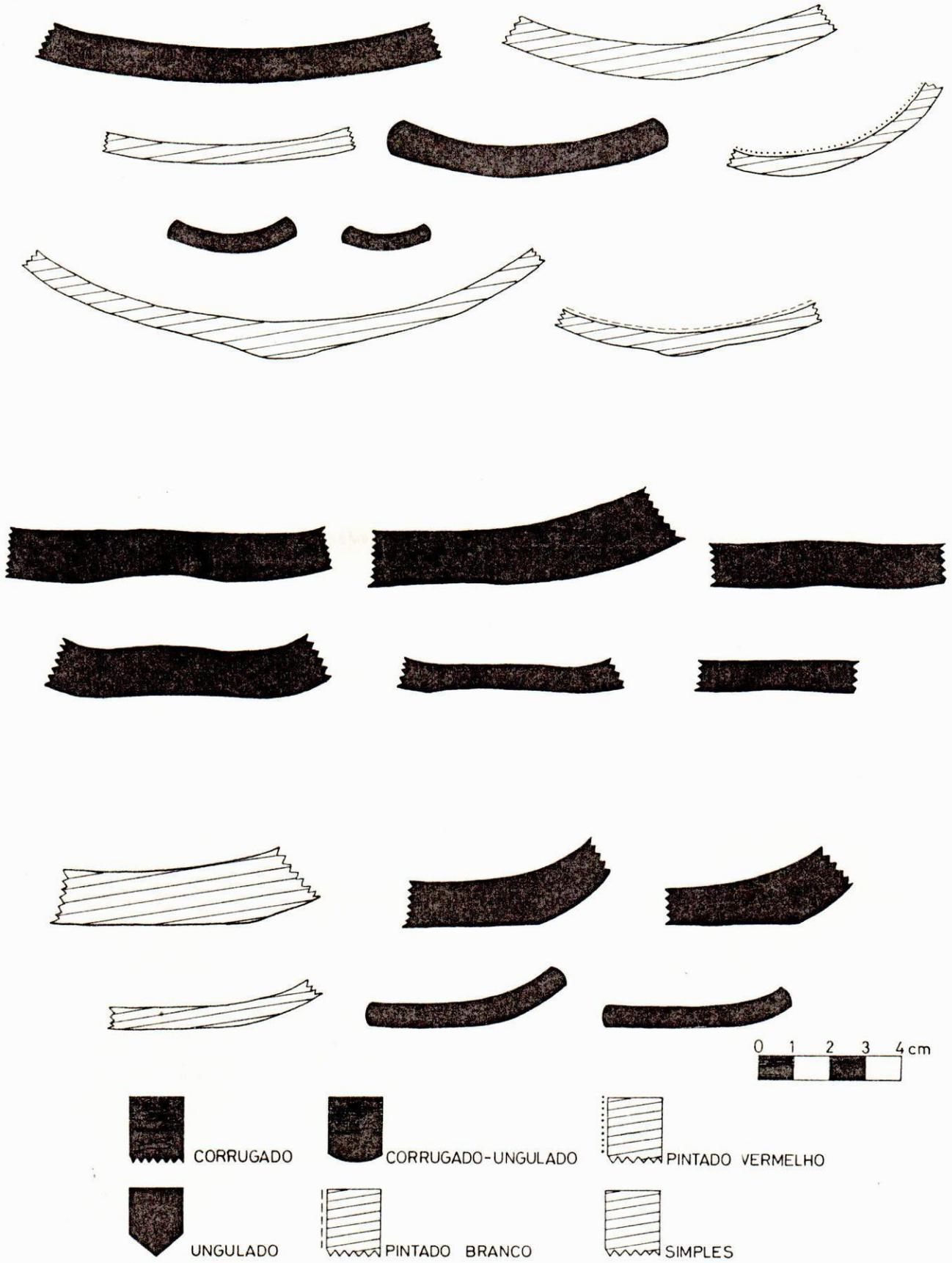
ESTAMPA 22: Bordas da cerâmica



ESTAMPA 23: Bordas da cerâmica



ESTAMPA 24: Bordas da cerâmica



ESTAMPA 25: Bases da cerâmica

O tratamento da superfície ou decoração das formas 4 a 13 é o corrugado ungulado, o corrugado, raramente o ungulado e muito raramente o simples. Determinadas formas (4a e 4a1; 11 e 12) apresentam com mais frequência a superfície interna pintada de vermelho uniforme.

O tratamento da superfície das formas P é o pintado, raramente o simples. Nas formas de bordas introvertidas ou verticais a pintura é predominantemente externa; nas extrovertidas é predominantemente interna. Quando externa, costuma ser vermelho sobre branco, quando interna costuma ser vermelho uniforme.

A maior parte das formas reconstituídas apresenta-se em tamanhos diferentes, sinal de que a especialização, apesar de uma clara tendência à diferenciação, não é muito grande.

Por estes dados vê-se que há dois conjuntos cerâmicos (o plástico e o simples/pintado), que confluem e têm elementos comuns, mas que continuam mantendo particularidades na preparação da pasta, no tratamento da superfície e na morfologia. Estes dois conjuntos cerâmicos podem ter origens diferentes, sendo um mais amazônico ou equatorial (o pintado), o outro mais chaquenho ou tropical a subtropical (o corrugado) (Brochado, 1984) e parecem ter aparecido na tradição Tupiguarani em tempos diferentes, sendo primeiro o simples/pintado e posterior o plástico. Podem também ter diferentes usos gerais, sendo o simples/pintado mais para servir e conter alimentos e o plástico mais para preparar alimentos. Mas certamente houve contaminações entre os supostos conjuntos, o que transparece na forma e na decoração atuais. (ver quadro 1). (Adendo B, p. 126).

4.3. Pintura

A cerâmica com decoração pintada de Candelária segue regras e métodos de aplicação características à tradição ceramista que representa: a Tupiguarani. A maior parte das peças apresentam engobo (slip) e/ou banho (wash) com pigmento de cor branca, sobre a qual aplicam-se os motivos decorativos, nas cores vermelha e/ou preta. Ocorrem também coberturas de superfície (surface coatings) totalmente em vermelho, geralmente na parte interna da vasilha, mas não há nenhum vestígio indicando a aplicação de motivos em cor branca sobre essa base vermelha. Muitos casos há onde somente o engobo faz (hoje) a decoração da peça, sendo que abrange a maior parte dessa, com excessão da porção inferior, abaixo do bojo, e a base.

A aplicação dos motivos, sempre com características geo-

métrico-figurativas, é regulada, principalmente, pelo fator estrutural da vasilha, isto é, a decoração distribui-se conforme regiões morfológicas pré-estabelecidas. Sendo assim, diz-se que a distribuição dessas decorações pode ser em banda ou em campo:

a) em banda, representada pelos motivos entre barras, as decorações localizam-se geralmente na porção da borda delimitada pelo lábio, acima, e abaixo por pontos marcantes na estrutura da vasilha, como ponto angular ou de inflexão, sobre os quais são traçadas linhas de destacar essas limitações, tanto que, quando inexistem tais pontos estruturais, as linhas limitantes são traçadas arbitrariamente;

b) a decoração dita "em campo" é feita sobre uma superfície mais ampla, correspondendo à área do bojo e/ou ombro, na maior parte das vezes com motivos distintos daqueles utilizados nas bandas, procurando cobrir todo o espaço disponível, criando assim elementos mais complexos.

Portanto, os pontos estruturais são os reais delimitadores das bandas e campos de decoração, cuja posição no corpo da vasilha pode caracterizar um motivo ou grupo de motivos específicos para cada região de sua superfície.

A decoração pintada, ao contrário da decoração plástica, pode dar-se em ambas as faces da vasilha, tanto na superfície externa como na superfície interna, sendo que nesta última, a aplicação em campo é a mais comum, abrangendo toda a parte interna das vasilhas, que são sempre em formas abertas, de paredes com baixo ângulo de inclinação, que facilitam a manipulação em seu interior e que raramente apresentam pontos estruturais. Os motivos são peculiares e pode-se dizer que a maioria deles somente ocorre em superfícies internas. Raros são os motivos em banda e, quando ocorrem, possuem características semelhantes às bandas externas, restritas à borda, mas sempre delimitadas, inferiormente, por linhas arbitrárias de contorno, que as separam do resto do corpo da vasilha. Os motivos dessas bandas internas são os mesmos encontrados nas bandas da superfície externa. Às vezes há a coexistência, numa mesma peça, de decoração pintada na superfície interna e decoração plástica na superfície externa.

Um outro tipo de decoração pintada, muito freqüente na cerâmica de Candelária, é aquela feita com a utilização do dedo, à maneira de pincél, que deixa na superfície um traço largo e com extremidade arredondada, podendo ser em vermelho, marrom ou preto. Parece não haver nenhum padrão decorativo, sendo que os traços podem estar isolados ou sobrepostos entre si, tanto na super-

fície externa como na interna, podendo estar associados à decoração plástica ou mesmo pintada, mas sempre em regiões da vasilha onde não ocorram tais decorações.

Quanto aos pigmentos utilizados como tintas, somente poderia ser definida exatamente sua origem mediante análises químicas. Contudo, pode-se dizer que os pigmentos de origem mineral parecem ter sido utilizados numa escala maior daqueles de origem orgânica. São várias as concreções de hematita encontradas associadas ao material arqueológico de Candelária. Outras vezes produz-se pigmento vermelho aquecendo seixos de basalto de superfícies já um pouco meteorizadas. O pó desse óxido de ferro fornece uma tintura de cor vermelha a castanho escura. Outros minerais podem fornecer a cor preta, como a pirita, a magnetita e a galeña; os carbonatos (conchas calcárias, etc) e o caolim formado da decomposição de feldspatos cálcicos fornecem o pigmento branco.

Os pigmentos de origem orgânica, tais como o pó de carvão ou a resina ou sumo de certos frutos (jenipapo, etc.) poderiam ter fornecido tinturas pretas e vermelhas, cuja conservação entretanto não se pode supor; seria necessário provar.

Nesse contexto, teria sido bem provável a utilização concomitante de pigmentos de origem mineral com pigmentos de origem orgânica, dependendo da facilidade ou dificuldade em obter as matérias-primas necessárias.

4.3.1. Os motivos decorativos

Os motivos, ou padrões decorativos, estão agrupados conforme características comuns de elementos gráficos, a partir de sua representação mais simples a mais complexa, isolando-se, para fins de comparação, os motivos decorativos encontrados em superfícies externas daqueles de decoração interna.

Sabendo-se que a decoração está intimamente relacionada com a estrutura da vasilha, destacaram-se os motivos usados preferencialmente em bandas, representadas por barras, indicando uma rigorosa limitação do motivo em seu espaço. Quando essas não aparecem o motivo ocupa então um "campo" mais amplo de distribuição.

A descrição **sensu stricto** se faz de forma sucinta na tentativa de transmitir, em palavras, o plano estritamente visual das pinturas, estabelecendo-se os seguintes grupos de padrões gráficos:

- 1 - Linhas Horizontais e Verticais (LHV), com seus respectivos subgrupos, em letras minúsculas (a, b, c, ...).
- 2 - Linhas Oblíquas (LO), com os respectivos subgrupos.

- 3 - Linhas Curvas (LC), com os respectivos subgrupos.
- 4 - Linhas Mistas (LM), formadas pela combinação dos grupos acima, com seus respectivos subgrupos.

O padrão de decoração interna, apesar de analisado separadamente, seguiu os mesmos critérios, apenas acrescido da letra I maiúscula (Interno) após a designação do grupo e do subgrupo. Assim, a denominação de um motivo qualquer será feita, por exemplo, LO(c), indicando um motivo do grupo de linhas oblíquas, do subgrupo c. Um motivo interno, LHV(d)I, seria do grupo de linhas horizontais e verticais e subgrupo d, do padrão de decoração.

Linhas Horizontais e Verticais (LHV)

- a - linhas verticais espaçadas entre si, em justaposição horizontal.
- b - segmentos verticais e horizontais, ligados entre si nas extremidades, descrevendo uma linha quebrada com ângulos retos, formando conjuntos isolados.
- c - composição semelhante ao padrão b, sendo que duas linhas verticais separam cada conjunto. Uma espiral, de formato retangular, originada de uma linha perpendicular à linha vertical limitante, preenche o espaço vazio inferior.
- d - segmentos verticais e horizontais unidos pela extremidade, formando um degrau que é repetido simetricamente na metade superior da banda, formando conjuntos isolados.
- e - segmentos verticais e horizontais unidos em ângulo reto, formando escalonamento com simetria vertical, a partir de um ponto médio, cobrindo todo o campo em justaposição horizontal.
- f - justaposição horizontal de quadrados ou retângulos concêntricos isolados que se repetem em simetria vertical. Um dos lados dos quadriláteros sempre coincide com uma linha traçada como delimitante arbitrário do campo a ser decorado.
- g - conjuntos isolados de retângulos preenchidos por ganchos de ângulos retos, formados por linhas duplas com origem no marco limitante superior.

Linhas Oblíquas (LO)

- a - linhas oblíquas mergulhando para a esquerda, em justaposição horizontal.
- b - linhas oblíquas mergulhantes, em justaposição horizontal, em direções contrárias, que se entrecruzam, formando rede. Pode ocorrer traço cheio.
- c - segmentos de linhas oblíquas que se interrompem e se unem na região média da banda, tendo cada segmento direção contrária,

- formando ângulo agudo, voltado para a direita, em justaposição horizontal.
- d** - linhas oblíquas contrárias, unidas no vértice, formando um padrão de zig-zag, nos limites superior e inferior da banda. Os vértices superiores tocam o marco superior e os vértices inferiores o marco inferior.
 - e** - linhas oblíquas formando zig-zag que ocupa todo o espaço da banda. Os espaços vazios são preenchidos por triângulos concêntricos, cuja base é o próprio marco.
 - f** - secções quadrangulares ou retangulares, espaçadas entre si e formadas por linhas oblíquas paralelas e de direção contrária entre cada secção, truncadas por linhas verticais.
 - g** - composição semelhante ao padrão **e**, sendo que o triângulo mais interno é preenchido com linhas oblíquas paralelas a um dos seus lados. Ocorre também disposto em campo.
 - h** - secções trapezoidais, formadas por linhas oblíquas paralelas e de direção contrária entre cada secção. Ocorre também disposto em campo.
 - i** - triângulos concêntricos, justapostos horizontalmente, contrários um em relação ao outro e espaçados entre si. Os espaços são preenchidos por linhas oblíquas formando duas secções com inclinação distinta, paralelas a lados dos triângulos.

Linhas Curvas (LC)

- a** - linhas onduladas horizontalmente contínuas e paralelas, em justaposição vertical. Podem ocorrer traço duplo e ondulações suaves a muito acentuadas. Ocorre também em campo.
- b** - linha ondulada horizontalmente contínua no limite superior e inferior da banda, com espaço vazio entre elas. A convexidade da ondulação superior tangencia num ponto o marco superior. No marco inferior, a tangência é dada pela concavidade. Pode ocorrer traço duplo.
- c** - semicírculos seccionados pelo marco limitante, em justaposição horizontal, na parte superior e inferior da banda. Pode ocorrer traço cheio.
- d** - semicírculos concêntricos, seccionados pelo marco limitante, em justaposição horizontal e contrários entre si.
- e** - composição semelhante ao padrão **d** sendo que os semicírculos são separados por uma linha vertical.
- f** - segmentos de linhas curvas, em traço duplo e justaposição horizontal, onde a linha anterior interrompe-se sobre a linha posterior.
- g** - linha dupla ondulada, horizontalmente contínua, com ondulação

acentuada. Os espaços vazios das concavidades são preenchidos por colchetes. Ocorre disposta em campo, associada a outros motivos diversos.

- h** - linha dupla que se fecha sobre si mesma, assemelhando-se ao número nove (9). O espaço interno do círculo é preenchido por um colchete.

Linhas Mistas (LM)

- a** - composição com linha vertical dupla terminando, na parte superior, por semi-elipse, dando impressão de bengala, oposta à outra em simetria horizontal e ligadas entre si, pela haste, por linha dupla, formando conjuntos isolados.
- b** - linha dupla ondulada, formando conjuntos isolados, semelhantes à letra **S** em posição horizontal. O interior das concavidades é preenchido por bengalas, em linha simples. Pode ser parte de um motivo mais amplo, em combinação.
- c** - composição de linhas duplas horizontais e verticais unidas em ângulo reto, terminadas em semicírculos, formando conjuntos que se justapõem vertical e horizontalmente. Na justaposição horizontal, os conjuntos são contrários um ao outro. Linhas retas acompanham ou preenchem partes do espaço vazio.
- d** - composição de linhas curvas, horizontais e verticais concêntricas formando conjuntos isolados em forma de aríete, em justaposição horizontal e vertical, sendo que, verticalmente, a disposição de cada conjunto é contrária uma em relação à outra.
- e** - composição de linhas horizontais e verticais, unidas em ângulo reto, ligadas a semi-elipse, formando conjuntos de figuras que se repetem em justaposição horizontal e contrárias uma em relação à outra.

Linhas Horizontais e Verticais (LHV) I

- a** - linhas horizontais duplas, em justaposição vertical e espaçadas entre si. O vazio no interior das linhas é preenchido por pontos regularmente espaçados.
- b** - composição semelhante ao padrão **a**, sendo que os espaços no interior das linhas são preenchidos por pontos menores e sem nenhuma organização. As linhas duplas são separadas por uma linha simples intermediária.
- c** - composição semelhante a LHV(b), sendo que os conjuntos se repetem verticalmente, separados por uma linha horizontal dupla e deslocados para a esquerda em relação ao conjunto superior.
- d** - linhas horizontais e verticais unindo-se nas extremidades ou inter cruzando-se em ângulos retos, sem um padrão definido.

Linhas Oblíquas (LO) I

- a - composição idêntica à LO(b).
- b - composição idêntica à LO(h).
- c - composição idêntica à LO(g).

Linhas Curvas (LC) I

- a - segmentos de linhas curvas, sub-paralelas a paralelas entre si e em relação ao contorno do lábio, podendo preencher totalmente a superfície ou parte dela, mas sem uma delimitação pré-determinada.
- b - composição semelhante ao padrão a, sendo que os espaços vazios entre as linhas são preenchidos por pontos regularmente espaçados.
- c - composição semelhante aos dois padrões anteriores, com os espaços vazios preenchidos por pontos menores e sem nenhuma organização. Os espaços preenchidos são irregularmente intercalados a espaços vazios.
- d - variação mais complexa do padrão a, com dois conjuntos de circunferências concêntricas interseccionadas e unidas pelo ponto de intersecção, assemelhando-se ao número oito(8). Na parte mais interna, as circunferências estão completas, sem intersecção e isoladas.
- e - composição idêntica ao padrão LC(a), aqui ocorrendo somente em campo.
- f - composição idêntica ao padrão LC(d).

Linhas Mistas (LM) I

- a - linhas duplas onduladas e isoladas, semelhantes à letra Z, formando conjuntos, separados por linha dupla oblíqua.
- b - justaposição horizontal de figuras de aspecto amigdalóide, preenchidas internamente por linhas de traço mais fino.
- c - composição única de figuras que se engancham nas extremidades, em justaposição horizontal. Linhas concêntricas, de traço mais fino, preenchem todo o espaço externo e interno.
- d - composição livre de figuras que se engancham nas extremidades, preenchidas internamente por linhas concêntricas. Os espaços vazios exteriores são também preenchidos totalmente por linhas que acompanham o motivo principal, com a predominância de linhas curvas.

4.3.2. A distribuição da decoração pintada

Cerca de 25% da cerâmica analisada no Projeto Candelária possui decoração pintada, sendo que perto de 900 fragmentos com essa decoração (pouco mais de 20%) estão representados por bordas. Como é um número relativamente expressivo, bem como o fato

de existirem padrões muito definidos de pintura, que pareciam estar distribuídos em áreas estruturais diagnósticas na superfície das mesmas, procurou-se correlacionar tais motivos em função dessas áreas, através de um estudo da popularidade do emprego dos mesmos.

Contudo, o universo amostral que se usou foi mais restrito, pois, buscando uma resposta mais fiel à questão que se colocava, optou-se por utilizar somente aqueles fragmentos nos quais os motivos das pinturas estivessem associados àqueles já determinados e que o fragmento fosse identificável quanto ao seu respectivo grupo morfológico. Portanto, foram utilizados para essa análise somente fragmentos que pudessem ser caracterizados quanto à sua morfologia e ao seu padrão de pintura, com o que o universo de amostras ficou reduzido a aproximadamente 200 fragmentos, na sua maioria representando bordas.

A análise se desenvolveu a partir de dois grupos de decoração pintada, cuja divisão consideramos extremamente importante: (1) aqueles com pintura na superfície interna e (2) aqueles com pintura na superfície externa.

Os vasilhames que mostravam padrões internos eram em sua quase totalidade formas rasas do grupo 1 (pratos e tijelas), cujos motivos decorativos ocupam geralmente toda a superfície, caracterizando uma aplicação em campo, com padrões um tanto distintos daqueles externos. As categorias de Linhas Horizontais e Verticais (LHV) e Linhas Curvas (LC) formam a maior parte dos padrões decorativos utilizados.

Em alguns casos, ocorrem pontos angulares na porção superior da parede, formando bordas introvertidas (grupo 3a) ou extrovertidas (grupo P9.1), as quais são marcadas internamente por linhas contínuas, separando-as do corpo do vasilhame, como ocorre comumente na superfície externa. Nas bordas, o padrão decorativo muda, encontrando-se uma maior utilização de padrões com Linhas Oblíquas (LO) e, menos freqüentemente, Linhas Curvas. Observa-se ainda que a predominância das Linhas Oblíquas reflete o que ocorre na superfície externa, com as mesmas características e nessas mesmas áreas estruturais.

Nos vasilhames com decoração externa, a utilização da pintura se dá preferencialmente nos tipos infletidos ou nos tipos complexos, ocorrendo muito raramente em vasilhas de forma simples. A quantidade e variação de motivos é bem maior em relação àqueles de superfície interna, apesar de alguns ocorrerem em ambas, mas é aqui que se observa mais claramente uma certa intenção

QUADRO 3: DISTRIBUIÇÃO DOS PADRÕES DE PINTURA NA SUPERFÍCIE DAS VASILHAS

DECORAÇÃO EXTERNA

PADRÃO GRUPO	LHV							LO										LC								LM				
	a	b	c	d	e	f	g	a	b	c	d	e	f	g	h	i	a	b	c	d	e	f	g	h	a	b	c	d	e	
P1																														
P1.1																														
P2	x																													
P4																														
P4.1																														
P4.2																														
P5																														
P6																														
P6.1																														
P7																														
P7.1																														
P8																														
P9																														
P9.1																														

o = borda

x = gargalo

+ = bojo

QUADRO 4: DISTRIBUIÇÃO DOS PADRÕES DE PINTURA NA SUPERFÍCIE DAS VASILHAS
DECORAÇÃO INTERNA

PADRÃO GRUPO	LHV				LO			LC						LM				
	a	b	c	d	a	b	c	a	b	c	d	e	f	a	b	c	d	
1b				+				+			+							
1c				+				+	+				+					
1d	+	+	+	+				+					♀		+			
1e	+							+										
2							o	+					+					
3a	o		+		o	o					+						o	
P1					o													o
P9						o		♀			+							+
P9.1					o	o		+					+					

o = borda

+ = bojo

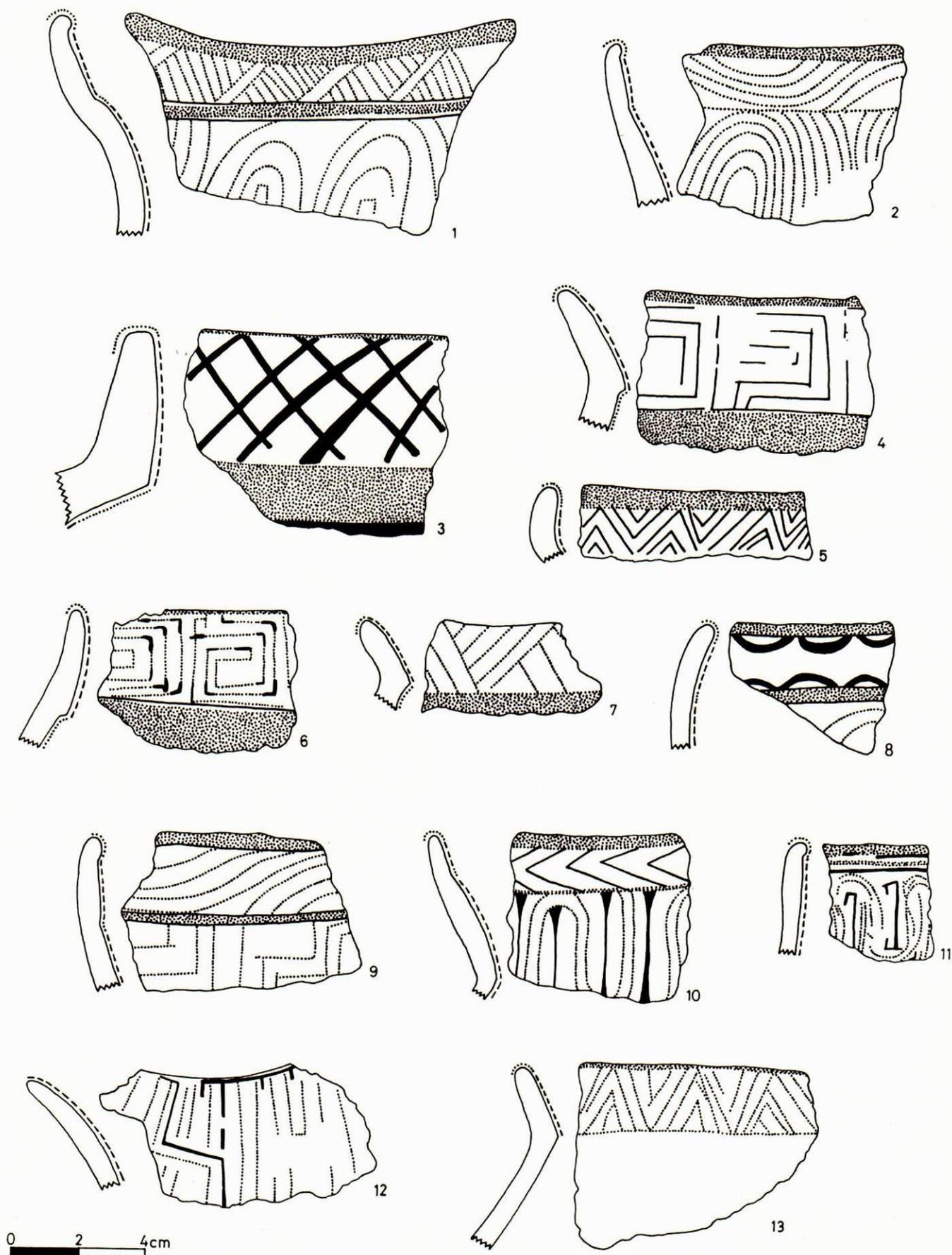
em separar ou utilizar padrões conforme áreas pré-estabelecidas.

Essas áreas estruturais foram subdivididas em: (1) borda (porção terminal do vasilhame); (2) gargalo (porção intermediária, entre a borda e o bojo) em cuja categoria inclui-se também o ombro de vasilhas carenadas e (3) bojo (toda a extensão do vasilhame, exceto a borda, o gargalo e a base) e que geralmente coincide com a região de maior diâmetro (Ribeiro, 1988).

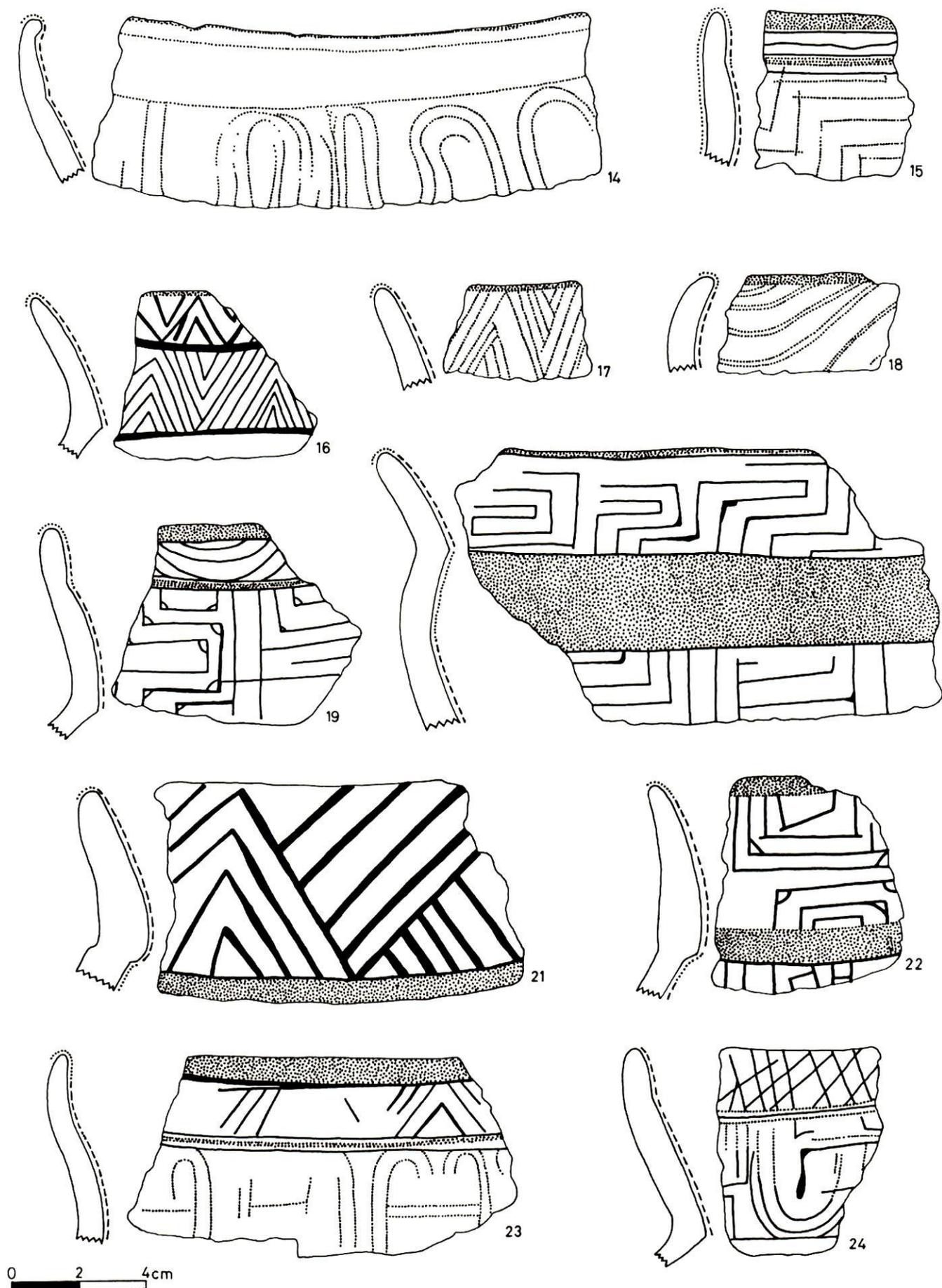
A maior popularidade encontra-se nos padrões de Linhas Oblíquas, principalmente os de subtipo e. A preferência quase unânime é a de utilizá-los nas bordas, formando bandas muito bem definidas, sempre separadas do gargalo ou do bojo por linhas contínuas. O mesmo ocorre, mas em menor escala, com Linhas Horizontais e Verticais e Linhas Curvas, quase sempre formando bandas. Não tão freqüentemente, porém há ocorrência da utilização dessas em gargalos, ombro e bojós. Algumas raras vezes, em vasilhas complexas, ocorre um mesmo padrão decorativo por toda a peça, mas que está nitidamente separado nos limites estruturais por linhas contínuas.

Quanto ao padrão de Linhas Mistas (LM), este ocorre sempre em superfícies mais amplas, como no ombro e no bojo de vasilhas infletidas simples (grupo P1) ou em vasilhas carenadas complexas (grupos P4 e P6). Raramente tais motivos ocorrem em banda, mostrando uma preocupação não só em destacar as regiões de maior área e supostamente a que mais se destaca visualmente mas também, nos outros casos, realçar todas as porções estruturais que estão expostas à observação direta, buscando igualmente a preocupação de preenchê-las com motivos que se adequem a essas áreas; sendo assim, áreas menores e mais restritas utilizando motivos simples que possam ser iniciados e finalizados dentro do próprio espaço estrutural, e áreas maiores, onde a criatividade e habilidade possa ser expandida em motivos mais complexos, podendo o mesmo ser estendido às pinturas em superfície interna.

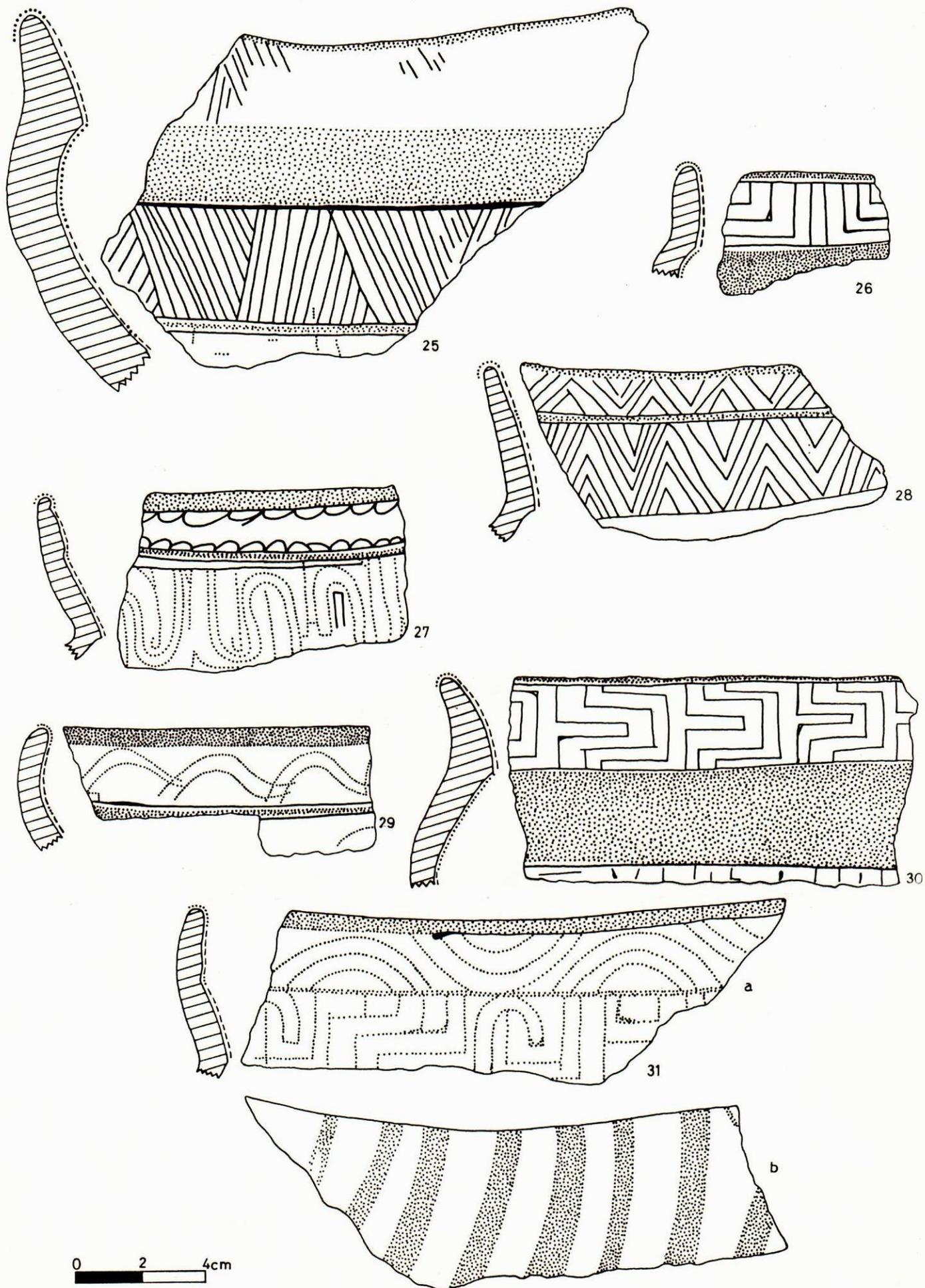
Um outro exemplo desse preenchimento de vazios na superfície cerâmica é a pintura a dedo, muito comum aqui, onde, sobre a superfície simples ou sobre um engobo prévio, fazem-se marcas alongadas, com extremidades arredondadas e que não parecem formar um padrão definido, podendo estar isoladas ou sobrepostas, mas que possuem uma conformação muito semelhante à que se obtém quando se passa sobre uma superfície a ponta do dedo embebida em tinta. Esse tipo peculiar de pintura pode ocorrer em qualquer parte da vasilha, porém é mais comum na superfície interna e na base, coexistindo, mas nunca se sobrepondo a um outro tipo de decora-



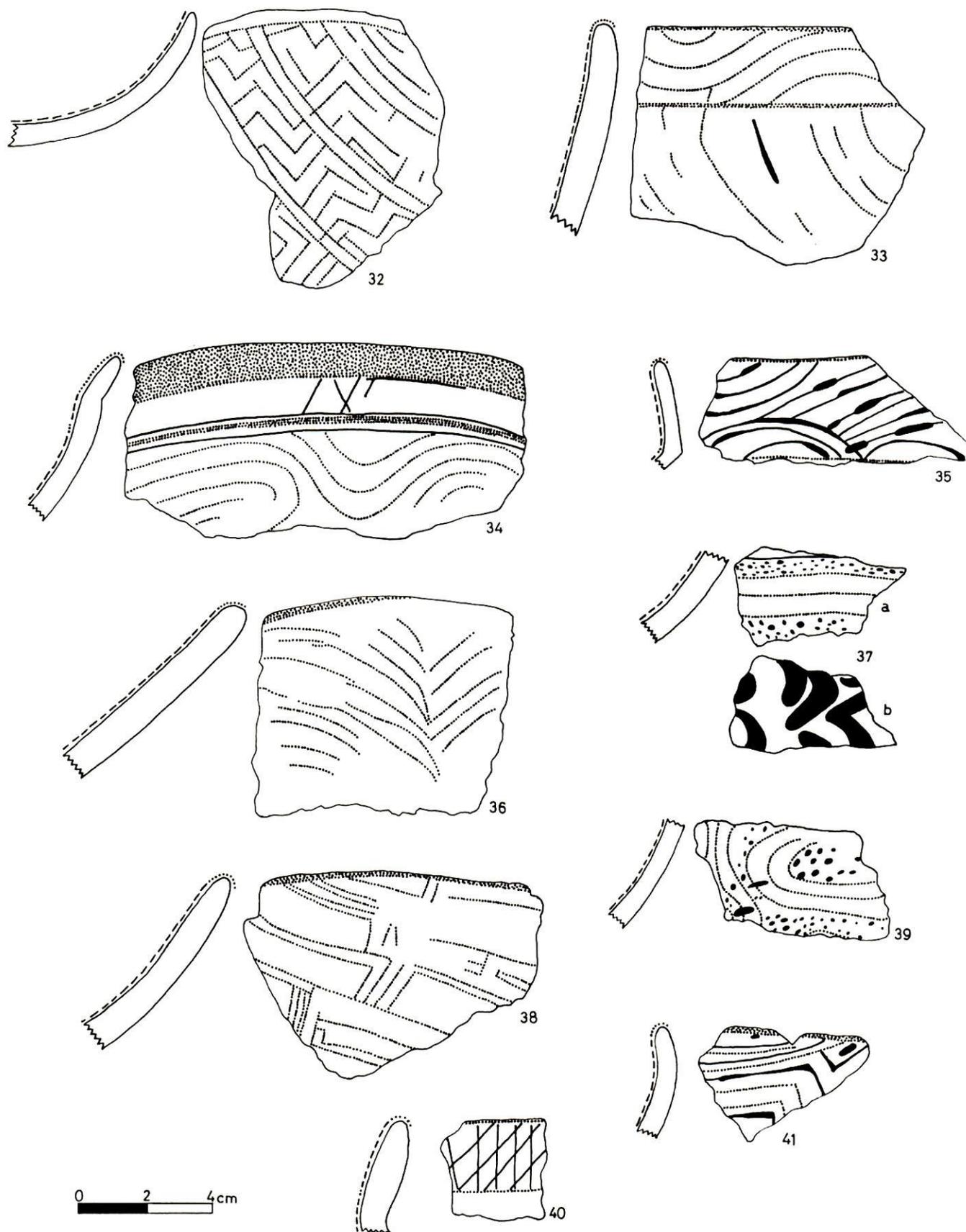
ESTAMPA 26: Padrões externos de decoração pintada. (1, 2, 9) Padrões LOf, LCa e Lcd em vasilhas P2. (3, 7) Padrões LOb, com traço reforçado e LOh, respectivamente, em vasilhas P6. (4) Padrão LHVd em vasilha P7.1. (5, 8) Padrões LOe e Loc, respectivamente, em vasilhas P1. (6) Padrão LHVg em vasilha P7. (10) Padrões LOC/LMb em vasilha P4.2. (11) Padrão Lcg em vasilha P1.1. (12) Padrão LHVd interno, utilizado na decoração externa de vasilha lf. (13) Padrão Loe em vasilha P5. Traço pontilhado: vermelho; traço contínuo: preto.



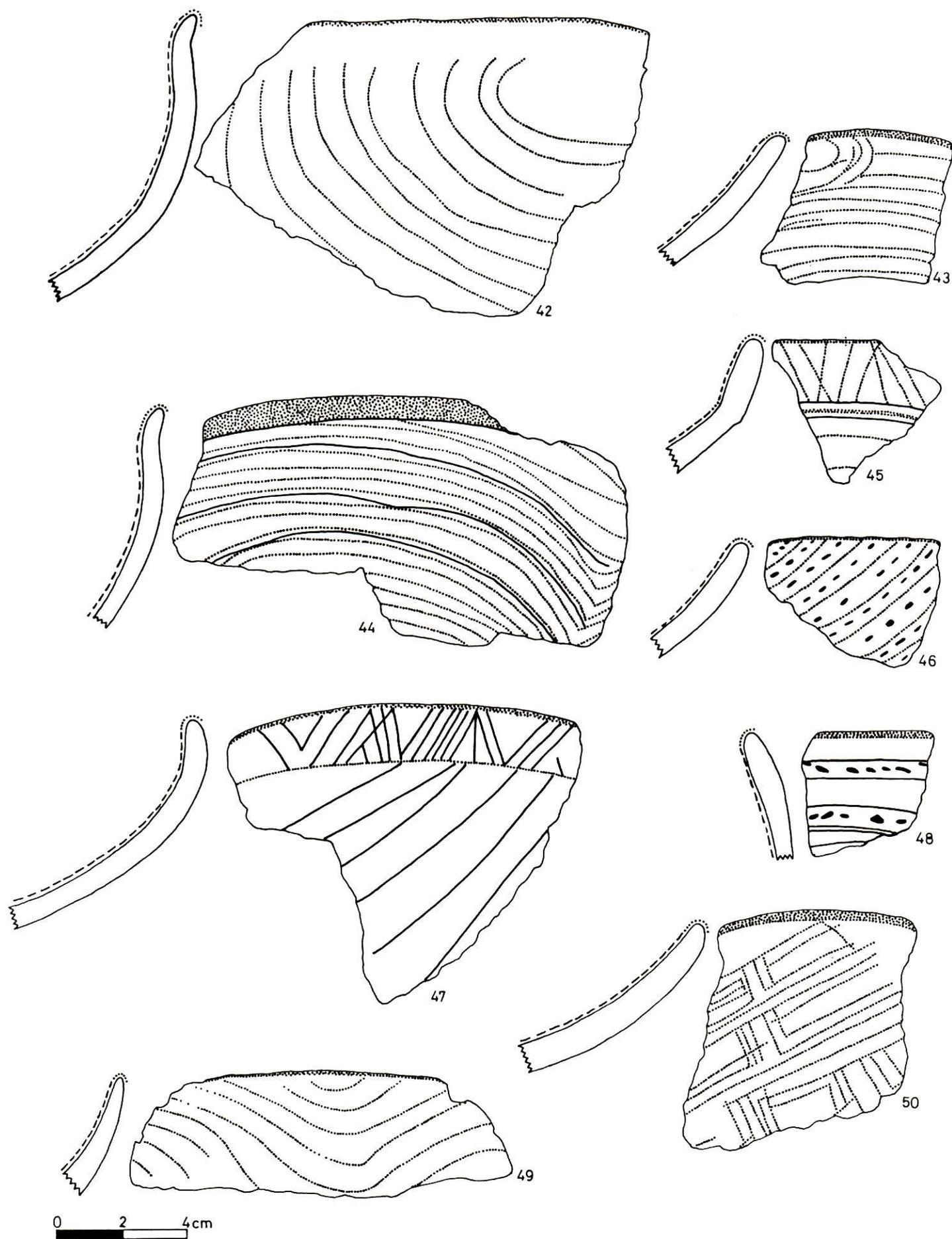
ESTAMPA 27: Padrões externos de decoração pintada. (14, 15) Padrões LCg e LHVb em vasilhas P2. (16) Padrão LOe em vasilha P5. (17) Padrão LOg em corpo de vasilha não determinada. (18, 23) Padrões LCa e LOe/LMa, respectivamente, em vasilhas P1. (19, 24) Padrões LCD/LHVd (?) e LOb/LMc (?), respectivamente, em vasilhas P4.1. (20) Padrão LHVg (?) em vasilha P6. (21) Padrão LOi em vasilha P7. (22) Padrão LHVf em vasilha P7.1. Traço pontilhado: vermelho; traço contínuo: preto.



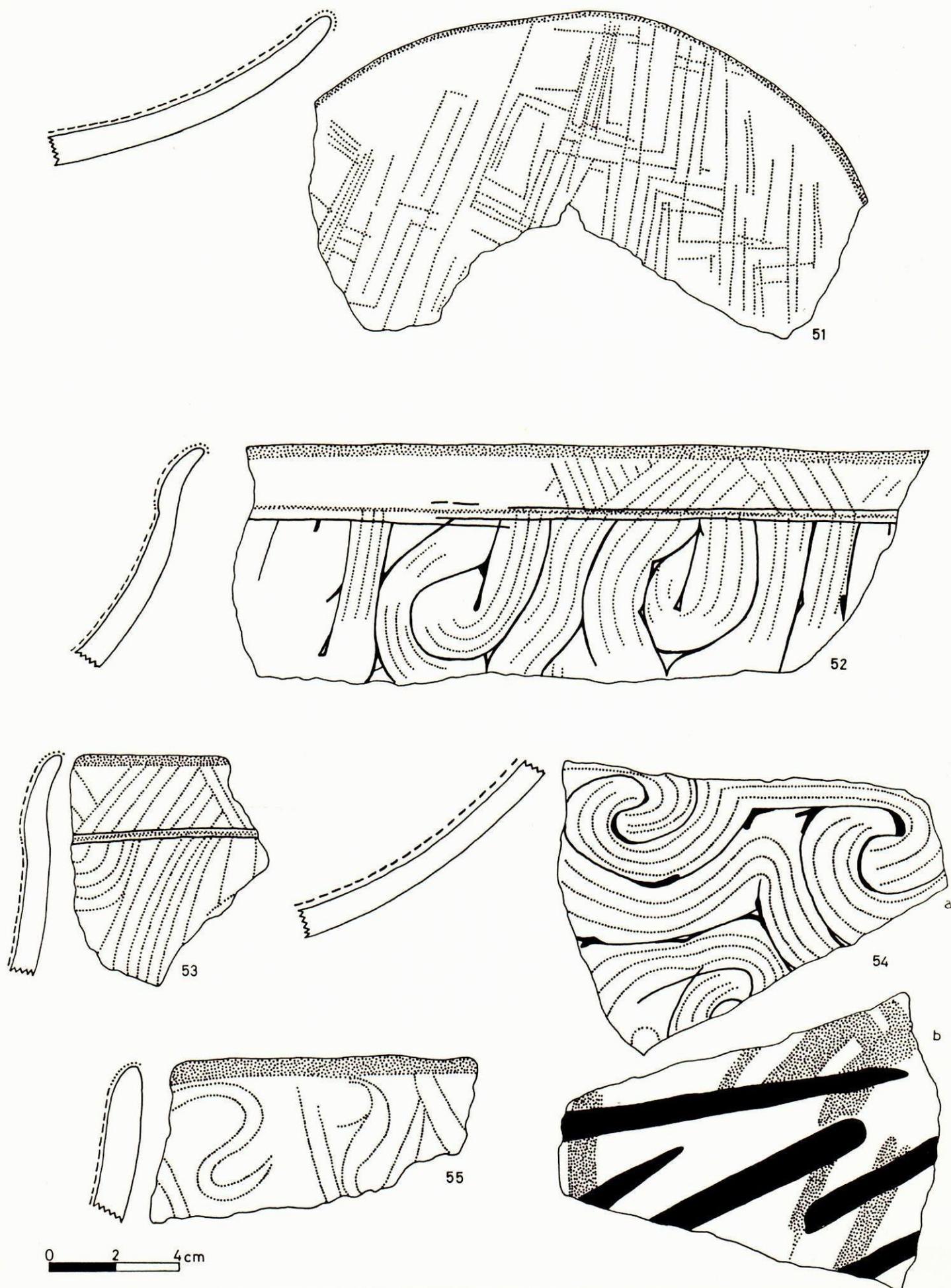
ESTAMPA 28: Padrões externos de decoração pintada. (25, 26, 30) Padrões LOh, LHVf(?) e LHVd, respectivamente, em vasilhas P6. (27, 31) Padrões LCc/LMb e LCd/LMc, respectivamente, em vasilhas P4.2. Em 31(b), observa-se pintura a dedo, na superfície interna da mesma vasilha. (28) LOe em vasilha P4. (29) Padrão LCf em vasilha P1.



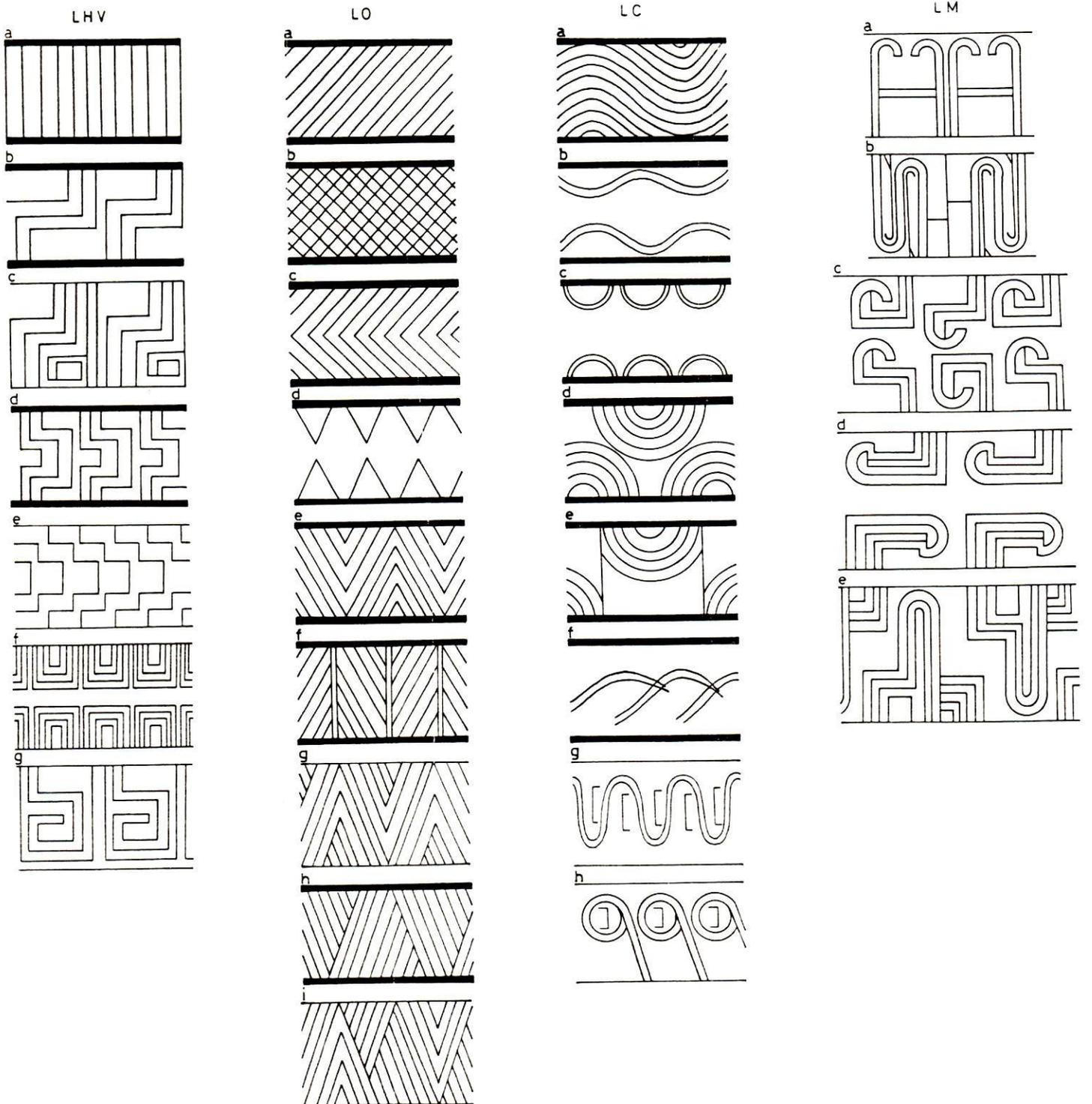
ESTAMPA 29: Padrões internos de decoração pintada. (32, 36, 38) Padrões LHVc, LCd (?) e LHVd em vasilhas lc. (33) Padrões LCe/LCa em vasilha ld. (34) Padrões LOa/LCe (?) em vasilha P9.1. (35) Padrão LC não determinado em vasilha 3.a'. (37, 39) Padrões LHVb e LCb, respectivamente, em corpo de vasilha não determinada. Em 37(b) observa-se pintura a dedo na superfície externa do fragmento. (40) Padrão LOa em vasilha 5b. (41) Padrão LHVd em vasilha le. Traço pontilhado: vermelho; traço contínuo: preto.



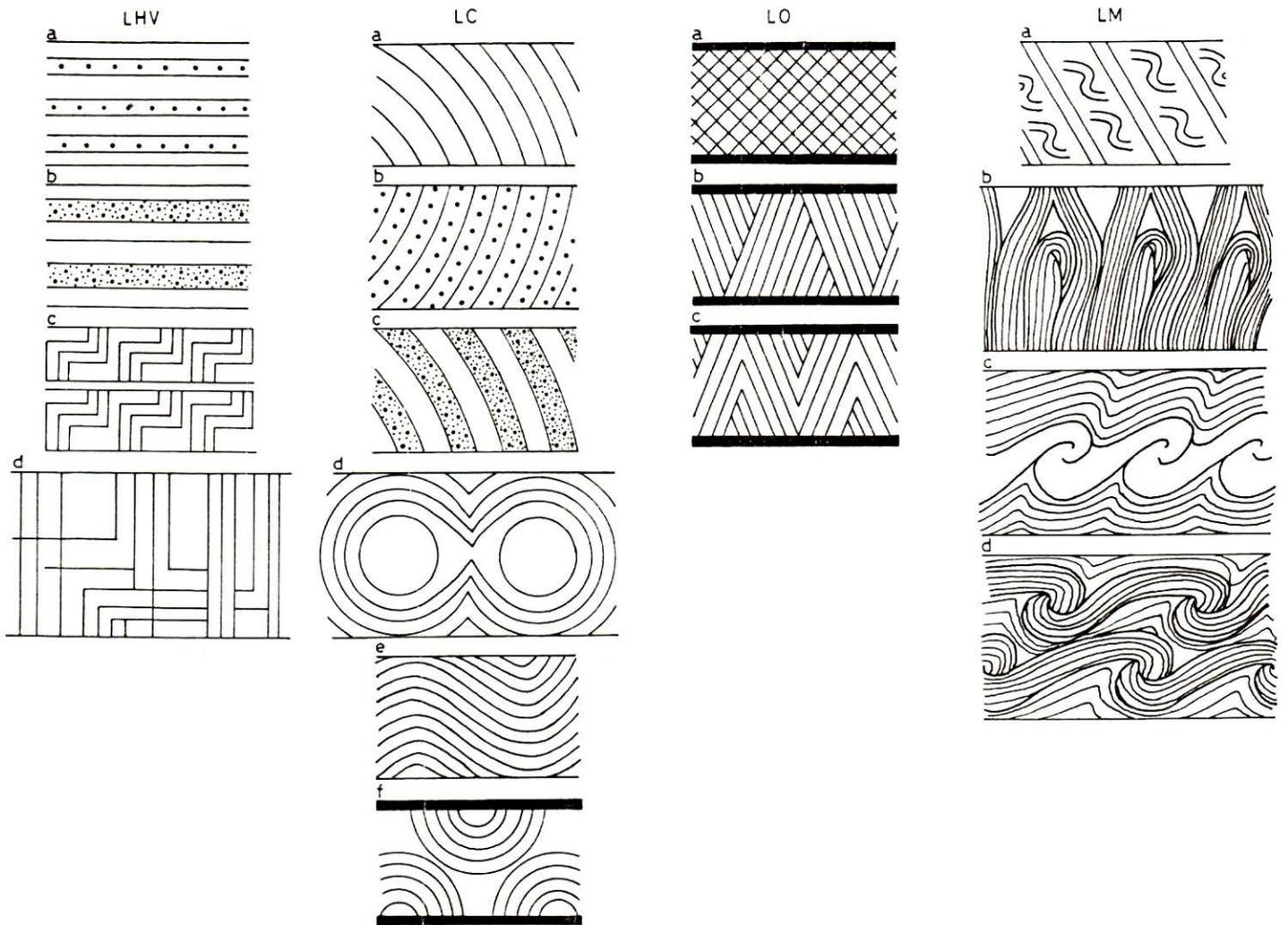
ESTAMPA 30: Padrões internos de decoração pintada. (42) Padrão LCa em vasilha P9.1 (43, 46, 50) Padrões LCa, LCb e LHVd, respectivamente, em vasilha lc. (44) Padrão LCd em vasilha P9. (45) Padrão LOa em vasilha 3a.l. (47) Padrões LOc(?)/LCa em vasilha tipo 2. (48) Padrão LHVa em vasilha lf. (49) Padrão LCe em vasilha ld.
 Traço pontilhado: vermelho; traço contínuo: preto.



ESTAMPA 31: Padrões internos de decoração pintada. (51) Padrão LHVd em vasilha lb. (52,53) Padrões LOB e LMb em vasilhas P8 e P9, respectivamente. (54) Padrão LMd em corpo de vasilha não determinada. Em 54(b), aparece pintura a dedo na superfície externa da mesma vasilha. (55) Padrão LMa em vasilha ld.



ESTAMPA 32: Padrões de decoração externa



ESTAMPA 33: Padrões de decoração interna

ção, tendo uma finalidade aparente de preencher espaços vazios.

Contudo, novamente se coloca que o universo amostral é relativamente pequeno e que foram utilizados para esse estudo somente os dados concretos de forma e padrão decorativo dos fragmentos, porém, pela observação da totalidade do material cerâmico pintado, acreditamos serem esses dados suficientes para um razoável manejo e compreensão de alguns fatores importantes com relação a essa técnica decorativa.

5. Os Restos Faunísticos

5.1. Os restos, sua identificação e distribuição

O sítio 212 proporcionou 10.207 g de vestígios faunísticos, sendo 7.627 g do núcleo A (176 m² escavados), 1.430 g do núcleo B (60 m² escavados) e 1.150 g do núcleo C (117 m² escavados). Os restos ósseos e malacológicos estão bem conservados, tendo em consideração que se trata de um sítio em campo aberto e que foi cultivado por aproximadamente um século. Os ossos acham-se fraturados de maneira característica, denunciando intensa manipulação pelo homem: as diáfises dos ossos longos encontram-se estilhaçadas intencionalmente, provavelmente em busca do tutano que encerravam, ao passo que as epífises estão geralmente intocadas, mantendo pequena parte da diáfise. A fratura em alguns casos parece ter sido feita por torsão, em outros por fratura reta simples ou com apoio; não se observou fratura por percussão. Os outros ossos, que não os longos, raramente estiveram sujeitos a fragmentação pelo homem. Um número bastante grande de restos sofreram a ação do fogo, encontrando-se queimados, mas é raro estarem completamente calcinados.

Depois de limpos e numerados, foram separados os restos zoológicamente identificáveis daqueles que não o eram. Os primeiros foram agrupados em classes de animais, mamíferos, aves, répteis, anfíbios, peixes e moluscos.

A identificação e determinação taxonômica foi realizada através da comparação com elementos da coleção osteológica e malacológica do Instituto Anchieta de Pesquisas e com ilustrações de bibliografia especializada.

Os elementos identificados nos três núcleos do sítio foram:

Mammalia

Artiodactyla: Cervidae: mandíbula, maxila, dentes, omoplata, úmero, rádio, ulna, pélvis, fêmur, tíbia, rótula, tálus, escafoide, lunar, magnum, metapodial, calcâneo, navículo e falan-

ges.

Com eles foram reconhecidos os gêneros Mazama (veado-mateiro) e Blastocerus (cervo-do-pantanal).

Tayassuidae: úmero, rádio, ulna, fêmur, tâlus.

Com eles foi reconhecido o gênero Tayassu (porco-do-mato-queixada).

Perissodactyla: Tapiridae: maxila, rádio, ulna, pélvis, rótula, metapodial e falanges.

Com eles foi reconhecido o gênero Tapirus (anta).

Primates: Cebidae: fragmentos de crânio, mandíbula, maxila, dentes, úmero, rádio, ulna, fêmur e tibia.

Com eles foram reconhecidos os gêneros Alouatta (bugio) e Cebus (mico).

Carnivora: Canidae, Procyonidae, Mustelidae e Felidae: mandíbula, maxila, úmero, rádio, ulna, fêmur, tibia, calcâneo, metatarso.

Com eles foram identificados os gêneros Dusicyon (graxaim), Procyon (mão-pelada), Felis (jagatirica), Lutra (lontra) e Conepatus (zorrilho).

Rodentia: Capromyidae, Caviidae, Erithizontidae, Hydrochaeridae e Dasypodidae: mandíbula, maxila, dentes incisivos, omoplata, úmero, ulna, pélvis, fêmur, tibia, calcâneo.

Com eles foram identificados os gêneros Myocastor (rato-do-banhado), Coendu (ourico-cacheiro), Cavia (preá), Hydrochaeridae (capivara), Agouti (paca) e Dasyprocta (cutia).

Marsupialia: Didelphidae: Mandíbula, maxila, omoplata, úmero, pélvis, fêmur, tibia e falanges.

Com eles foi identificado o gênero Didelphis (gambá).

Aves: coracoide, esterno, úmero, rádio, ulna, tibia, tibiotarso, fêmur, metapodial, falanges.

Com eles não conseguimos identificar gêneros por falta de material comparativo. Trata-se de animais médios a pequenos, como poderiam ser perdizes, marrecas e outras aves, para as quais o ambiente era propício.

Pisces: Osteichthyes:

Perciformes: Scianidae: dentário, pré-maxila, cleithrum, opérculo, vértebras.

Com eles foi possível identificar o gênero Micropogonias (corvina-de-água-doce).

Siluriformes: Ariidae: sincrânio, biomandibular, pré-maxila, dentário, quadrado e espinho peitoral.

Com eles conseguimos identificar o gênero Bagre (bagre).

Reptilia

Chelonia, Crocodilla e Sauria: fragmentos de carapaça, úmeros, cúbito-rádio.

Com esses escassos restos foi possível afirmar com certeza apenas a presença de tartarugas aquáticas. O ambiente propiciaria também a existência de jacarés e lagartos.

Mollusca

Com as carapaças inteiras e os vários fragmentos foi possível identificar três espécies de Gastropoda, sendo uma terrestre (Megalobulimus oblongus), uma dulciaquícola (Pomacea sp.) e uma marinha (Olivancillaria vesica auricularia). É uma espécie de Pelecipoda dulciaquícola (Diplodon sp.).

Com os vestígios faunísticos determinados taxonomicamente buscou-se primeiro, determinar a importância das espécies no conjunto da alimentação, estabelecendo o número mínimo de indivíduos (NMI) representados. Entre os mamíferos predominaram absolutamente os cervídeos, com 30 exemplares, seguindo os demais, com números muito inferiores: o bugio e o gambá com 7; o porco-do-mato, a anta e a cutia com 4; o tapiti com 3, a capivara, o mico, a paca e a preá com 2, a jaguatirica, o mão-pelada, o rato-do-banhado, o ouriço e o zorrilho com apenas um exemplar. As aves estão pouco representadas, tendo sido possível identificar apenas 6 indivíduos. Da mesma forma os peixes, com 5 indivíduos. Os restos dos répteis são 3, os de anfíbios 6.

Quantitativamente o número de moluscos identificados não é significativo, tendo sido encontradas somente 34 conchas de gastrópodos e duas valvas de pelecípodos inteiras, além de escassos fragmentos. (Ver quadro 5)

Depois estabelecemos um quadro mostrando a distribuição nos três núcleos. Nele se vê que algumas espécies aparecem nos três núcleos: são os veados, o bugio, o gambá, a anta e aves. A e C compartilham, com exclusão de B: porco-do-mato, tapiti e répteis. A e B compartilham: cutia, capivara, mico, peixes e anfíbios. Finalmente, alguns elementos são exclusivos. Do A: preá, ouriço e rato-do-banhado (três roedores). Do B: cutia, lontra, mão-pelada e jaguatirica (quatro carnívoros). Do C: graxaim (um carnívoro). Perguntamo-nos se essa distribuição teria algum significado. Aparentemente se trata de uma distribuição aleatória. Quando os animais são exclusivos de um núcleo quase sempre se trata de animais representados na escavação por um só exemplar.

Observando as epífises de cervídeos notou-se a baixa frequência de epífises ainda não consolidadas, o que evidencia o

abate de animais adultos na maior parte dos casos. Apenas em 4,5% as epífises estavam soltas ou as diáfises estavam sem as respectivas epífises.

Embora os ossos tenham sido intensamente manipulados pelo homem, que estilhaçou os ossos longos e só conservou mais ou menos inteiras as suas epífises, só quatro são os ossos transformados em artefatos: Uma espátula de 17,5 cm de comprimento, confeccionada em fíbula de anta, duas pontas confeccionadas em fragmentos de diáfises, uma com 2 x 0,8 cm e outra com 2,5 x 0,7 cm; uma ponta confeccionada em diáfise de ave, com 4 x 0,8 cm. (Estampa 34). Não nos atrevemos a dizer se eram pontas-de-projétil, furador ou espátula. (Adendo C, p. 127)

Olhando a distribuição dos restos de alimentos no espaço das habitações, percebemos que eles ocupam uma posição mais ou menos definida nos diversos núcleos.

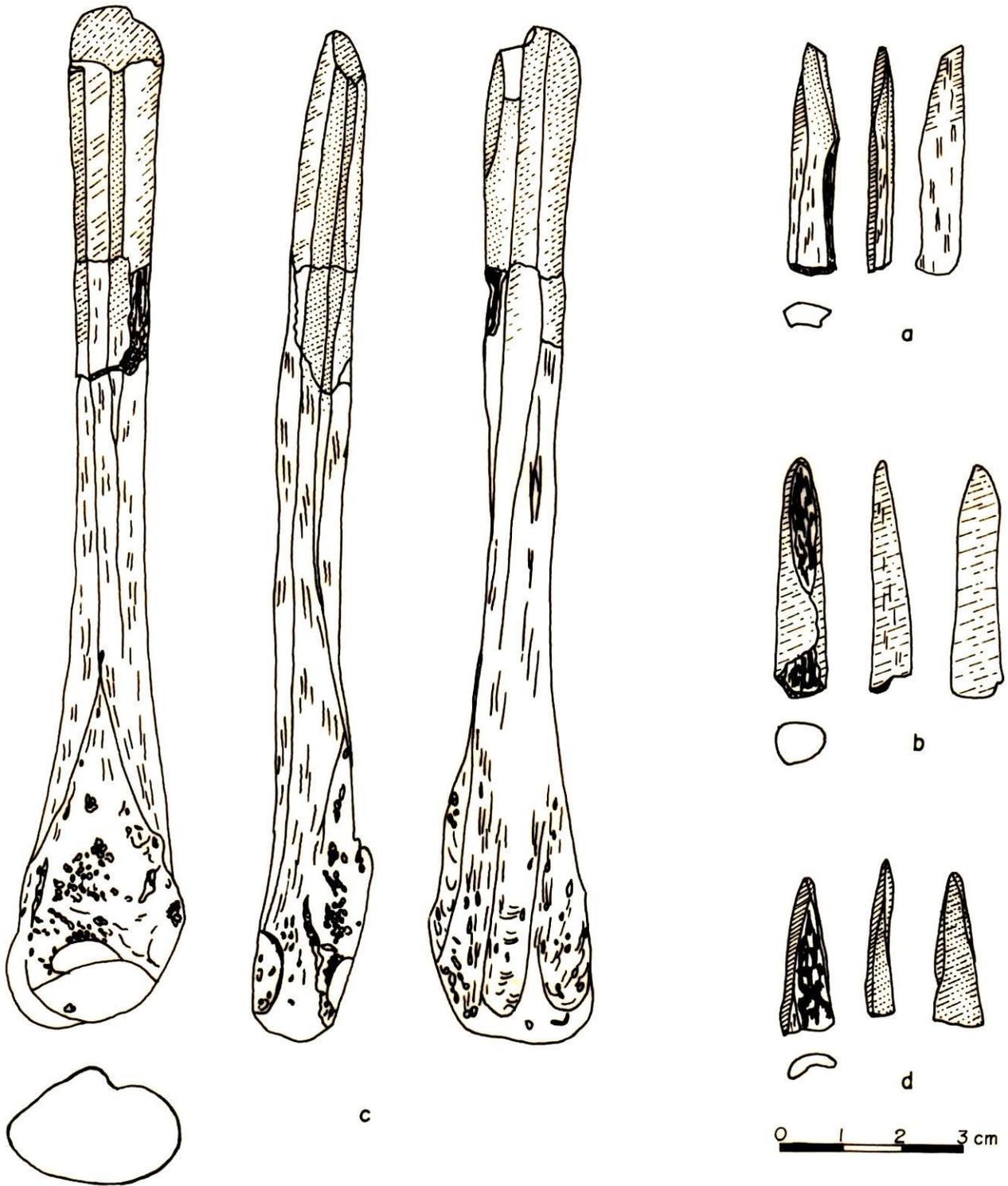
No núcleo A, que aparentemente tem duas áreas de cocção, uma em cada metade da habitação, o material se encontra mais concentrado num mesmo lado dos fogões (o direito no croqui em direção ao meio da habitação). O fogão do alto do croqui tem mais restos que o outro.

No núcleo B, que só tem uma área de cocção, o material também se encontra tipicamente para um dos lados do fogão, mais para uma das extremidades da habitação, não se achando quase nenhum osso no resto do núcleo.

No núcleo C, que também tem duas áreas de cocção, os restos ósseos também têm distribuição definida com relação às áreas de cocção, encontrando-se concentrados em ambos os extremos da habitação, porém mais fortemente num dos extremos.

5.2. Os hábitos dos animais caçados

Os habitantes da aldeia apropriavam-se de animais de variadas espécies, encontradiças nos ambientes próximos. A área imediatamente circunjacente era a densa mata da planície e da íngreme encosta. A pequena distância, descendo o rio, existiam áreas pantanosas e alagadiças extensas. Estas áreas todas eram acessíveis em poucas horas de caminhada. Na margem direita do rio, a distâncias um pouco maiores, ainda facilmente acessíveis, mas exigindo pernoite fora de casa, estavam os campos cobertos de altas gramíneas. E, no alto do planalto, que exigiria uma ausência de vários dias, estão as matas mistas com pinheiros. O rio estava encostado. Cada um desses ambientes proporcionava fauna característica. Repassando os animais identificados nos restos percebe-se isso imediatamente.



ESTAMPA 34: Artefatos em osso

A quase totalidade são animais da mata: o veado-mateiro, o porco-do-mato-queixada, a anta, o bugio e o mico, o mão-pelada, o graxaim, a jaguatirica, a capivara, a paca, a cutia, a preá, o ouriço-cacheiro, o gambá, o tapiti; das áreas empantanadas e corpos de água são o cervo-do-pantanal, o ratão-do-banhado, a lontra, a tartaruga, o peixe, o jacaré e alguns moluscos.

As aves podem ser tanto da floresta, como das áreas empantanadas. Animais que sejam predominantemente do campo não foram registrados agora. (Jacobus, 1985, apontava o veado-campeiro e o zorrilho, mas na revisão, esses animais não foram novamente apontados).

Cervo-do-pantanal

Mammalia, Artiodactyla, Cervidae, Blastocerus dichotomus.
Mede 190-210 cm. Pesa 100-150 kg.

Anda solitário, aos pares ou em pequenos grupos. Os machos andam juntos e não brigam.

Vive em pântanos com vegetação alta e bem cerrada, onde se torna difícil o acesso do homem. Prefere os esteros, pântanos rodeados de matos, lugares com abundante água, solo úmido e vegetação fechada e meio seca, onde se possa esconder, confundindo-se com a cor dos vegetais.

Alimenta-se principalmente de plantas aquáticas, pastando também gramíneas, folhas e brotações variadas.

Atividade crepuscular, mas também noturna. Durante o dia fica deitado, dormindo e ruminando.

A fêmea pode criar um filhote por ano. O cio dá-se nos meses de outubro e novembro. A gestação dura de nove meses a um ano.

É tímido e medroso. Mas é um dos animais menos temerosos do homem: antes de fugir, fica olhando para o intruso. Acerca-se dos acampamentos e aldeias. Quando atacado por outros animais luta com os chifres.

Veado-mateiro

Mammalia, Artiodactyla, Cervidae, Mazama americana.
Mede 105-142 cm. Pesa 25 kg.

Hábito solitário.

Vive em matas altas ou cerrado, de preferência à beira de rio.

Deixa a mata só ao anoitecer ou nas primeiras horas da manhã para pastar raminhos, ervas, frutos e outros elementos vegetais. Durante o dia dorme na mata fechada.

Sua atividade é noturna e crepuscular.

Os filhotes, em número de um ou dois, nascem de preferência entre maio e outubro.

É muito arisco, fugindo do homem com movimentos rápidos e refugiando-se no rio.

Porco-do-mato-queixada

Mammalia, Artiodactyla, Tayassuidae, Tayassu pecari.

Mede 76,5-105 cm. Pesa 16-30 kg.

Hábito gregário, reunindo machos e fêmeas.

Vive em matas densas e úmidas; gosta de banhos nos rios.

Come vegetais e animais. Fuça o chão em busca de alimento.

É terrícola.

A fêmea pare dois filhotes, que seguem a mãe imediatamente.

A atividade é diurna.

Não ataca o homem. Bate os dentes de forma característica para assustar os inimigos. Quando assustado corre com grande velocidade em fila indiana e se entoca para se esconder; correndo, abre caminho com a força do corpo ou a dentadas. Enxerga pouco, mas ouve bem, razão, talvez, de se assustar com facilidade.

Pode ser localizado pelo seus carreiros e pela terra revolvida.

Anta

Mammalia, Perissodactyla, Tapiridae, Tapirus terrestris.

Mede cerca de 200 cm. Pesa cerca de 300 kg.

Hábito solitário, ou em casais.

Vive em matas fechadas e altas na proximidade de água.

Alimenta-se de vegetais, folhas, frutos e raízes.

É terrícola.

Atividade noturna, mas também diurna.

A fêmea pare um só filhote, que fica 6 meses com a mãe. A gestação dura 397 dias.

É tímida. Anda normalmente em trilhas, que sempre terminam junto de fontes de água.

Quando acossada, investe, derrubando o que encontra no caminho. Quando corre dentro do mato faz muito barulho, porque desloca-se de cabeça baixa e vai arrebetando cipós e galhos que possam impedir sua passagem. Para refugiar-se procura a água, nadando e mergulhando muito bem.

Capivara

Mammalia, Rodentia, Hydrochaeridae, Hydrochaeris hydrochaeris.

Mede 100-130 cm. Pesa 25-30 kg.

Hábitos gregários, com bandos de 8 a 20 indivíduos de ambos os sexos. Cada grupo tem um território definido.

Vive à beira da água, na mata. É semi-aquático, nada bem.

Come vegetais e plantas aquáticas de diversas espécies.

As atividades são diurnas e noturnas, desenvolvendo-se principalmente às primeiras horas da manhã e da tarde; com o sol quente refugia-se na água, ou na sombra.

A fêmea pare quatro a seis ou mesmo oito filhotes.

É lenta e pacífica. Bate os dentes, quando irritada. Refugia-se na água, onde permanece escondida.

Denuncia sua presença pelos montículos de fezes que deposita. Os rastros também são de fácil reconhecimento.

Paca

Mammalia, Rodentia, Dasyproctidae, Agouti paca.

Mede cerca de 70 cm. Pesa até 10 kg.

Hábito solitário.

Vive em áreas cobertas com vegetação alta, como matas, capoeirões, sempre às margens de mananciais hídricos. Mora em tocas que ela mesma cava, com várias ramificações e saídas para a superfície, ou em outras concavidades naturais.

Come vegetais diversos, mas parece ter preferência por frutas.

É terrícola.

Atividade noturna, com audição e olfato bem desenvolvido, mas com pouca visão.

A fêmea pare anualmente dois filhotes, às vezes um só. Deles cuida durante meses. A procriação se dá entre abril e setembro.

Quando perseguida, procura refúgio dentro da água, onde mergulha rapidamente.

Nos lugares onde vive é possível encontrar trilhas bem demarcadas por onde passa sempre.

Cutia

Mammalia, Rodentia, Dasyproctidae, Dasyprocta azarae.

Mede uns 50 cm.

Tem hábitos solitários.

Vive em matas e capoeiras, em ocos de árvores, nas anfractuosidades dos barrancos, ou tocas abandonadas, debaixo de raízes e árvores caídas.

Come frutos, sementes e vegetais suculentos, encontrados

no chão.

É terrícola. Salta e corre com grande velocidade entre a vegetação.

Atividade crepuscular. Tem visão reduzida, mas olfato e audição acentuada.

A fêmea pare dois a três filhotes, que guarda em esconderijos escuros. A gestação é de 104 dias.

Embora mansa, fugidia e esquiva, quando se defronta com o inimigo reage e sabe valer-se dos magníficos dentes que possui.

Preá

Mammalia, Rodentia, Caviidae, Cavia aperea.

Mede 16-29 cm. Pesa 250-270 g.

Hábitos sociais.

Vive em capinzais ribeirinhos, entre moitas de gravatás, mas não muito distantes de riachos, córregos ou lagoas.

Come variados vegetais.

É terrícola.

Atividade diurna. Pasta nas primeiras e últimas horas de sol em locais de grama tenra.

A fêmea pare um a dois filhotes e pode ter até duas ninhadas anuais.

Foge com grande velocidade diante do homem para dentro dos tufos de vegetação, onde vive.

Ouriço-cacheiro

Mammalia, Rodentia, Erethizontidae, Coendu villosus.

Mede 65-75 cm. Pesa 1,5-2,0 kg.

Hábito solitário.

Vive na mata, em cima das árvores, o que é facilitado pela cauda preênsil.

Come frutas e folhas.

Atividade crepuscular e noturna.

A fêmea pare um a dois filhotes, nos ocos de árvores velhas.

Pobre de visão, ouve bem e tem olfato sensível. É lento. Quando atacado, defende-se com os espinhos que cobrem a maior parte de seu corpo.

Denuncia-se pelos gritos noturnos.

Ratão-do-banhado

Mammalia, Rodentia, Capromyidae, Myocastor coypus.

Mede 70-100 cm. Pesa 7-9 kg.

É migratório, vivendo em agrupamento.

Vive em banhados, lagoas, rios e outros locais com água.

Faz refúgio e ninho em barrancos, em superfícies grandes de água com vegetação baixa; os refúgios são constituídos com talos, pedaços de juncos e capins, que ele corta e carrega, formando grandes plataformas, acima da superfície da água. Fica nesses lugares durante o dia, dormindo, entre a vegetação. Para comer pode ficar dentro da água, pegando a vegetação flutuante ou fixa na superfície, ou sair para terra firme.

Alimenta-se de vegetais.

Normalmente observam-se na natureza fêmeas com dois a quatro filhotes, mas as ninhadas podem ser de maior número. Podem procriar duas vezes ao ano. A fêmea cuida dos filhotes durante uns 3 meses.

Quando perseguido, foge e esconde-se na água.

As fezes, cilíndricas, alongadas, de cor verde, assim como as trilhas nas margens úmidas, constituem bons vestígios para indicar a presença deste grande rato.

Jaguarica

Mammalia, Carnívora, Felidae, Felis pardalis.

Mede 100-130 cm. Pesa 7-15 kg.

Hábito solitário.

Vive em florestas densas ou vegetação do tipo parque. Trepá, com facilidade, em grandes árvores para caçar ou esconder-se. Refugia-se em ocos ou covas ao pé de grandes troncos e em grutas. Nada bem.

Tem espectro alimentar amplo: come gambás, pequenos e médios roedores até o tamanho de uma cutia (sua presa favorita), pecari e veado pequeno. Raramente come pássaros, mas agarra répteis relativamente grandes, inclusive lagartos. A maioria de suas caçadas são feitas sobre o solo.

Atividade noturna.

Graxaim

Mammalia, Carnívora, Canidae, Dusicyon thous.

Mede 100-112 cm. Pesa cerca de 5 kg.

Hábito solitário.

Vive nas matas. Para esconderijo procura tocas, fendas e ocos de árvores no chão.

Tem um amplo espectro alimentar, podendo se dizer que come de tudo. Regime alimentar oportunístico. Come ratos.

É terrícola.

Atividade essencialmente noturna, mas também pode ser observado de dia.

O número de filhotes, por ninhada, é geralmente cinco. A

fêmea se dedica durante alguns meses à ninhada.

Aproxima-se dos acampamentos em busca de alimento. Mas foge do homem.

No Rio Grande do Sul existe mais a espécie Dusicyon gymnocercus, o graxaim-do-campo, uma espécie típica dos pampas, regiões abertas, como campos e capoeiras, onde tem sido observada mais comumente do que em matas.

Mão-pelada

Mammalia, Carnívora, Procyonidae, Procyon cancrivorus.

Mede 90-100 cm. Pesa uns 8 kg.

Hábito social.

Vive em vegetação cerrada e alta, nas proximidades de rios, riachos, banhados e lagos.

Come substâncias variadas de origem animal e vegetal, de preferência peixes e organismos aquáticos. Quando há poucos alimentos, usa territórios de até três km ao redor de sua toca.

É terrícola, mas trepa e nada bem.

Atividade noturna; durante o dia permanece em ocos de árvores, sob grandes raízes e em tocas. À noite anda em lugares pantanosos ou próximos à água, na procura de alimentos.

A fêmea pare dois a quatro filhotes, que ficam sob proteção até poderem andar sozinhos.

Quando perseguido sobe em árvores com facilidade.

Zorriho

Mammalia, Carnívora, Mustelidae, Conepatus chinga.

Mede 47-58 cm. Pesa 1-2 kg.

Hábito solitário.

Vive em campos limpos, planícies herbáceas e bosques ralos.

Come pequenos animais (artrópodos e pequenos vertebrados, inclusive serpentes). Não despreza frutas e raízes.

É terrícola.

Atividade noturna e crepuscular. Durante o dia dorme no oco de árvores, tocas, fendas ou rochas, sob raízes, ou em buracos cavados no chão.

É polígamo: no inverno muitas fêmeas compartilham a toca de um mesmo macho. No fim da primavera, após uma gestação de 63 dias, dão à luz, cada uma das fêmeas, ninhadas de quatro a cinco crias, que amamentam de seis a sete semanas.

Pacífico, não foge diante do homem. Quando em perigo, defende-se com uma substância volátil, altamente fedorenta.

Lontra

Mammalia, Carnívora, Mustelidae, Lutra longicaudalis.

Mede 100-120 cm.

Hábito social.

Vive em rios e lagos. Escava tocas nas barrancas para reproduzir-se e esconder-se durante o dia.

Alimenta-se de peixes, moluscos, crustáceos e aves que captura, com grande habilidade, dentro da água.

Vida semi-aquática.

Atividade noturna.

A ninhada, em cada parição, é de dois a quatro filhotes.

Foge do homem.

Bugio

Mammalia, Primates, Cebidae, Alouatta caraya.

Mede 114-184 cm. Pesa 7-9 kg.

Hábitos sociais, vivendo em pequenos bandos, de 10 ou mais indivíduos de ambos os sexos.

Vive no alto das árvores em florestas densas, só descendo para beber água.

Come folhas, frutos, sementes e pequenos animais.

Atividade diurna e crepuscular.

A fêmea pare um filhote, que nasce entre maio e agosto. Ele fica agarrado às costas da mãe.

É lento. Assusta-se com a presença do homem e foge de galho em galho, usando o rabo preênsil.

Denuncia-se pelo ronco, que se escuta a um km de distância, ao cair da tarde.

Mico

Mammalia, Primates, Cebidae, Cebus apella.

Mede 86 cm. Pesa 2-4 kg.

Hábito social, andando em grupos de vários animais, de ambos os sexos.

São animais das matas, que vivem nas copas de árvores altas. Movimentam-se constantemente.

Come folhas, flores, frutas, ovos e pequenos animais.

É arborícola.

Atividade diurna.

A fêmea pare um filhote após 180 dias de gestação, o qual, nos primeiros meses de vida, anda agarrado nos pelos ventrais da mãe e, quando mais crescido, passa a andar sobre as costas desta.

Foge por cima dos galhos quando em perigo.
Emite gritinhos e salta, o que o denuncia.

Gambá

Mammalia, Marsupialia, Didelphidae, Didelphis sp.

Mede 60-90 cm. Pesa 0,64-2,75 kg.

Hábito solitário, aos pares só na época da reprodução.

Vive em capoeiras, matas primárias e secundárias, banhados e capões. Sobe fácil em árvores, no que é ajudado pela cauda preênsil.

Come roedores e pequenas aves, rãs, lagartixas, caranguejos e chupa sangue; também gosta muito de frutas.

Atividade noturna e crepuscular. Durante o dia dorme em lugar pouco iluminado e seco.

A fêmea tem vários filhotes, de 4 a 14; na bolsa tem 14 mamas. A gestação dura 13 a 14 dias, mas no marsúpio os filhotes ficam mais 70 dias. Procria duas vezes ao ano.

É lento e pacífico. Quando batido finge-se morto. Quando muito acuado, emite um cheiro forte.

Tapiti

Mammalia, Lagomorpha, Leporidae, Silvilagus brasiliensis.

Mede 35-40 cm. Pesa 0,95-1,20 kg.

Hábitos sociais.

Vive em vegetação de tipo parque e bordas de matas fechadas.

Alimenta-se de talos, brotos e cascas de uma grande variedade de espécies vegetais.

Atividade noturna. Durante o dia permanece escondido em tocas que ele mesmo cava, ou em buracos já existentes.

É terrícola.

É considerado prolífero, porque a fêmea pode ter 4 a 5 partos durante o ano, dando à luz dois a sete filhotes cada vez.

Eles nascem de olhos fechados, desprovidos de pelos, em um ninho bem forrado com palhas e pelos da própria mãe.

É muito assustadiço, fugindo com rapidez à presença do homem.

5.3. Considerações Gerais

Os restos recuperados indicam os animais que foram trazidos para a aldeia para consumo das famílias. A presença de ossos de todo o corpo dos animais abatidos sugere que eram trazidos

integralmente. A escassez de carne e o reduzido porte dos animais facilmente induziria a isso.

Na medida em que se podem fazer inferências a partir dos restos presentes, percebe-se que o maior volume de proteína parece ter vindo da caça de mamíferos, entre os quais predominam os cervídeos. A floresta não oferece espécies que apresentem grande número de indivíduos, o que leva a uma caça diversificada.

Chama atenção a falta de restos de tatu, que se desenvolve em áreas mais abertas, e do lagarto, adaptado a vários ambientes.

É difícil avaliar a contribuição alimentar dos peixes e aves, mas pelos restos recuperados, ela parece muito inferior à dos mamíferos.

Os peixes do rio Pardo são pequenos a médios, entre 1 e 2 kg de peso e são predominantemente locais, não tendo importância os peixes migratórios.

Entre as aves não se poderia dizer o mesmo: além das aves do mato, que estão o ano todo e que são de porte médio a pequeno, devemos lembrar as aves de arribação, como as marrecas que fogem da estação fria no sul do continente e podem cobrir literalmente os banhados e alagadiços. Chama atenção a falta de restos de ema que era habitante comum nos campos e cujos ovos são muito alimentícios.

Parece casual a presença de tartarugas, que podem ser abundantes nas lagoas ou banhados de águas permanentes e do jacaré, que se desenvolve no mesmo ambiente.

Pelos restos recuperados parece não se tratar mais de uma caça a tudo o que se move, como entre os caçadores e coletores de áreas do centro do Brasil (Schmitz, 1980), pois que o sustento seria garantido pelos cultivos, mas de uma preação útil, destinada a produzir quantidades apreciáveis de proteínas, com utilização moderada do tempo, para complementar os alimentos vegetais cultivados e nativos.

Pensando nas estratégias de caça, fica bem claro que as mesmas não podem ser deduzidas dos restos recuperados: não há pontas de projétil de pedra ou de osso, nem bolas de boleadeira. De relatos históricos sabemos que essas populações usavam na caça, arcos e flechas, cujas pontas eram, ao menos predominantemente, vegetais. Armadilhas também costumam ser comuns para animais que têm trilheiro fixo, ou que avançam nas plantações, como o queixada, a anta, a capivara, o mico, a paca, a cutia, o ouriço-cacheiro, o tapiti e diversas aves. A própria plantação favoreceria o desenvolvimento desses animais, proporcionando-lhes uma

alimentação mais estável, e facilitaria a sua caça porque os lugares de sua alimentação seriam bem visíveis pelos estragos feitos nas roças.

A atividade da caça deveria ser, preferencialmente, crepuscular, ocorrendo mais intensamente no início e no fim do dia solar, quando a maior parte dos mamíferos estão ativos. Certamente muitas aves, diurnas, devem ser excluídas deste horário.

Também não temos anzóis que atestem a pesca, a qual poderia ter tido certa importância. Podemos supor, de acordo com informes antigos, que usariam projéteis, pequenas redes, barragens e envenenamento da água.

6. Os Restos Humanos

Os restos humanos são extremamente escassos dentro dos núcleos, indicando que deveria ter havido um lugar específico para enterrar os mortos, o qual não foi atingido pelas escavações.

Os restos humanos, recuperados de mistura com os ossos dos animais, apresentam as mesmas características dos ossos da caça, i.é, os ossos longos tiveram as diáfises estilhaçadas, permanecendo as epífises com claras marcas de fratura, feitas quando o osso ainda era fresco.

Os ossos humanos, todos de adulto, representam, no mínimo, um indivíduo e se compõem de uma epífise proximal de um úmero direito, uma epífise distal de um fêmur direito, queimada num dos lados, uma epífise proximal de um rádio direito, três falanges, sendo uma de pé direito e duas de mão direita, uma vértebra, um dente incisivo inferior muito desgastado e um cuboide intermédio do pé fortemente queimado. Como se vê, são sempre apenas fragmentos, com exceção dos ossos pequenos das mãos e dos pés. Os ossos são todos do lado direito.

Estes ossos estão distribuídos pelos três núcleos e se encontram na periferia dos lugares de fogo, exatamente como os demais restos de alimentos. No núcleo C, na camada atingida pelos instrumentos agrícolas, na quadrícula VI-1, encontra-se uma falange I de pé direito; na VII-1, o cuboide; a sua proximidade sugere que sejam do mesmo pé. No núcleo B, na camada não atingida pelos instrumentos agrícolas, na quadrícula 3B, foi encontrada a epífise de rádio direito; na 4C, uma falange II de mão direita: novamente dois ossos anatomicamente próximos. No núcleo A, na camada não atingida pelos instrumentos agrícolas, na 1C, foi achada a epífise do úmero direito, na 3C a epífise do fêmur direito; dois ossos do mesmo lado, mas diferentes. Na 9F, a vértebra, na

10C o dente, na 14G a falange I da mão direita, três elementos diferentes, ao redor de uma área de fogo também pouco definida.

Vale a pena observar ainda que todos os lugares de fogo importantes e definidos participaram dos restos. Só não foram identificados numa das metades do núcleo C, onde os restos ósseos em geral são muito escassos.

É possível que todos esses restos provenham de um só indivíduo, melhor, talvez da metade de um mesmo corpo.

Todos esses dados nos levam a propor o registro de canibalismo, envolvendo ao menos um indivíduo adulto, e só um, pedaços do qual parecem ter sido distribuídos pelos ocupantes das três habitações. Achamos ainda que o fato de se encontrarem apenas restos identificáveis do lado direito pode não ser casual, mas estar dentro de um ritual de distribuição de alimentos.

Canibalismo é registrado permanentemente para as populações guarani do Sul do Brasil pelos primeiros cronistas e, ao tempo da implantação da colônia ibérica, é uma das formas de reação à Conquista.

Veja Apêndice: Restos alimentares no Sítio de Itapoã.

7. A Distribuição dos Materiais no Espaço

Depois de plotados os materiais nas quadrículas, usando unidades de peça ou de peso, percebeu-se que os mesmos não estavam distribuídos igualmente pelo espaço.

Na **Casa B** essa distribuição é mais definida (Ver estampas 36-37).

Os fragmentos de fogão se reúnem em aglomerado típico, aproximadamente no centro.

Os seixos inteiros, os rachados e quebrados, acompanham e reforçam a tendência anterior para caracterizar um espaço que poderia ser denominado uma área de fogo e que, veremos com os outros materiais, deve ter sido a área central de cocção.

Os fragmentos líticos apresentam distribuição desigual:

Os percutores e os seixos intermediários estão ao redor da área de fogo, predominantemente para o seu lado direito.

Os núcleos também são predominantemente periféricos à área de fogo, estando os núcleos bipolares (como as lascas bipolares) mais fortemente para o lado esquerdo da representação.

As lascas e os fragmentos provenientes de retalhamento têm distribuição em diagonal, da esquerda para a direita e não coincide com a dos núcleos.

Uma distribuição parecida, e muito marcada, é a dos ali-

sadores-em-canaleta.

Os fragmentos de polidores também estão ao redor da área de fogo.

As enxadinhas estão concentradas no lado esquerdo da área de fogo.

Os furadores são demasiado poucos para mostrarem uma tendência.

A cerâmica é densamente distribuída pelo espaço, aparentemente um pouco mais densa no lado esquerdo, em cima, onde numerosos outros elementos também se adensam. As diversas formas de decoração sugerem, às vezes, ocupação diferencial: a cerâmica simples e corrugada parece um pouco mais densa na área de fogo; a ungulada e a pintada externa, talvez também a interna, mais à esquerda, em cima; decorações pouco repetidas costumam ter distribuição restrita.

As massas de barro preparado, conservadas porque de algum modo foram consolidadas, são encontradas principalmente na parte de cima da figura.

Aproximadamente no mesmo espaço estão também os ossos, restos de sua alimentação.

O espaço habitacional, denominado aqui casa B, parece ser unitário, mostrando uma área central de fogo e de cocção e, ao redor, áreas de outras atividades, artesanais ou de alimentação. Algumas atividades artesanais podem ser vislumbradas, como a produção de cerâmica, o retalhamento de núcleos, especialmente com percussão bipolar para a produção de pequenas lâminas cortantes, a preparação de pontas (ou tembetás) por abrasão, donde os numerosos alisadores. Outras atividades certamente seriam desenvolvidas fora de casa, ou seus rejeitos varridos da casa.

Juntadas as duas camadas, que apresentam distribuição semelhante, tem-se a impressão de que se trata de uma só unidade cronológica de ocupação, sem sobreposições diferenciáveis de habitações. O espaço habitado, menor, confirmaria esta suposição.

Na **Casa A** a distribuição dos materiais é menos definida (Estampas 38-41).

Os fragmentos de fogão apresentam certa concentração no alto e uma menos clara no meio da representação.

Os seixos inteiros, os rachados e quebrados, de certa forma, acompanhavam essas concentrações, porém menos claramente que na casa B.

A mesma pouca definição acontece com os artefatos líticos:

A maior parte das variedades de artefatos encontram-se

em áreas diferentes dos fogões, no alto e à direita desses, na representação; é o caso dos percutores e intermediários, das lascas e dos fragmentos. Até os fragmentos naturais, abundantes, parecem acomodar-se a este espaço. Os alisadores e afiadores em canaleta são abundantes e apresentam uma certa regularidade no espaço. É curioso que eles são bem mais numerosos que os percutores, intermediários e núcleos. Também os fragmentos e lascas não são numerosos. Tudo isso parece indicar que, ou as habitações eram limpas, retirando os materiais incômodos, ou as atividades correspondentes eram desenvolvidas no espaço exterior às habitações; a primeira alternativa parece mais viável se atentarmos para um acúmulo grande de outros resíduos, como ossos e fragmentos de cerâmica.

Os restos de ossos apresentam a mesma distribuição que a maior parte dos artefatos líticos, fugindo da maior concentração de pedras de fogão e seixos.

A cerâmica, muito abundante dentro do espaço habitacional, apresenta uma distribuição semelhante à das pedras de fogão e seixos, isto é, encontra-se mais perto das áreas de cocção. Já a distribuição das massas preparadas se parece mais com a dos restos de alimentos e artefatos líticos.

Buscamos saber se há diferenças significativas na distribuição das diversas variedades de acabamento da superfície da cerâmica. Parece que tal não existe: pelo contrário, parece haver uma distribuição proporcional por todo o sítio, com exceção do ungulado que, por ser mais raro, apresenta certas nucleações que, nem sempre, coincidem com as do universo cerâmico.

O espaço habitacional, denominado aqui casa A, não é unitário como o da B, apresentando, no alto, um claro local de fogueira; o do centro aparece mais difuso, quer porque o local do fogo era menos delimitado, quer porque o mesmo se moveu com o tempo. Com isso as demais áreas de atividade também estão menos claramente indicadas, podendo ter havido sobreposições ou deslocamento. As mesmas atividades estão sendo indicadas.

A **Casa C** foi escavada em dois momentos, sendo que no primeiro só foram realizadas algumas quadrículas, que devem corresponder aos números V6, V5, VI4, VII5, VI01 e VII01. Na segunda escavação, anos mais tarde, foram removidas as demais quadrículas. O reticulado, feito a partir do registro do material, ficou com lacunas, que são bem claras (Estampas 42-43).

Nesta casa não se vê tão claramente a distribuição diferencial do material.

Para conseguirmos enxergar as áreas de fogo plotamos em

separado as pedras de fogão e os seixos e depois os plotamos juntos, acrescentando ainda os fragmentos naturais, mas não se viram nucleações tão claras como nas duas outras casas. Há uma insinuação de duas áreas mais densas, junto aos dois polos da casa, com um espaço menos denso no centro da habitação. É possível que estes sejam os locais do fogo.

Os materiais líticos apresentam a mesma pouca definição.

As lascas, os núcleos e os fragmentos de produção parecem ter uma distribuição geral pela superfície da habitação. São poucos, como nas outras casas.

Os percutores, muito poucos, acham-se concentrados num espaço muito pequeno, bem como os furadores e a única enxadinha.

Os alisadores e afiadores-em-canaleta são abundantes e apresentam uma distribuição bastante geral.

Os restos de ossos apresentam uma disposição peculiar, estando concentrados em espaço(s) bastante definido(s), como nas outras duas manchas.

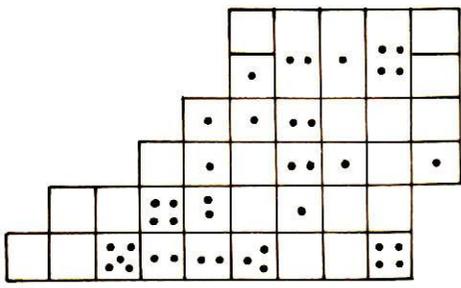
Relativamente abundantes são também os restos de massa preparada para produção de cerâmica, que se encontram espalhados pela casa.

A cerâmica, abundante, insinua as mesmas nucleações das áreas de fogo. Com exceção da cerâmica unglada, pouca, e por isso com distribuição atípica, as demais formas de acabamento de superfície ou decoração acompanham a distribuição da totalidade dos cacos cerâmicos, não se percebendo uma distribuição diferencial.

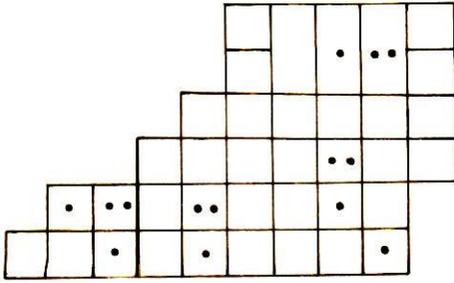
A Casa C insinua a organização do material ao redor de dois núcleos, como a casa A, podendo estes dois núcleos ser as áreas de fogo.

O espaço habitado parece não ter sido mantido limpo, mas os refugos se iriam acumulando dentro dele, formando uma camada bastante espessa de uns 30 cm; um total de 36.000 cacos de cerâmica dentro das três casas é bem significativo disso.

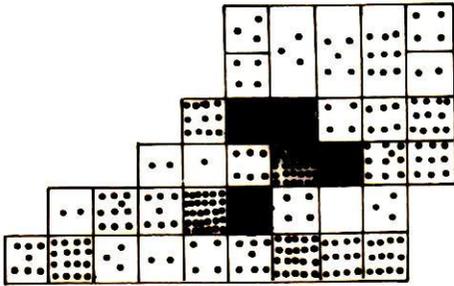
Parece que, na maior parte dos casos, as aldeias indígenas mantêm as habitações limpas e varridas, sendo o lixo e materiais inservíveis colocados em lixeiras na proximidade da área construída. No sítio em estudo não se viram lixeiras. Em outros sítios da tradição cerâmica Tupiguarani estudados no sul do Brasil também não se observou este fenômeno e todos os arqueólogos têm atribuído aos espaços das casas os materiais dispostos em manchas elípticas ou subcirculares. No presente caso há uma distribuição muito característica e mesmo diferenciada do material inservível, de modo que não há como não considerar os espaços es-



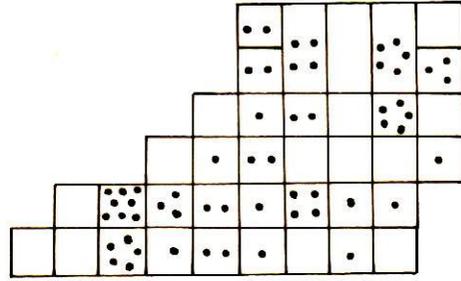
ALISADORES. • UNIDADES



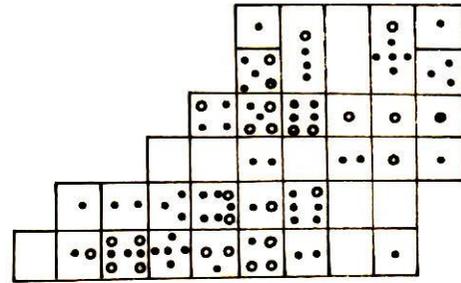
NUCLEOS. • UNIDADES



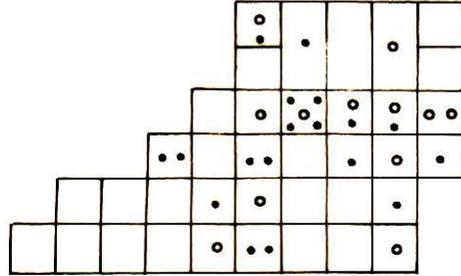
SEIXOS. • 50 GRAMAS



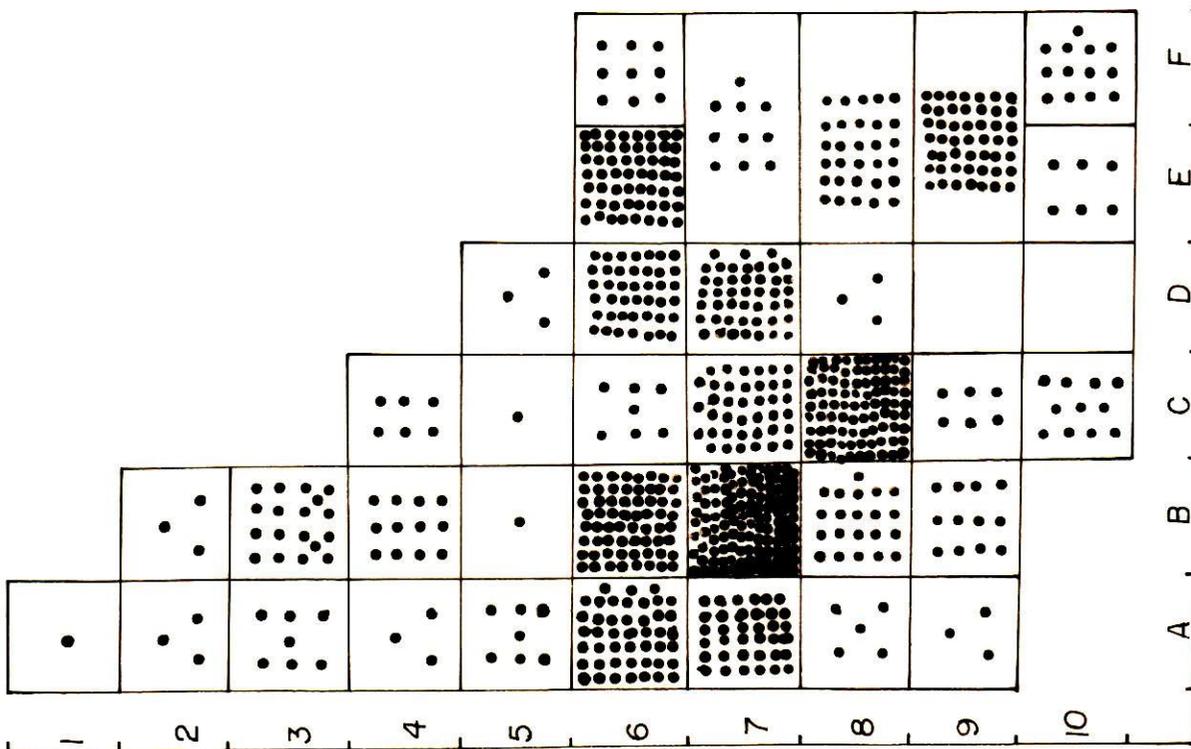
AFIADORES EM CANALETA
• UNIDADES



FRAGMENTOS. ○ UNIDADES
LASCAS. • UNIDADES

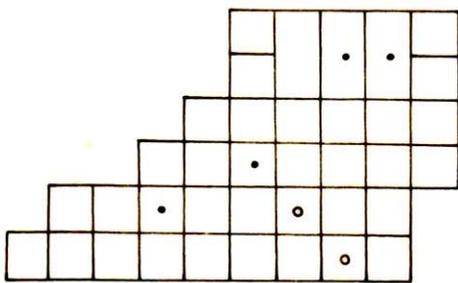


INTERMEDIÁRIOS. ○ UNIDADES
PERCUTORES. • UNIDADES

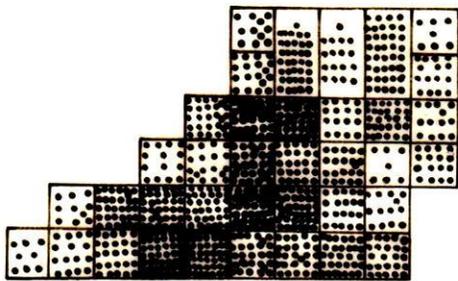


PEDRA DE FOGÃO. ● 50 GRAMAS

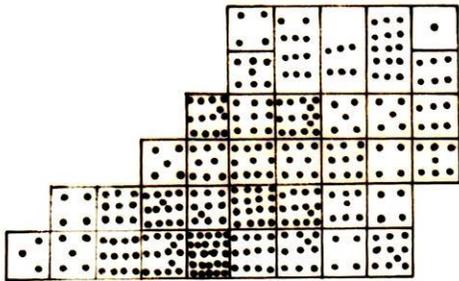
ESTAMPA 36: Distribuição do material no núcleo B



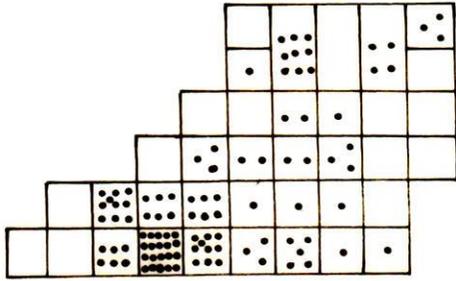
• FURADORES (POR UNIDADES)
 ○ ENXADINHAS (POR UNIDADES)



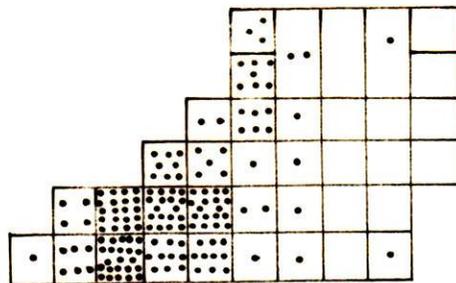
TODA A CERÂMICA
 • 10 CACOS



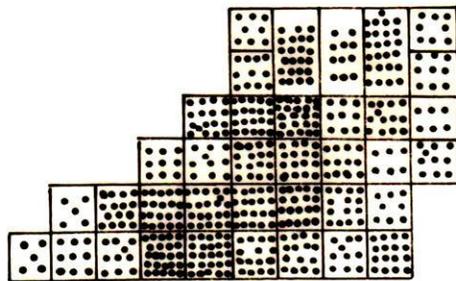
CERÂMICA SIMPLES
 • 5 UNIDADES



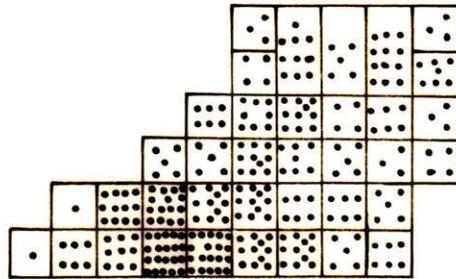
CERÂMICA UNGULADA
 • UNIDADES



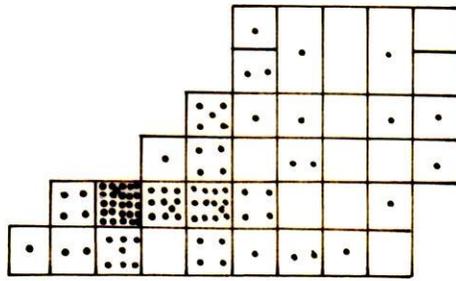
RESTOS DE CAÇA
 • 10 GRAMAS



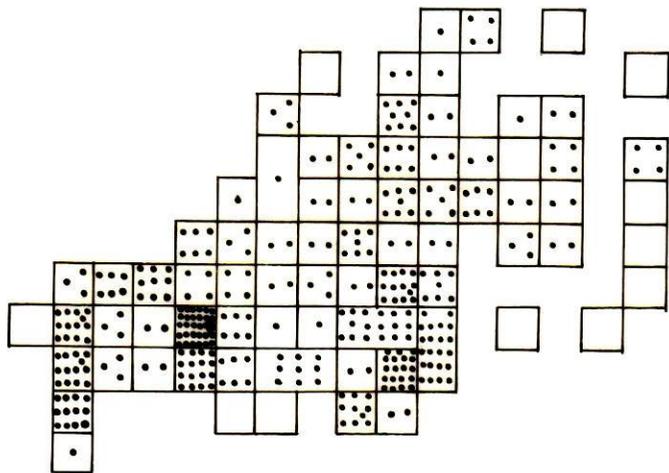
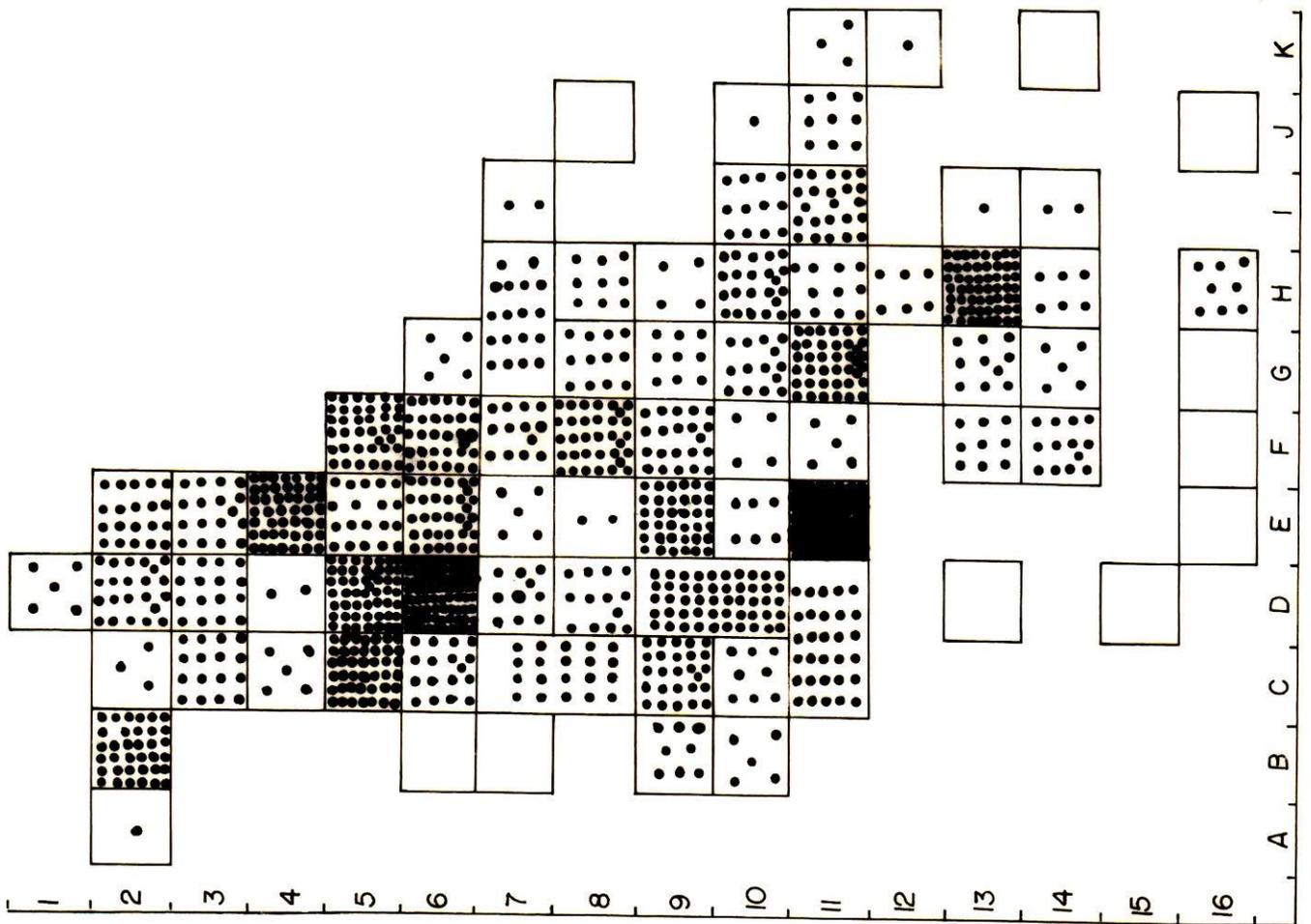
CERÂMICA CORRUGADA
 • 10 CACOS



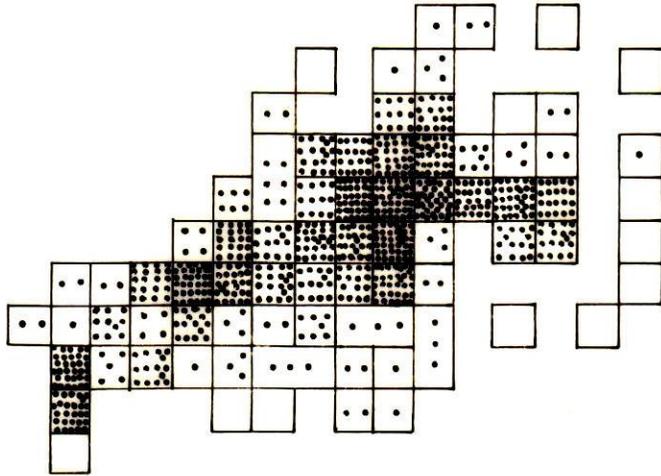
CERÂMICA PINTADA
 • 5 CACOS



MASSAS PREPARADAS
 • UNIDADES



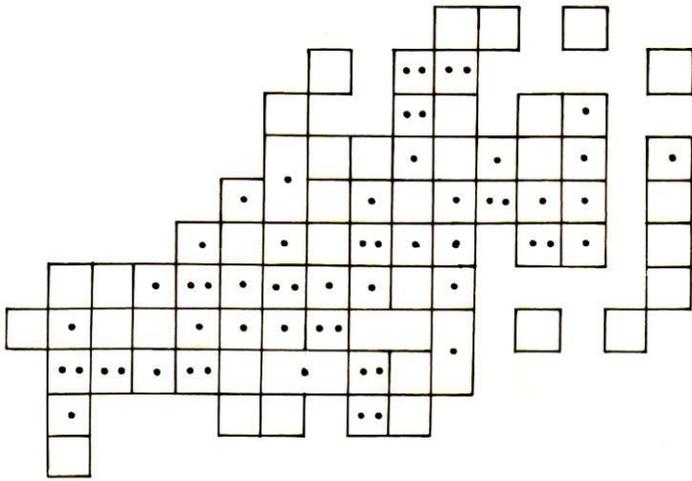
SEIXOS. ● 50 GRAMAS



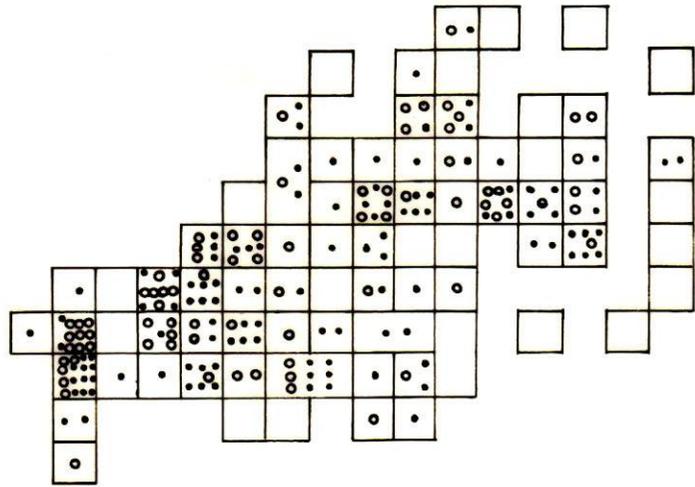
RESTOS DE CACA. ● 10 GRAMAS

ESTAMPA 38: Distribuição do material no núcleo A

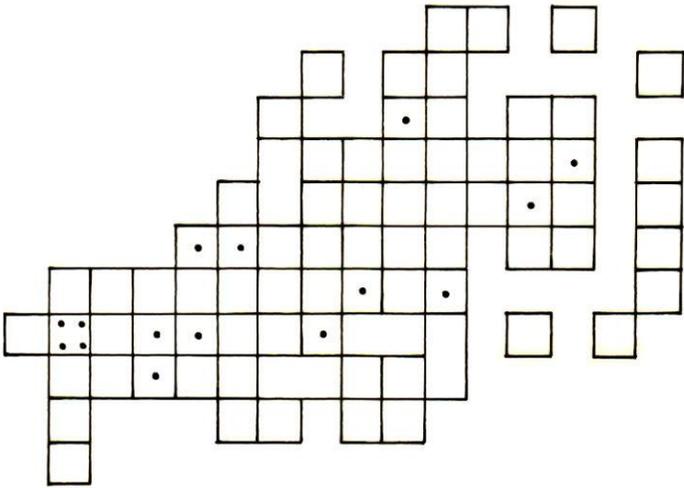
PEDRA DE FOGÃO. ● 50 GRAMAS



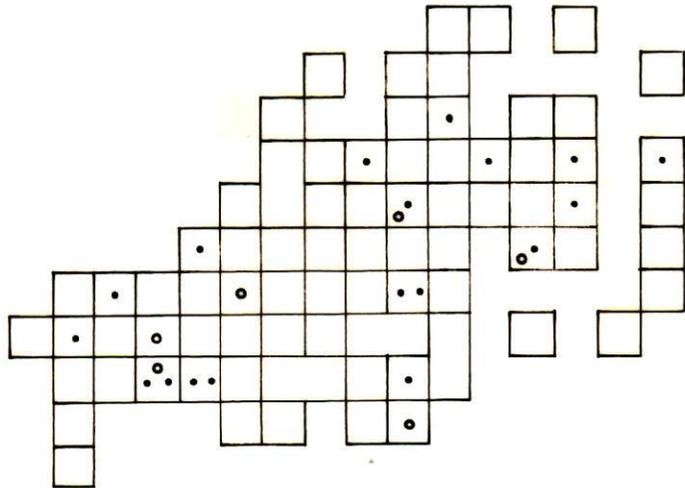
ALISADORES. • UNIDADES



FRAGMENTOS. ○ UNIDADES
LASCAS. • UNIDADES

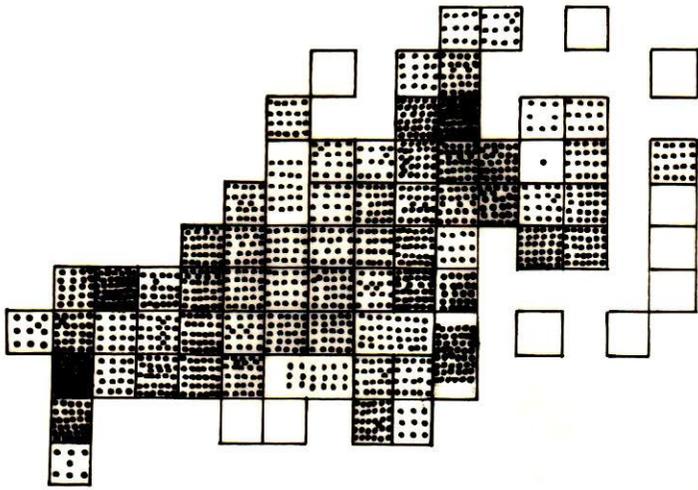


NÚCLEOS. • UNIDADES

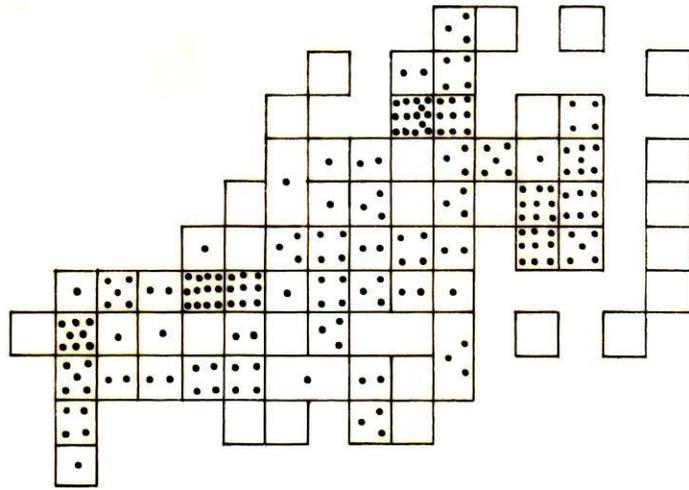


INTERMEDIÁRIOS. ○ UNIDADES
PERCUTORES. • UNIDADES

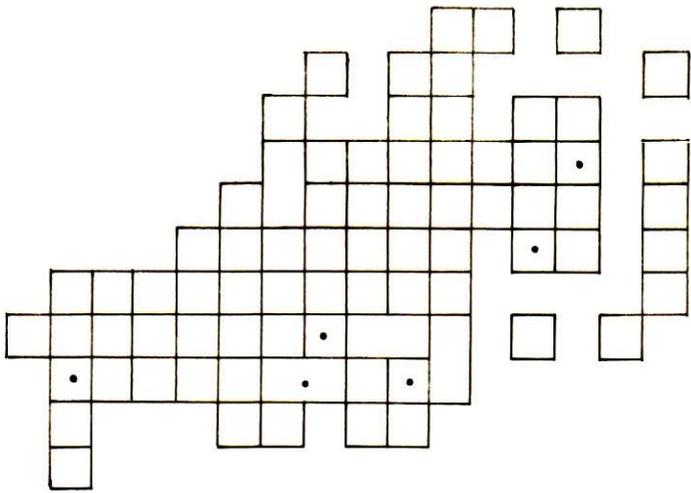
ESTAMPA 39: Distribuição do material no núcleo A



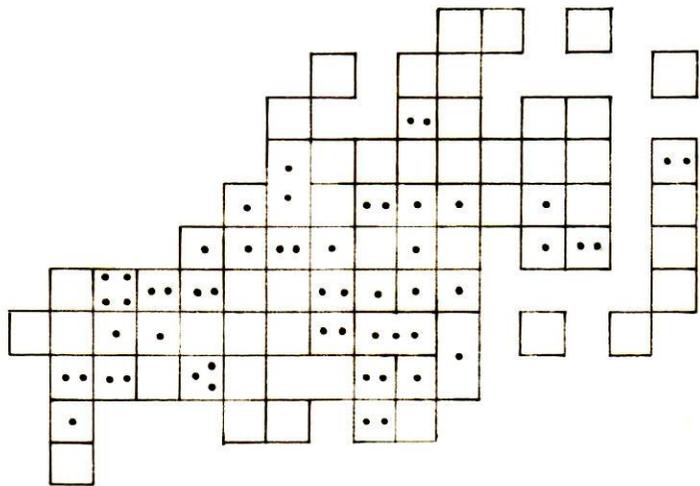
TODA A CERÂMICA. • 10 CACOS



MASSAS PREPARADAS. • UNIDADES

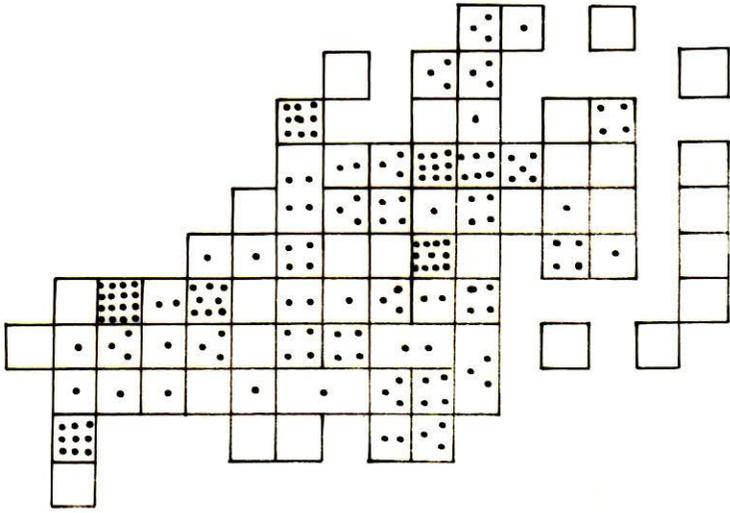


FURADORES. • UNIDADES

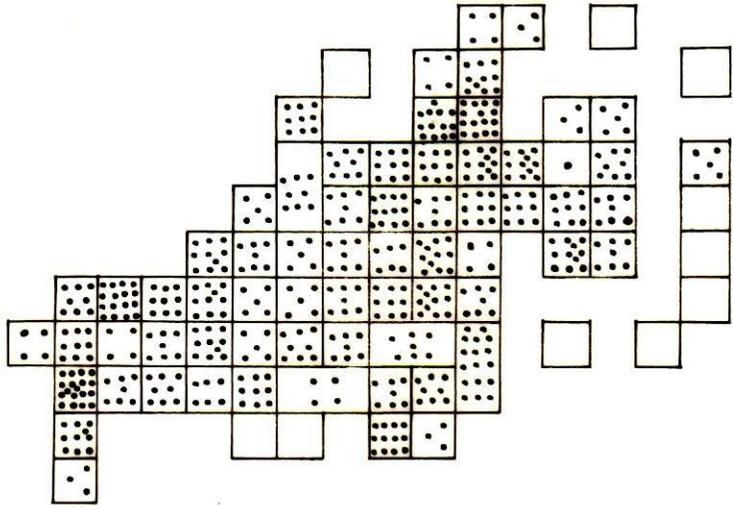


AFIADORES EM CANALETA. • UNIDADES

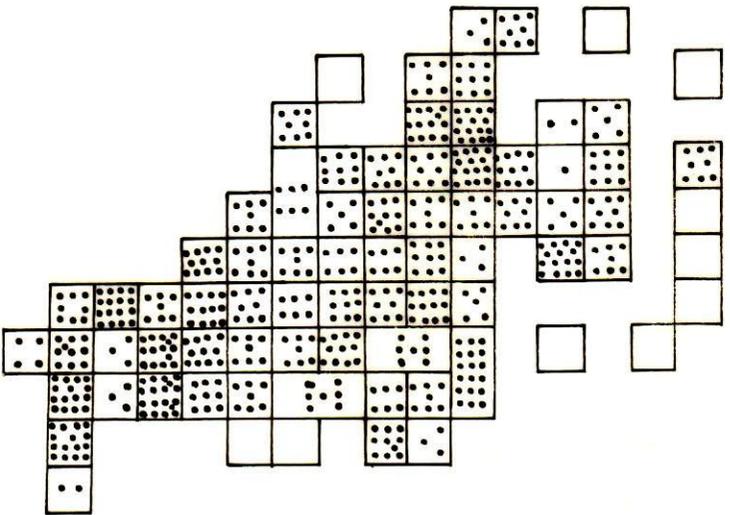
ESTAMPA 40: Distribuição do material no núcleo A



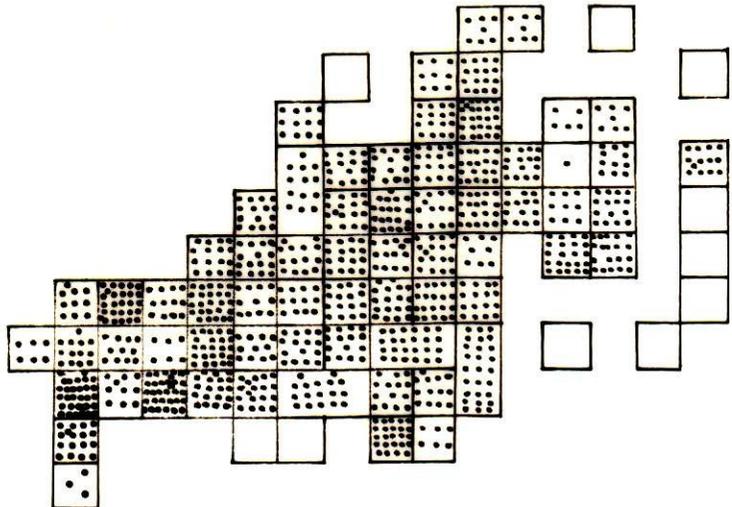
CERÂMICA UNGULADA
• UNIDADES



CERÂMICA PINTADA
• 5 CACOS

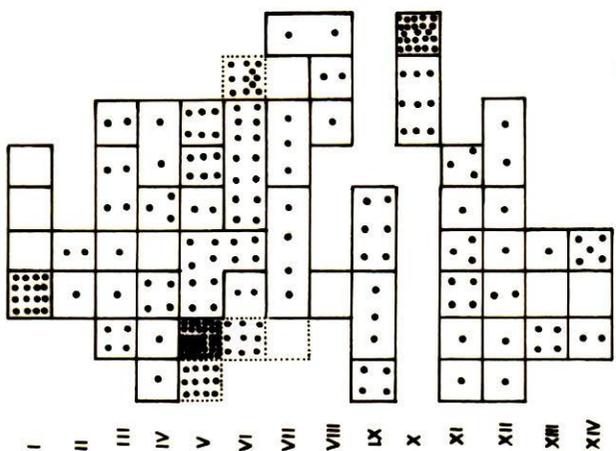


CERÂMICA SIMPLES
• 5 CACOS

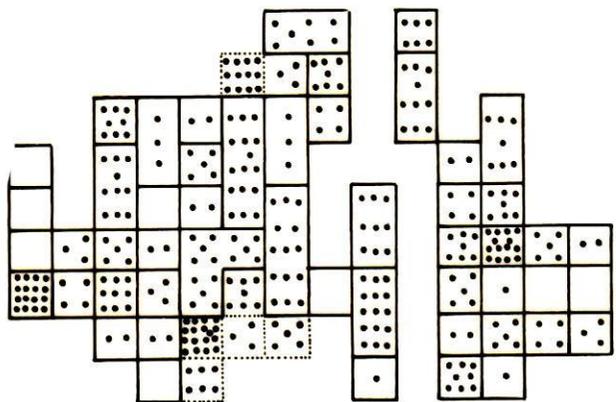


CERÂMICA CORRUGADA
• 10 CACOS

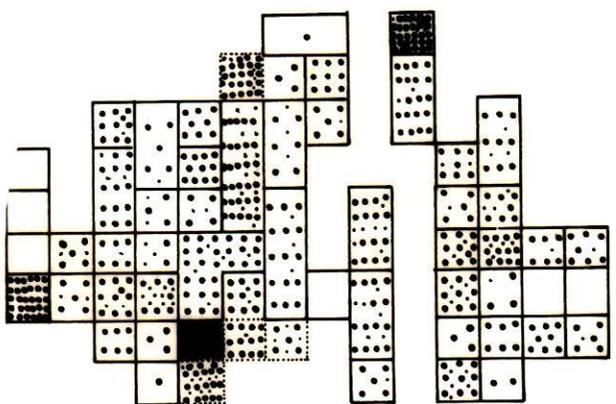
ESTAMPA 41: Distribuição do material no núcleo A



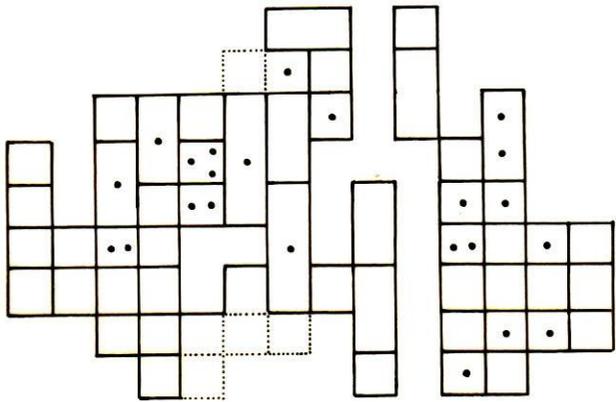
7 6 5 4 3 2 1 01 02
PEDRAS DE FOGÃO • 50 GRAMAS



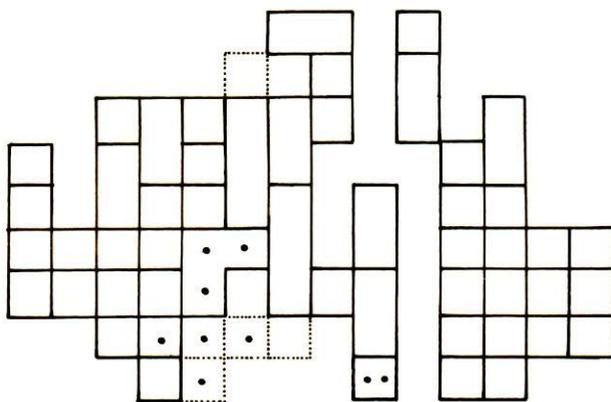
SEIXOS • 50 GRAMAS



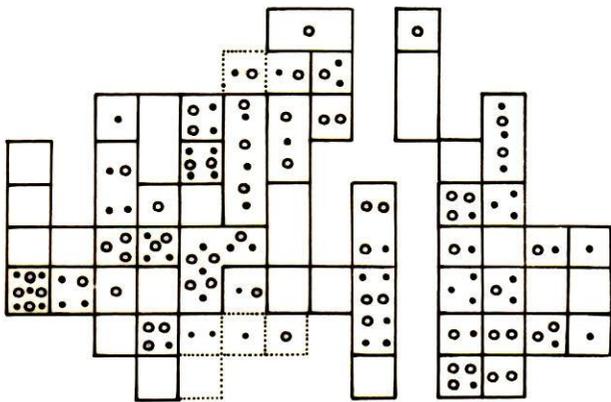
**PEDRAS DE FOGÃO E SEIXOS • 50 GRAMAS
 FRAGMENTOS NATURAIS • UNIDADES**



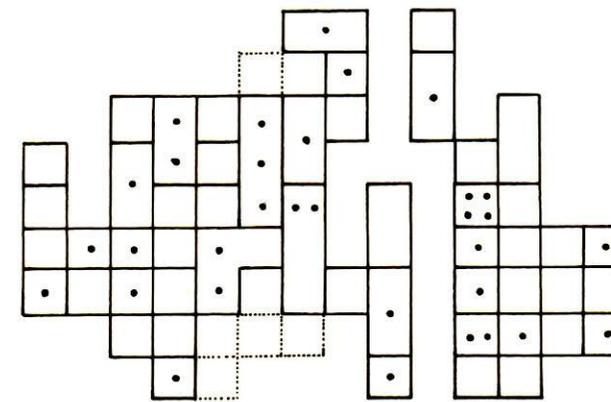
NÚCLEOS • UNIDADES



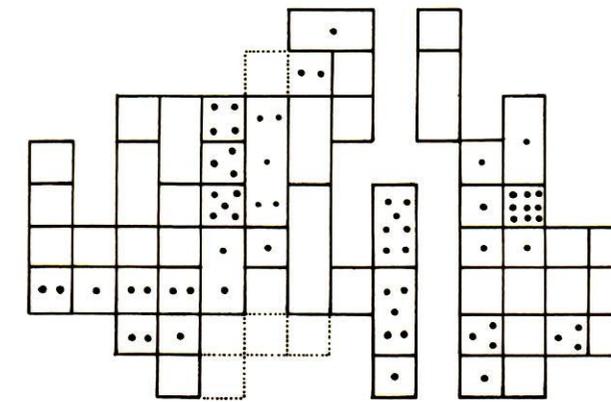
PERCUTORES • UNIDADES



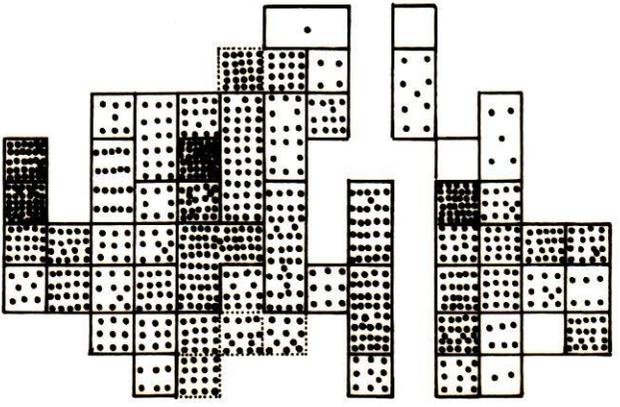
**FRAGMENTOS • UNIDADES
 LASCAS • UNIDADES**



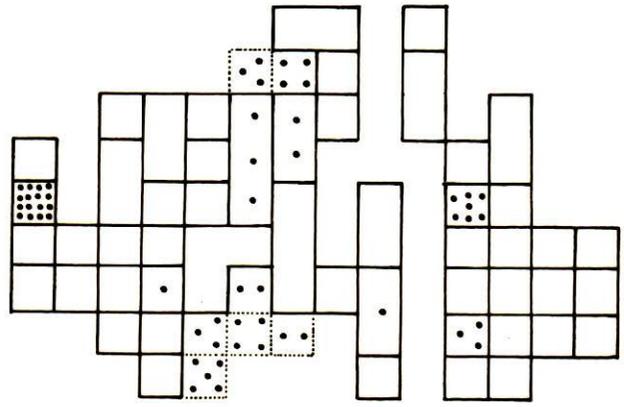
ALISADORES • UNIDADES



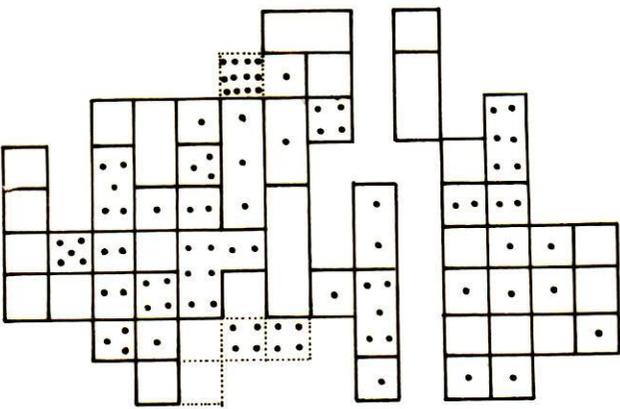
**AFIADORES EM CANALETA
 • UNIDADES**



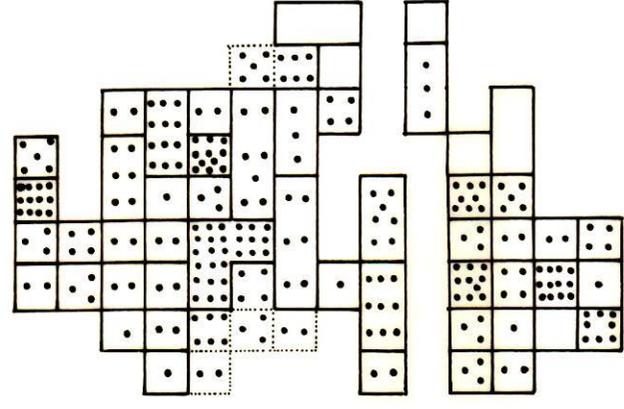
TODA A CERÂMICA. • 10 CACOS



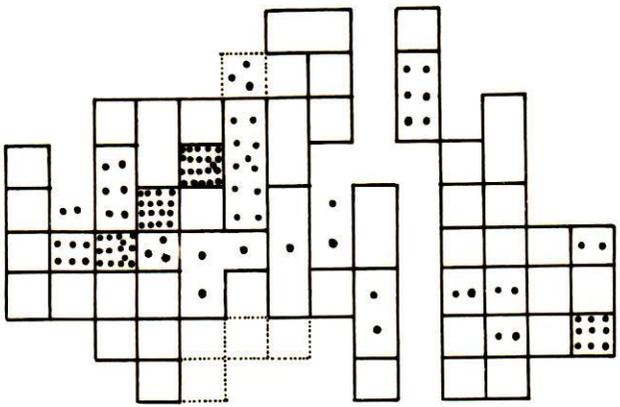
CERÂMICA UNGULADA. • UNIDADES



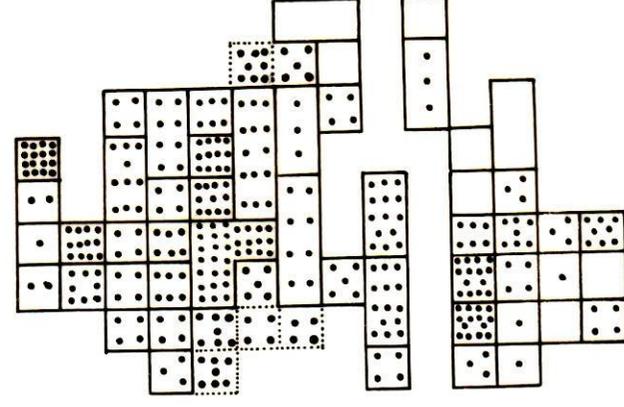
MASSAS PREPARADAS. • UNIDADES



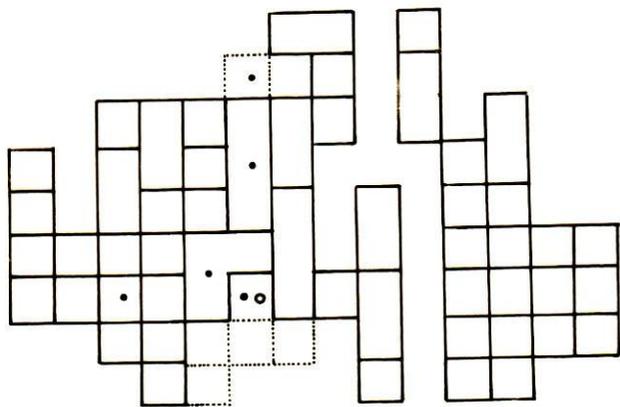
CERÂMICA PINTADA. • 5 CACOS



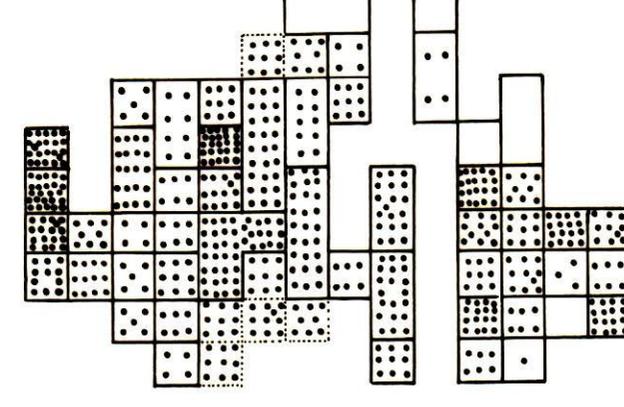
RESTOS DE CACA. • 10 GRAMAS



CERÂMICA SIMPLES. • 5 CACOS



FURADORES. • UNIDADES
ENXADINHAS. ◦ UNIDADES



CERÂMICA CORRUGADA. • 10 CACOS

cavados como o interior das habitações.

Com isso existe alguma possibilidade de que artefatos, especialmente se pequenos, podem estar indicando o lugar onde realmente eram usados. Naturalmente outros, especialmente os grandes, deveriam ter sido removidos e por isso não aparecem, apesar de terem sido guardados dentro de casa, enquanto úteis, como poderiam ser os machados.

Dentro de casa seriam desenvolvidas atividades variadas. Cerâmica era produzida e era usada para preparar, estocar e servir alimentos; lascas, uni e bipolares, eram produzidas e usadas; artefatos polidos tinham o gume reavivado; para quê seriam usados os numerosos alisadores e afiadores não sabemos; sugerimos que alguns estejam ligados à preparação, manutenção e reforma de artefatos polidos; outros à preparação e manutenção de artefatos em osso ou madeira. Machadinhas poderiam ser úteis para qualquer trabalho com vegetais.

As fogueiras seriam necessárias não apenas para manter a casa aquecida e iluminada, mas para preparar os alimentos. O acúmulo de pedras tanto serviria para sustentar vasilhames, como para conservar e irradiar o calor produzido pelo fogo. Seixos de basalto meteorizados, usados no fogo, produzem pigmentos vermelhos, que teriam utilidade na pintura da cerâmica.

O fato de que as casas A e C, maiores, pareçam ter duas áreas de fogo poderia indicar facilmente que se trata de habitações multifamiliares. O fato de a casa B ter só um núcleo de fogo, e ser menor, mostra claramente a diferença com relação às outras. O fato de que ela se encontra no meio das outras nos leva a pensar que ela teria tido uma função especial, mas não temos dados suficientes para dizer quais seriam essas funções, ou quem sabe, a cronologia?

A semelhança dos materiais dentro dos três núcleos sugere que sejam contemporâneos e que tenham interagido: o caso dos restos humanos é um indício forte para isso.

As habitações escavadas são paralelas entre si e perpendiculares à sanga. Os fogões mais claros e ricos estão na extremidade da casa voltada para o curso de água e apontam para o leste; o da extremidade oposta, que aponta para o oeste, se existe um, é menos definido.

8. Aproximações demográficas

Hoje se conhecem muitas tentativas para calcular o número de habitantes de um sítio arqueológico. Para o balanço pode-se ver Hassan (1978). Dele extraímos duas fórmulas de cálculo.

"Casselberry (1974), num levantamento de habitações multifamiliares, onde um único grande espaço fechado é usado por diversas famílias (baseado em dados etnográficos de oito deferentes culturas), conclui que a população de uma habitação multifamiliar é um número grosseiramente igual a um sexto da área do piso, medida em metros quadrados."

"A relação entre população e tamanho do piso foi objeto de intensa pesquisa por Cook e colaboradores (Cook e Treganza 1950; Cook e Heizer 1965, 1968), usando dados etnográficos da Califórnia. Seus achados foram sintetizados por Cook (1972), o qual também proporcionou ulteriores informações de outras partes dos Estados Unidos. (...) Casas com uma área de piso maior que 50 m² são mais provavelmente moradias multifamiliares. Para estas casas, sem espaços internos murados, ou separados, as primeiras 6 pessoas exigem 13,92 m², isto é 2,32 m² por pessoa. Cada pessoa adicional necessita 9,29 m². "(Hassan, in Schiffer, 1978:56).

Usamos as duas fórmulas para chegar a uma aproximação do número de habitantes dos três espaços escavados no sítio em estudo.

Na falta de uma delimitação precisa das habitações, a qual poderia ter sido dada pelas marcas dos postes da parede da casa, buscamos aproximações. Se usamos para delimitar a superfície a distribuição densa do material como se vê nos croquis, teríamos as seguintes medidas: núcleo A, aproximadamente 80 m², núcleo B, aproximadamente 50 m²; núcleo C, aproximadamente 80 m². Se tomamos a superfície da mancha escura, como está delimitada na estampa 35, teríamos para o núcleo A, aproximadamente 180 m²; para o núcleo B, aproximadamente 70 m²; para o núcleo C, aproximadamente 160 m².

Aplicando, então a fórmula de Casselberry teríamos, com as primeiras medidas, para o núcleo A, 13 a 14 pessoas; para o B, 8 a 9 pessoas; para o C, 13 a 14 pessoas. O total das três habitações ficaria em 34 a 37 pessoas. - Usando as segundas medidas teríamos para o núcleo A, ao redor de 30 pessoas; para o núcleo B, ao redor de 11 a 12 pessoas; para o núcleo C, 26 a 27 pessoas. O total das três habitações ficaria em 67 a 69 pessoas, isto é aproximadamente o dobro.

Aplicando, agora, a fórmula de Cook, teríamos, com as dimensões menores, \pm 13 pessoas para o núcleo A; \pm 11 pessoas para o núcleo B; \pm 13 pessoas para o núcleo C. As três habitações somariam aproximadamente 37 pessoas. - Aplicando a mesma fórmula para as dimensões maiores teríamos para o núcleo A aproximadamente 24 pessoas, para o B aproximadamente 12; para o C, aproxima-

mente 21 a 22 pessoas. As três habitações somariam aproximadamente 57 a 58 pessoas.

Usando as duas fórmulas conseguem-se resultados parecidos, que nos dão uma grosseira aproximação ao número de habitantes dessa parte da aldeia escavada. Como as informações sobre o tamanho dos espaços, que consideramos habitações, são aproximadas, não teria sentido quereremos chegar a resultados finais mais exatos.

Podemos imaginar-nos, então, uma aldeia que teria entre aproximadamente 37 e 67 pessoas, o que viria a ser uma aldeia pequena.

9. Informações etnográficas sobre o Guarani

9.1. Introdução

Como o material arqueológico deste primeiro sítio Tupi-guarani era abundante e oferecia muita informação, julgamos necessário torná-lo mais real e menos esquelético, comparando-o com a informação etnográfica disponível para o Guarani dos primeiros séculos da colonização.

A informação sobre o Guarani dessa época é abundante, mas dispersa e não podíamos esperar com a publicação até repassá-la toda. Por isso resolvemos usar aquelas obras que mais rápida e sinteticamente nos dariam este quadro, a ser completado e corrigido quando os outros sítios, agora em estudo, fossem publicados.

Começamos pois a estudar as principais obras do Pe. Antonio Ruiz de Montoya, S.J., que foi missionário nas principais frentes e depois superior de missão nas décadas iniciais do século XVII, quando o complexo das missões, ditas da Província do Paraguai, foi estabelecido. Essas missões abrangiam, então, partes do Sul do Brasil, do Nordeste Argentino e do Sul do Paraguai. As obras a que nos referimos são a Gramática, o Vocabulário, o Tesouro e o Catecismo da língua Guarani, a Conquista Espiritual do Paraguai e as Cartas Anuas.

A maior parte das informações foram retiradas do Tesoro de la Lengua Guaraní e do Bocabulario de la Lengua Guaraní, ambas obras publicadas em 1639 e reeditadas em 1876; La Conquista Espiritual del Paraguay, publicada em 1639 e reeditada em 1892 e a Carta Anua ao Provincial Nicolau Duran, S.J., de 1628 e publicada por Jaime Cortesão em 1950, forneceram dados adicionais. Outras obras foram consultadas, mas o quadro etnográfico principal foi montado com estas.

Os quatro primeiros livros de Montoya formam um todo, o qual, como os textos semelhantes do Pe. José de Anchieta no Brasil, não eram obra de mera erudição, mas instrumento de Missão. O seu objetivo básico era sistematizar a língua, reunir o vocabulário existente e estendê-lo a tudo o que a Missão do Guarani exigia. Por isso, ao lado de seu caráter certamente documental, nunca se deve desconhecer o objetivo instrumental, que é dotar os missionários, vindos de diversas partes da Europa e da América e seus colaboradores indígenas, de um aparelho adequado, por um lado, para transmitir a mensagem cristã e civilizadora e, por outro, fazê-la compreensível, de maneira igual, por toda a população guarani.

Devido ao seu caráter abrangente e sistematizador, o Tesoro e o Vocabulário, sem sombra de dúvida, são as melhores fontes etnográficas para os séculos iniciais da colonização, mas precisam ser tratados com certas precauções quando buscamos informação para a arqueologia. É que essas informações não se referem a uma população indígena intacta, nem são tratados de etnografia, mas instrumentos vivos da cristianização e civilização. Elas se referem à vida desses indígenas no momento da expansão colonial, quando eles estão perdidos em conflitos de toda natureza, provocados quase todos pelas frentes colonizadoras, que os envolvem por todos os lados e os desagregam econômica, social e politicamente. Os textos, por outro lado, são assentados quando as missões já têm quase três décadas de existência e por isso refletem também a vida dentro desses povoados coloniais. Plantas, animais, artefatos, técnicas, conhecimentos, idéias e valores da colonização encontram-se misturados com iguais elementos da realidade indígena e só muita pesquisa, talvez um dia, consiga separar os componentes.

Em nossa compilação procuramos ser cautelosos, mas é provável que, junto de elementos indígenas, se tenham imiscuído alguns coloniais.

Os elementos recopilados referem-se indistinta e genericamente a um Guarani internamente diversificado, distribuído por amplos espaços não uniformes, responsáveis também por alguma diversificação.

De modo que temos apenas uma moldura geral, mas extremamente rica quando colocada ao redor do pequeno quadro arqueológico. Nesta moldura omitimos aquelas informações que não seriam imediatamente úteis para a compreensão da aldeia escavada, entre eles o parentesco, a mitologia, as práticas curativas, para citar apenas alguns itens.

Em nossa compilação evitamos ao máximo a citação direta, só a utilizando em casos muito especiais, para não tornar o texto ilegível.

9.2. Alimentação

Os alimentos de origem vegetal deveriam sobrepujar longe os de origem animal. A maior parte proviria de cultivos em chácaras, abertas no mato, através de derrubada e queimada, nas terras férteis das várzeas dos rios e nas encostas menos inclinadas de morros e da borda do Planalto Sul-brasileiro.

"es gente labradora, siempre sembra en montes y cada tres años por lo menos mudan chacara. el modo de haçer sus sementeras es: primero arrancon y cortan los arboles pequeños y despues cortan los grandes, y ya cerca de la sementera como estan secos los arboles pequeños (aunque los grandes no lo estan mucho) les pegan fuego y se abraça todo lo han cortado, y como es tan grande el fuego quedan quemadas las raizes, la tierra hueca y fertilizada con la çeniça y al primer aguacero la siembran de mais, mandioca y otras muchas raizes y legumbres que ellos tienen muy buenos: dase todo con grande abundançia." (Marçal, in Cortesão, 1951:166).

Junto às chácaras costumava haver um pequeno rancho de apoio ao trabalhador.

Duas plantas são especialmente importantes na produção do Guarani: o milho e a mandioca.

Do milho são enumeradas muitas variedades: vermelho, amarelo, branco, de espiga pequena, pipoca. Ele podia ser consumido verde ou maduro, conservado na espiga, debulhado, pilado ou moído. O grão inteiro podia ser cozido, só, com carne, ou com verdura; ou podia ser tostado, ou torrado. Pilado, podia ser cozido, produzindo curê ou mingau. Mascado, podia ser transformado em bebida fermentada (chicha). Moído, podia ser usado para fazer mingau ou bolo.

O milho é uma planta anual, reproduzida a partir de grãos, que dá origem a uma ou duas espigas por caule e amadurece no período quente do ano (verão e começo do outono). O milho maduro, colhido, pode ser conservado por mais algum tempo, de preferência na espiga, mas é muito afetado pelo gorgulho que o carcome. Como suprimento ele cobriria bem o verão e parte do outono.

Da mandioca são mencionadas a variedade doce (aipim) e a amarga (brava ou legítima). Para ambas há registro de vários nomes.

A doce poderia ser diretamente cozida ou assada. Ao menos a amarga passaria por processos conhecidos para a retirada do

veneno: descascar, ralar, separar o suco da massa com expremedor, e secar. Ela também podia ser ralada com a casca. Com a massa fresca podia-se fazer beiju ou farinha. A farinha, para maior durabilidade, era seca na fumaça. Com o caldo podiam-se temperar alimentos.

Outra forma de preparação da mandioca era cortar as raízes em tiras e deixá-las de molho na água até quase desmanchar, com o que também se extraia o veneno (mandioca puba); ralada, também se fazia beiju.

A farinha, assim produzida, com mais ou menos amido, fibras e casca, podia ser consumida diretamente ou cozida, fazendo pirão ou mingau. Com ela também se fazia uma bebida levemente alcoólica.

A mandioca, multiplicada através do enterro de partes da rama, é uma planta que pode durar vários anos, mas é desfrutável depois de alguns meses de plantada. O aproveitamento registrado é das raízes, cuja utilização é maior no verão e começo do outono. Transformada em farinha ou beiju, ela permite um abastecimento anual.

A batata doce também parece ter ocupado um bom lugar na alimentação. Em Montoya aparecem numerosas variedades.

Ela costuma ser usada cozida ou assada. Mas dela também se faz uma bebida levemente fermentada.

É uma planta plurianual, reproduzida normal e facilmente, enterrando parte da rama. E pode ser desfrutada durante todo o ano, embora não tenha sempre o mesmo gosto e rendimento.

Os seus tubérculos produzem uma quantidade menor de alimentação que o milho e a mandioca.

Uma planta com características e uso semelhantes é o cará. Dele são mencionadas algumas variedades: grande, pequeno, branco, roxo.

É também uma planta plurianual.

Montoya dá o nome de meia-dúzia de raízes comestíveis, mas que são difíceis de identificar e algumas podem ser alienígenas. Entre elas estariam as raízes de certo "cardo" (possivelmente gravatã).

De parte das leguminosas, as mais importantes são os feijões e o amendoim.

Feijões de numerosas variedades são mencionados por Montoya: os que trepam, os que têm ramos, os arbustivos; de grãos grandes, pequenos, amarelos, vermelhos, pintados, etc.

Os grãos ou as vagens podiam ser consumidos verdes ou maduros; seriam cozidos inteiros, ou moídos e depois aproveita-

dos.

Os feijões se reproduzem pelos frutos, originando, em sua quase totalidade, plantas anuais, que amadurecem os grãos no período quente do ano. Os grãos poderiam ser conservados durante algum tempo, contribuindo para um abastecimento anual de proteínas.

O amendoim, do qual também se indicam algumas variedades, é um bom produtor de gorduras. As vagens subterrâneas dessa planta anual, que se reproduz pelos seus frutos, amadurecem também no período quente do ano.

Os grãos maduros podem ser comidos ao natural ou torrados. Montoya fala também de leite de amendoim.

O fruto tem uma duração útil relativamente longa, até de anos.

Montoya fala, ainda, que as cucurbitáceas (calabazas) eram muito consumidas. Ele menciona um grande número de variedades, que agora são difíceis de identificar e eram comidas ou eram usadas para fazer recipientes: vermelhas, pretas, de pescoço, de cabeça redonda, etc. A maior parte seriam cultivadas, mas algumas eram selvagens. Podiam ser comidas cozidas, assadas ou transformadas em vinho.

São geralmente plantas anuais que se multiplicam pelas suas sementes.

A "couve da terra" (tayá), de que comiam as folhas e as "raízes", é uma espécie de inhame nativo, de terras úmidas e cuja reprodução poderia ser favorecida pelo homem.

É uma planta plurianual, que se multiplica facilmente por brotos que nascem ao pé dos caules.

Diversas variedades de pimentas também são mencionadas.

A pacoba, apresentada sem nomes alternativos, poderia ser uma banana importada ou nativa.

A bananeira conhecida multiplica-se pelos brotos que nascem ao pé dos caules; os tufos são plurianuais, mas cada um dos caules só produz um cacho.

Os ananás, de uma bromeliácea selvagem ou domesticada, é um fruto grande e muito doce, que pode ser consumido diretamente ou transformado em vinho com pequena fermentação. Pode ser reproduzido por brotos nascidos no chão ou na ponta do fruto. As touceiras são plurianuais, embora cada um dos caules produza um só fruto.

Outra bromeliácea, selvagem, é o gravatá, que produz um cacho com frutos do tamanho de um ovo de galinha e gosto acidulado muito forte.

A planta, em tudo semelhante ao ananás, teria sido usada para a extração de fibras, para produção de cordas.

Montoya menciona uma planta comestível, que se desenvolve na água, em cima de rochas (igaú), que poderia lembrar o agrião.

Entre as plantas cultivadas, embora não comestíveis, estava o fumo, aparentemente de pouco uso em época pré-colonial. Montoya fala também do instrumento usado para absorção da fumaça, que pode ser tanto um cachimbo com formato semelhante aos modernos cachimbos ou às piteiras.

O fumo é uma planta predominantemente anual, que se propaga pelas sementes. Ela amadurece no verão.

Entre as plantas cultivadas, embora não comestíveis, estaria o algodão, mas que não parecia ter sido muito usado. Montoya fala que o algodão e a vestimenta teriam sido trazidos pela Missão.

É uma planta plurianual, que se multiplica com sementes.

Algumas plantas da mata eram importantes para o abastecimento humano. A mais destacada parece ter sido o pinheiro, que forma florestas densas em todo o planalto. Cada árvore-fêmea pode produzir uma grande quantidade de frutos, gostosos e ricos em carboidratos. Eles amadurecem no outono.

Os pinhões podem ser consumidos crus, mas são mais gostosos cozidos ou tostados sobre o fogo.

Como em estado natural não se conservam por muito tempo, havia diversas técnicas de conservação: eles podiam ser enterrados em covas para curtir ou azedar, podiam ser colocados no fundo de banhados ou em água para conservar fora do alcance do ar e de pragas, descascados ou transformados em farinha, de que faziam pão.

Os pinhões maduros costumam cair naturalmente, mas Montoya indica uma técnica especial para subir nas árvores, com uma corda debaixo do braço.

As numerosas variedades de palmeiras também produzem muitos frutos. Dos seus coquinhos muitos têm polpa gostosa e todos oferecem amêndoas ricas em gorduras. As folhas ainda não abertas de várias delas ou o caule tenro podem ser comidos, como palmito.

Montoya fala de farinha produzida a partir de várias palmeiras, provavelmente do palmito. E da produção de óleo a partir de cocos. Suas folhas e troncos eram usados na construção e cobertura de casas e abrigos e na produção de cestos e outros ar-

tefatos.

Folhas e raízes de certas plantas da mata eram usadas tostadas, cozidas ou cruas para alimentação em momentos de penúria. Montoya menciona ao menos duas pteridófitas das quais se comiam os brotos tenros ou ainda não abertos. Uma delas é o xaxim.

Diversas variedades de fungos, geralmente assados nas brasas, também eram usados como alimento.

Se antes da colonização ibérica já se usava, em que medida e de que forma, a erva-mate, não está claro. Montoya dá a entender que talvez não, ou só em certas circunstâncias, por pessoas idosas. A planta é comum no Sul do Brasil e áreas vizinhas.

Relativamente pouca informação existe sobre o consumo de frutas da mata, porque seu uso devia ser menos controlado e planejado. São abundantes, de numerosas variedades e gostosas. Além dos frutos das palmeiras e outros que já mencionamos, podemos citar a goiaba, o araçá, o maracujá, o ingá e o algarrobo, a pitanga, o guabiju, a guabiroba, a fruta do guaimbé, o araticum, o jaraçatiá, os frutos das figueiras e das cactáceas, o tarumã, a amora, o genipapo.

Também existem diversas referências a plantas medicinais.

Certamente os alimentos cultivados eram mais importantes que os recolhidos na mata, mas alguns desses podem ser considerados fundamentais, especialmente o pinhão por sua abundância e valor nutritivo. Outros, como as frutas, proporcionariam variação na rotina alimentar.

A falha na colheita desses produtos podia levar as populações à fome, o que aconteceria facilmente se a mandioca morresse num inverno muito rigoroso, o milho não desse por uma estação demasiado seca, ou a colheita de pinhão fosse insuficiente.

A proteína animal era conseguida com a apanha de variados animais, uma parte dos quais foi identificada nos restos arqueológicos. Quando comparamos os recuperados na escavação com a imensa lista de Montoya notamos mais nossas faltas. Vamos dar destaque apenas àqueles que por seu pequeno tamanho ou dificuldade de identificação mais faltam em nossa lista arqueológica.

Primeiro a içá, formiga de grande abdomen, que costumava ser comida em certas áreas.

Depois, larvas de numerosas variedades, que se criam em diferentes madeiras, em palmeiras e na taquara.

Peixes, anfíbios e répteis, chamando Montoya atenção para o consumo de cobras, das quais cita numerosas espécies.

Moluscos e crustáceos de água doce e salgada.

Muitas aves, grandes como a ema, médias como patos, marrecas, garças, jaburu, colhereiro, tahã, uru, jacu, jacutinga, aracuã e perdizes, ou menores como as pombas, os papagaios e uma infinidade de pássaros.

E naturalmente os grandes animais das florestas, cujos restos mais foram recuperados na escavação.

Abelhas silvestres, que produzem mel, o qual pode ser consumido **in natura**, ou misturado com água (hidromel). A cera das mesmas também deveria ter múltiplos usos. Montoya fala de 9 a 10 variedades de abelhas produtoras de cera.

Os alimentos podiam ser usados **in natura**, ou transformados. O meio mais importante de transformação era o fogo: alimentos podiam ser assados ou torrados sobre o fogo, as brasas ou cinzas, diretamente, embrulhados em folhas ou sobre um girau, como se fazia com a carne; podiam ser secados na fumaça como certas farinhas; podiam ser cozidas, assadas ou torradas em panelas e assadores. Podiam ser secos ao sol, como carne, peixe, farinha. Um meio muito usado para quase todos os produtos era desfazer a sua forma original, pisando no pilão, moendo, ralando ou mascando: carne, peixe, pinhão, milho, mandioca, feijão, palmito, coquinhos, frutos. Fermentando, produziam-se bebidas como a do milho, de raízes, de batata doce, de abóboras, de frutas diversas; geralmente o preparado era previamente aquecido. Frutos podiam ser curtidos, como se fazia com o pinhão. Podiam ser usados para produzir gordura (óleo), como o fruto de uma palmeira. De uma certa planta produziam cinza, usada como sucedâneo do sal.

Numerosos artefatos e recipientes estavam diretamente ligados a esse processo: panelas, cuias, cabaças, cestos, tipitis, peneiras, colheres, facas, pilões, mós, raladores, gamelas, abanadores de fogo, etc.

9.3. Apanha de animais

Importantes para nós são as formas de apanha dos animais.

Peixes eram apanhados com linha, usando ou não anzol, que podia ser de dente; com rede pequena (puçá) ou grande de pescar; com covo ou pari, canalizando a água por um espaço reduzido, fisgando-os ou flechando, ou barrando os arroios para envenenar as águas com timbó ou raízes. Esse timbó, ao menos ao tempo da Missão, poderia ser usado como sabão, pela espuma que produzia.

Aves eram apanhadas com goma de certas árvores ou cera de abelha, com laços no chão ou sobre plataformas no alto das árvores, com armadilhas diversas do tipo arapuca ou gaiola, com arco-e-flecha, usando nesta uma ponta grossa (virote) ou múltipla

para atingir com mais segurança o pequeno alvo, ou com bodoque, lançador de pelotas de barro cozido ou de pedra.

Para animais diversos havia estratégias diferentes: os que andam em trilheiros podiam ser esperados no ponto de passagem, mundeus podiam ser cavados no seu caminho para caírem neles, esconderijos construídos para o caçador não ser visto; redes estendidas, ou barreiras construídas para o animal não fugir; arapucas e laços eram comuns. Os animais podiam ser abatidos com porrete de bater e atirar, com arco-e-flecha e zarabatana. A caçada podia ser coletiva e organizada, ou individual, perambulando no mato à sua procura.

Aves e outros animais podiam ser mantidos em cativeiro, em gaiolas, cercados, ou soltos.

A guerra muitas vezes tinha aspecto de caçada e as vítimas comidas. Na guerra se usava preferencialmente arco-e-flecha e espada de madeira; como proteção, escudos ou rodela. Mas também se podia usar o tacape, um porrete de cabeça engrossada.

As flechas se compunham de ao menos duas partes: a haste, leve e longa, de certas canas, e a ponta, mais pesada, curta e resistente, embutida na haste e nela presa. A ponta podia ser principalmente contundente, sendo grossa (virote), ou perfurante, sendo então simplesmente apontada, de borda cortante (taquara), ou farpada, com espinhos mais ou menos salientes e distanciados, ou de ponta múltipla. A cana era emplumada para garantir a direção do tiro.

As flechas eram guardadas e transportadas em aljavas.

Diversas plantas eram selecionadas tanto para a fabricação das várias partes da flecha, como para o arco. Também a rodela era feita da madeira de uma árvore.

Montoya não dá nenhuma especificação sobre a zarabatana, só o termo. As flechas envenenadas que menciona certamente são os projéteis das zarabatanas, que seriam feitas com a madeira resistente de uma palmeira.

O arco era feito de várias madeiras, inclusive de palmeira.

Montoya também fala em diversos momentos de dardos (seriam de estóllica?) e de porretes de atirar e derrubar.

9.4. Artesanato

Era abundante e variado o artesanato em material vegetal.

Para conter, transportar, separar, havia abundante cesteria: ajacá era um cesto de muitos usos, inclusive conter farinha; podia ter quatro suportes, ter a base pontiaguda, ter asas e

apresentar um fino trançado; urucuru era um cesto de trançado aberto; jequi era usado para aves e para a pesca; tupé era o cestinho de canas, com a forma de um prato grande; tepiru era um cestinho pequeno; irague era o cestinho de folhas de palmeira; taquã pemi era a gaiola; panacú o cesto grande; panacugue o meio-cesto grande usado pelas índias para trazer nas costas os produtos da chácara.

Havia ainda a peneira, redonda ou quadrada, o expremedor de massa de mandioca (tipiti), que podia ser feito de folhas de palmeira, e o abanador de fogo (tatá pequã).

Esteiras havia as de canas (taquã pemi) e de junco (piri pemi); elas podiam ser usadas para fazer um toldo (piri óg) ou para separações nas habitações (mbaia).

Com taquara também se faziam giraus (taquã pemi) para diversos fins e para assar carne (mocaetã).

Para a produção desses artefatos usavam-se numerosas variedades de canas (grossas, finas, lisas, espinhentas), de juncos e de folhas de palmeiras.

Cordas, cordéis e fios eram produzidos para fins não especificados, para o arco, para a pesca, para a caça, para armar a rede, para transportar pesos sustentados pela testa, para envolver o braço do guerreiro. Elas podiam ser produzidas de algodão, de urtiga brava, de casca de raiz de guaimbé, de gravatã, de cabelos ou pelos, de tendão de animal.

Fios e cordas podiam ser torcidos utilizando o fuso: uma pequena haste com uma rodela mais pesada para manter o movimento rotativo.

A tecelagem e o trançado com fios não era muito desenvolvida. Usava-se fibra de urtiga ou de algodão.

Os produtos mais destacados seriam certamente as redes de pescar, de caçar, de dormir e de vestir. Importante também seria a veste da mulher, uma espécie de camiseta ou saia larga de algodão, os mantos de fibras de urtiga e algodão, as ligas para braços e pernas, os cintos, as trançadeiras, os mantos de plumas, os cocares de plumas grandes, a faixa estreita de plumas pequenas para a cabeça. Porém muito mais que vestir-se usariam ornamentos que variavam de acordo com a ocasião.

Objetos de ornamentação incluem ainda os chocalhos para os tornozelos, os colares de conchinhas, de sementes ou dentes, os enfeites de orelha e do lábio, os pentes.

As plumas das aves eram muito usadas também para enfeitar objetos.

A pintura corporal utilizaria o genipapo, o urucum e

talvez certas raízes; o rosto podia ser pintado metade vermelho, metade branco; as fontes marcadas com traços; havia pinturas para as coxas. Os cabelos untados com a gordura de uma planta (araticu guaçu).

Montoya fala também de máscaras.

As peles dos animais podiam ser usadas como pelegos ou para produzir cordas e bolsas.

Bolas de jogar eram produzidas a partir da resina de certa árvore.

As cabaças eram muito usadas como recipientes: de boca estreita ou larga, com abertura por um lado, com tampa para guardar suas preciosidades, com assento, com forma de prato, cabaça-colher, cabaça para vinho, cabaça pequena para beber, cabaça contendo milho para cantar (maracá), cabaças pintadas; cabaças grandes e pequenas.

Havia ainda recipientes em madeira, como pratos, game-las, cubas, pilões de fundo côncavo (para esmagar?) ou de fundo plano (para moer?), acompanhados de suas respectivas mãos.

E canoas, de casca ou escavadas em tronco; estas podiam ter os bordos levantados e comportar ao menos vinte pessoas. E seus remos.

Em madeira não podemos esquecer os bancos, de diversas formas.

No seu instrumental temos ainda facas e cunhas de pedra e de madeira, com os respectivos cabos; escopros de osso de anta e goivas de dentes de capivara, usadas como facas; enxós; lance-tas em pedra; amoladores ou alisadores em pedra; conchas usadas para raspar.

Entre os instrumentos musicais consegue-se distinguir flautas, trombetas de grandes conchas e outros materiais e tambo-res, mas sem maiores especificidades.

Montoya tem muitos verbetes ligados à cerâmica, sua matéria-prima, sua fabricação, forma e decoração, mas não é fácil separar o que de tudo isso é etnográfico e o que é colonial. Ele fala de vários tipos de barro para cerâmica (branco, preto, vermelho, não fino), de amassar o barro, abrandar barro, misturar antiplástico, estender o barro para fazer o recipiente, alisar a parede com uma castanha do mato, envernizar a parede interna do vasilhame, dá os nomes das diversas partes e denomina os vasilhames em uso, quer sejam de barro, de louça, de vidro, de metal ou de madeira. O nome básico muitas vezes não difere, quer o recipiente seja de uma ou de outra matéria-prima. Por esta razão é difícil tirar de Montoya conclusões certas para a cerâmica indí-

gena. Em nosso trabalho nos manteremos estritamente na arqueologia.

A cerâmica deveria ser muito usada para guardar, preparar e servir alimentos, mas também não podemos exagerar, esquecendo as numerosas cabaças, os recipientes em madeira e a cestaria.

As panelas usadas para cozinhar estariam apoiadas em pedras, para mantê-las em pé e equilibradas.

O fogão, no qual se cozinhava e que mantinha o calor, ocuparia lugar fixo na casa e seria centro da atividade dentro da habitação.

O fogo era aceso por meio de dois pauzinhos.

9.5. Casa e aldeia

A casa e sua construção também é difícil de retirar de Montoya. A estrutura era de troncos e a cobertura de folhas de certas palmeiras ou de casca de árvores. Sobre a cumieira principal haveria outra cumieira pequena, para levantar mais a casa.

Marçal (in Cortesão 1951:166-167) descreve assim as casas que os índios guarani tinham em Asunción do Paraguay, mas que não necessariamente refletem a realidade pré-colonial. "Habitan en casas bien hechas en çima de horcones cubiertas de paja, algunas tienen ocho o diez horcones y otras mas o menos conforme el cazique tiene los basallos porque todos suelen vivir en una casa, no tiene division alguna toda la casa, esta esenta de manera que desde el principio se ve el fin: de horcon a horcon es un rancho y en cada uno habitan dos familias una a una banda y otra a otra el fuego de estambas esta en medio: duermen en unas redes que los españoles llaman hamacas las quales atan en unos palos que quando hacen las casas dejan a proposito y estan tan juntas y entretejidas las hamacas de noche que en ninguna manera se puede andar por la casa. Tienen por los lados tapia francesa y cada aposento tiene dos puertas una de cada lado pero no tienen bentanas. no tienen ni caja ni cosa cerrada. todo esta patente y no ay quien toque a cosa de otro."

Como seria a organização dessas aldeias, com seu pátio, seus caminhos, cercas ou palissadas, o porto das canoas, o ponto de banho, de abastecimento de água, as chácaras no mato, e lugares de caça e pesca, não encontramos nos cronistas consultados.

"Sus poblaciones antes de reducirse son pequeñas porque como siempre sembran en montes quieren estar pocos porque no se les acaben y tambien por tener sus pescaderos y caçaderos acomodados." (Marçal in Cortesão, 1951:167)

Por isso as pequenas aldeias se multiplicavam. Estas aldeias teriam 3, 4 ou 6 casas. E suas taperas cobririam rapidamente o território sob seu domínio.

Em termos de agregação social dessa sociedade e influências individuais percebem-se vários níveis, onde primeiro está a família poligínica, depois os caciques locais e os de influência regional, os xamãs e finalmente a solidariedade que unia os Guaraní, opondo-os a grupos étnicos diferentes. "Es esta gente valerosa en la guerra y donde quiera que estan tienen sujetas las naciones circunveginas." (Marçal in Cortesão, 1951:167)

Os homens podiam ter várias mulheres e criadas. Várias irmãs podiam ser mulheres de um mesmo homem e até mãe e filha. Um homem podia "herdar" as mulheres de um irmão falecido. Assim constituíam-se grupos familiares bastante numerosos.

Um cacique teria de 100 a 200 seguidores.

A rotina das aldeias era interrompida pelas festas, geralmente acompanhadas de bebedeiras; os cantos e danças deveriam ser, se não cotidianos, pelo menos muito frequentes. Como a guerra...

9.6. Guerra e canibalismo

É difícil avaliar hoje a importância da guerra na sociedade guaraní pré-colonial. Ao tempo da Colonização ela é generalizada. Como o canibalismo.

"La fiereza desta gente en matarse y comerse es increíble. usaronlo al principio en vengança de sus enemigos pero han quedado tan saboreados de la carne humana que ya lo hacen por gusto ... esta desta reducion distante dos leguas una sierra en la qual se avian juntado hasta cuarenta indios ferosissimos. y tanto que de uno solo dellos se averiguo averse comido veinte personas cojendolos por engaño, y de otros cinco de manera que su principal sustento eran hombres... (Montoya in Cortesão, 1951:263).

... "un dia llegaron al pueblo corriendo unas indias, lamentandose una de la muerte de su marido y las otras del mismo que era su deudo. y examinadas dixeron que yendo ellas acompañando al dicho indio difunto que yba a buscar caça para sustentar sus hijos se subio en un arbol a esperar alguna bestia para matarla acertaron a pasar por alli algunos indios de aquella tierra los quales mas fieros que las mismas bestias empearon a flechar al pobre Indio, el les rogaba que no le matasen y que le dexasen sustentar sus hijos pero ellos con la rabiosa hambre que tenían de comerlo le derribaron a flechados, y lo asaron y se lo comieron." (Idem, ibidem, 264)

"Salio un Indio con su familia que eran diez y siete personas a buscar que comer por los montes, encontraronlos dos Indios y cobrando amistad con el Indio estuvieron juntos aquel dia y otro lo mataron y algunas Indias de cuya huida se temian con lo qual tuvieron que comer por algunos dias y en adelante yban matando de los que quedaban y comiendoselos. Los niños que quedaban (entre los quales avia uno que nos avia servido en nuestra casa) quisieron huir pero los bellacos los mataron a todos y asaron de que tuvieron por buenos dias que comer, y se hecha de ver visiblemente la fuerza de la palabra de Dios y que uno destes despues de aver oydo la doctrina y quan abominable pecado es matarse y comerse se redujo a buen vivir de manera que aora es uno de los que ayudan el Pe. y el mas frecuente en casa... (Idem, ibidem, 276)

"Este Indio era el que tenia cojido el paso del rio de manera que ni españoles ni yndios podian pasar ni si atrebian por que este se los comia todos. y asi hallamos en un su pueblo cestos y calabastos llenos de huesos humanos de los quales yban haciendo puas para sus flechas." (Idem, ibidem, 288-289)

"... ay casiques que en faltando la carne hacen matar uno del pueblo, y Guirabera los dias pasados queriendo adereçar su casa junto jente y para darles de comer embio por un cacique para matarlo. Olio el poste y acojiose a nuestra reduccion de San Pablo, preguntando yo esta ultima vez en Tayaoba por algunos Indios que avia conoçido, con toda la paz del mundo responden que ya se los comieron. Demas es golosina entre ellos el comer carne humana y hasta los chiquillos confessan que es mui sabrosa, y que a ellos no les cabe mas que los pies o manos o huesos... " (Idem, ibidem, 290)

9.7. Luto e sepultamento

Finalmente temos algunas informações sobre o luto e o sepultamento.

"quando se muere alguno ayunan dos dias todos los de su casa no comen carne ni van al rio ... y las indias an de llorar a gritos y se suelen dar muy crueles golpes, entierran sus difuntos en el campo haciendo sobre la sepultura unas choçuelas y de quando en quando van a limpiar la yerba que naçe en ella porque asi dicen que descansa el difunto, otros los entierran en casa por tenerlos en su compañia, al tiempo de enterrar el difunto cortan los puños de las hamacas en que los entierran porque si no se moriran otros de la aquella parcialidad. si la difunta es India que tenía hijo al pecho va una vieja a la sepultura con un cedaço y como que ensaia con el algo lo mece dos o tres veces con lo qual

sacan el alma de alli porque el niño no se muera porque el alma de la India ayuda a criar al niño y se se queda en la sepultura el niño a de morir ..." (274).

Não se menciona o enterro primário ou secundário em urnas, que parece ter sido a forma mais comum de deposição em toda a região.

Há outros fatos descritos por Montoya, na Conquista Espiritual, onde narra a construção de templos de palha nos quais eram cultuados os restos de xamãs importantes, ornamentados e guardados em redes enfeitadas; estes fatos, além de uma reação à Conquista, poderiam sugerir que já havia diferenciação no culto dos mortos, recebendo personalidades muito importantes um tratamento especial.

10. A aldeia

Juntando os dados arqueológicos do sítio e os etnográficos do Guarani podemos fazer um exercício de visualização da aldeia.

O sítio é apenas uma das múltiplas instalações do Guarani na secular colonização pré-colonial do vale do Rio Pardo.

O local, na beira da sanga Tibiri, na proximidade do rio Pardo, a distâncias bastante pequenas de recursos variáveis, tornava o local muito adequado para uma aldeia. Ela estava na várzea coberta de mata, que possibilitava não apenas a instalação de chácaras, mas oferecia caça, frutas, madeiras, lenha, matéria-prima para o artesanato, e isolamento frente a outros estabelecimentos semelhantes. A sanga e rio proporcionavam água, peixe e possibilidades de locomoção; nas suas barrancas havia argila para fazer as panelas e nas corredeiras seixos variados para fazer instrumentos e suporte. A distâncias maiores estavam, para um lado, terrenos pantanosos e coxilhas secas com vegetação menos densa, onde a caça de mamíferos e aves seria proveitosa e, para o outro lado, no alto do planalto, se podia conseguir uma abundante colheita de pinhão e de animais atraídos por esses frutos.

É provável que esta não fosse a única aldeia do vale no mesmo tempo e que o contato com as outras fosse freqüente. Também não seria uma instalação permanente, tendo os mais velhos provavelmente já morado em outras aldeias semelhantes, no mesmo vale, abandonadas, quando as condições do ambiente ou da aldeia estivessem de tal maneira degradadas que a transferência para um lugar intato ou regenerado compensasse o esforço de começar tudo de novo. Este lugar poderia estar próximo, permitindo o usufruto de alguns dos investimentos anteriores. E era provável que os jovens

da aldeia não terminassem sua vida aí, mas em outra instalação semelhante, que eles teriam de criar no futuro.

A aldeia não era grande: duas ou três casas, de troncos e palha, abrigando famílias poligínicas que, durante o dia se movimentavam ao redor das áreas de cocção e no pátio, e de noite estenderiam ao redor do fogo suas redes de dormir. As casas estavam bem próximas, de modo que o contato das pessoas de umas com as outras seria contínuo e inevitável. Dentro das casas a tralha doméstica de panelas, cabaças, cestos, bancos, pilões, armas, instrumentos e uns poucos ornamentos pessoais. Tudo bem feito e acabado. Homens, mulheres, jovens e crianças ocupados cada um com sua atividade específica.

Na sanga estariam as canoas; aí seria o lugar do banho e do abastecimento de água.

Os alimentos abundantes em cada família seriam os vegetais cultivados e os frutos nativos. A caça dos matos proporcionaria a carne, sempre escassa; às vezes haveria peixe, variação no cardápio. Ninguém precisaria passar fome, a não ser que o inverno fosse muito rigoroso, ou a seca muito prolongada.

A rotina dominaria a aldeia. Conflitos entre aldeias ou com a etnia dos campos ou dos pinheirais poderia produzir um breve intervalo.

Mas tudo indica que era uma vida boa, concentrada sobre si mesma e esquecida do resto do mundo: revezavam-se, em ritmo lento, o trabalho, o lazer, o canto, a bebedeira social. A preocupação com o passado e o futuro podiam ser tarefa do pajé; com o presente, do cacique.

Só muito mais tarde esta paz seria arrebatada, jogando os Guarani, seus descendentes, num inferno de conquistadores europeus de todos os matizes, que os quereriam para seu trabalho, seu rei, sua civilização.

Felizmente os moradores dessa aldeia, perdida na mata, nem em sonhos e presságios poderiam adivinhar essa desgraça.

Bibliografia Citada

BROCHADO, J.P.

1973a - Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupiguaraní. **Relaciones de la Sociedad Argentina de Antropología**, Buenos Aires, nº 7:7-39.

1973b - **Desarrollo de la Tradición Tupiguaraní (A.D. 500-1800)**. Gabinete de Arqueologia da UFRGS, Porto Alegre, Publ. nº3.

1984 - **An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into Eastern South America**. Urbana, IL.

CARRARO, C.C. e outros

1974 - **Mapa Geológico do Estado do Rio Grande do Sul**. UFRGS e FAPERGS, Porto Alegre.

CHMYZ, I.

1977 - **Pesquisas Paleoetnográficas Efetuadas no Vale do Rio Paranapanema, Paraná, São Paulo**. Boletim de Psicologia e Antropologia, UFPR, Curitiba, nº 5.

DE MASI, M.A.N. & SCHMITZ, P.I.

1987 - Análise dos Artefatos Líticos de Fases da Tradição Tupiguarani do Rio Grande do Sul. **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Documentos** 01:49-97. São Leopoldo.

FERRARI, J.L.

1983 - **O Povoamento Tupiguarani no Baixo Ijuí, RS, Brasil**. Pesquisas, Antropologia, nº 35. São Leopoldo.

HASSAN, F.A.

1978 - Demographic Archaeology. In **SCHIFFER, M.B. Advances in Archaeological Method and Theory**, vol. 1. Academic Press, New York, San Francisco, London, p. 49-103.

MARÇAL, Pe. L.

1951 - Informe de um Jesuíta Anônimo sobre as Cidades do Paraguai e do Guairá Espanhóis, Índios e Mestiços. Dezembro, 1620. In **CORTESÃO, J.: Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1594-1640)**. **Man. Col. De Angelis I**, Biblioteca Nacional, p. 162-174.

MONTOYA, A.R. de

1876 - **Arte Bocabulario Tesoro y Catecismo de la Lengua Guaraní por Antonio Ruiz de Montoya publicado nuevamente sin alteración alguna por Julio Platzmann**. Leipzig.

1892 - **Conquista Espiritual del Paraguay**. Imprenta del Corazon de Jesus, Bilbao.

- 1951 - Carta Anua do Pe. Antonio Ruiz, Superior da Missão do Guairá, dirigida em 1628 ao Padre Nicolau Duran, Provincial da Companhia de Jesus. In **CORTESÃO, J.:** Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1594-1640). **Man. Col. De Angelis I**, Biblioteca Nacional, p. 259-298.
- PALLESTRINI, L.**
- 1969-69 - O Sítio Arqueológico Jango Luís. **Revista do Museu Paulista**, Vol. XVIII:26-56. São Paulo.
- 1969 - **O Sítio Arqueológico Fonseca**. Museu Paulista da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- 1974 - Sítio Arqueológico Alves. **Revista do Museu Paulista**, vol. XXI:49-93, São Paulo.
- 1975 - **Interpretação das Estruturas Arqueológicas em Sítios do Estado de São Paulo**. Coleção Museu Paulista, Série Arqueológica nº 1. São Paulo.
- 1981-82 - Cerâmica há 1.500 anos. Mogí-Guaçu, Estado de São Paulo. **Revista do Museu Paulista**, vol. XXVIII:115-129. São Paulo.
- RIBEIRO, B.G.**
- 1988 - **Dicionário de Artesanato Indígena**. Editora Itatiaia, São Paulo.
- RIBEIRO, P.A.M.**
- 1978 - Cerâmica Tupiguarani no Vale do Rio Pardo. **CEPA** nº 6. Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul.
- SCHMITZ, P.I.**
- 1980 - A Evolução da Cultura no Sudoeste de Goiás. **Pesquisas, Antropologia**, nº 31:185-225. São Leopoldo.

Bibliografia Consultada para o Estudo da Cerâmica

- CHMYZ, I e outros**
- 1976 - Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica. **Cadernos de Arqueologia**, ano I, nº 1. Museu de Arqueologia e Artes Populares, Paranaguá.
- MAROIS, R.**
- 1984 - **La Cerámica Prehistórica Canadiense: Ensayo de Sistematización del Análisis de las Decoraciones**. Archaeological Survey of Canada, Paper nº 127. National Museums of Canada, Ottawa.
- RYE, O.S.**
- 1981 - **Pottery Technology. Principles and Reconstruction**. Manuals on Archaeology, vol. 4. Washington, DC.

SCATAMACCHIA, M.C.M.; CAGGIANO, M.A. & JACOBUS, A.L.

1986 - O Aproveitamento Científico de Coleções Museológicas: Propostas para a Classificação de Vasilhas Cerâmicas da Tradição Tupiguarani, MS.

Bibliografia Consultada para os Hábitos dos Animais

CABRERA, A. & YEPES, J.

1960 - **Mamíferos Sud Americanos**, 2 vol. Ediar, Buenos Aires, 2ª ed.

CORREA DA COSTA, C.C.; LIMA, J.P. d.; CARDOSO, L.D. & HENRIQUES, V.Q.

1981 - **Fauna do Cerrado. Lista Preliminar de Aves, Mamíferos e Répteis**. FIBGE, Rio de Janeiro.

SANTOS, E.

1979 - **Da Ema ao Beija-flor**. Editora Itatiaia Limitada, Belo Horizonte.

1981 - **Anfíbios e Répteis**. Editora Itatiaia Limitada, Belo Horizonte.

1982 - **Moluscos do Brasil**. Editora Itatiaia Limitada, Belo Horizonte.

1984 - **Entre o Gambá e o Macaco**. Editora Itatiaia Limitada, Belo Horizonte.

SILVA, F.

1984 - **Mamíferos Silvestres do Rio Grande do Sul**. Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Adendo A

Depois de mecanografado e ilustrado o texto, apareceu material selecionado, que estava numa vitrine e que não podemos deixar de incluir.

Plaqueta oval de basaltoide, com dois furos perto da extremidade mais estreita; 3,1 x 2,5 x 0,2 cm. Núcleo A. Estampa 44:2.

Dois cilindros polidos de cristal de quartzo, com uma extremidade quebrada, prováveis fragmentos de tembetãs; 3,4 x 0,6 cm e 2,7 x 0,5 cm. Núcleo A. Estampa 44:3.

Bola de boleadora elipsoide regular, com sulco polar; 6,2 x 5 cm. Núcleo C. Estampa 44:1.

Adendo B

Material não incluído na primeira análise; todo, menos um exemplar, do núcleo A. Em cerâmica são as peças seguintes:

Um fragmento de vasilhame, que teria 18 cm de diâmetro maior no bojo; na face externa apresenta-se corrugado-ungulado III, na face interna com sulcos rasos convergentes para a base.

Parte basal de vasilhame bastante raso, com ombro e base em pedestal cilíndrico; tratamento externo: do ombro para cima, engobe branco com pintura vermelha; do ombro para baixo: vermelho; diâmetro máximo no ombro: 18 cm; diâmetro do pedestal: 5 cm. Peça certamente indígena, arqueológica. Estampa 44:10.

Vasilhame (tigela) quase inteiro, de boca elíptica: 20 x 12 cm; altura 5,5 cm; internamente pintado vermelho sobre engobe branco. Na reconstituição das formas a partir dos fragmentos de bordas, estas sempre foram reconstituídas como se viessem de recipientes de boca circular. As formas de boca elíptica não parecem ser muito frequentes e provavelmente estão mais representadas nos recipientes rasos pintados internamente. Estampa 44:11.

Parte de vasilhame muito maior e também com forma de tigela, de boca elíptica, pintada de vermelho sobre engobe branco na face interna.

Fragmento de borda de tradição Taquara, com impressões regulares, semelhantes a cestaria. Em bastantes sítios Tupiguarani do Rio Grande do Sul aparecem, intrusivos, cacos isolados de cerâmica Taquara. Núcleo C.

Dois pequenos vasilhames, de faces lisas, diâmetro máximo, no bojo, de 4 cm, ombro pouco destacado, cavidade pequena e parede grossa. Estampa 44:12.

Duas pequenas esferas, de 1,5 cm de diâmetro, com fina perfuração central. Estampa 44:15.

Duas peças elipsoidais, de 2,5 cm de eixo maior, com estreita perfuração equatorial. Estampa 44:14.

Parte proximal de pequeno chocalho (?), quebrado, perfurado transversalmente perto da extremidade. Tamanho do fragmento: 4 cm de compr. x 2,2 cm de espes. máxima. Estampa 44:13.

Adendo C

Material não incluído na primeira análise; todo do núcleo A.

Conta cilíndrica em osso: 1,4 compr. x 1,3 cm diam., com perfuração central de 0,6 cm de diâmetro. Estampa 44:9.

Conta cilíndrica em osso: 0,6 cm compr. x 0,5 cm diam., com estreita perfuração central. Estampa 44:8.

Plaqueta regular produzida, aparentemente, sobre grande dente muito estriado, com perfuração perto de uma das extremidades; 2,8 x 1,6 x 0,3 cm. Estampa 44:4.

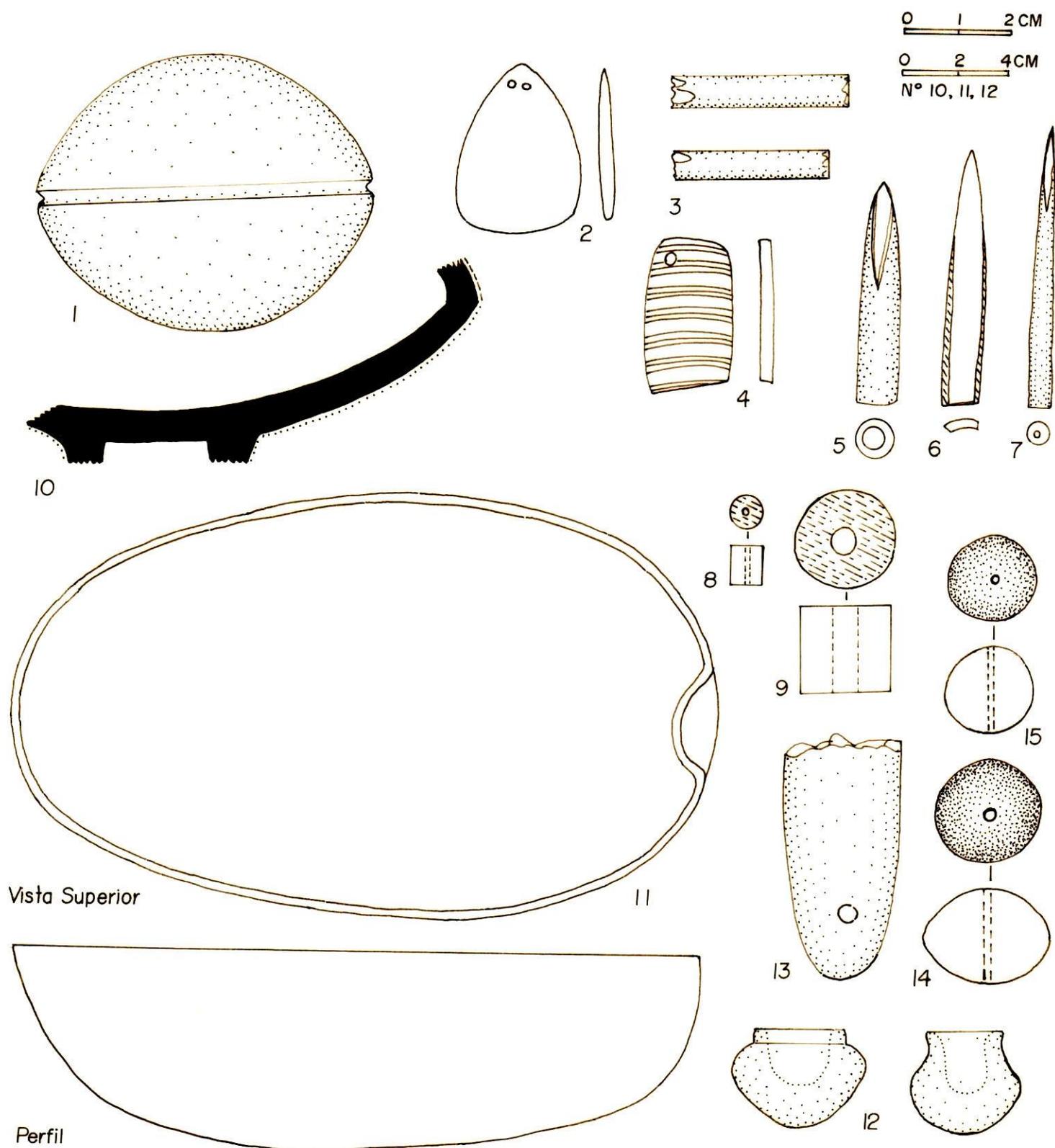
Vários fragmentos, naturalmente aguçados, de cornamenta de cervídeos, com a extremidade distal um pouco desgastados por uso.

Pequena ponta de osso longo, seccionada numa extremidade e aguçada na outra; 4,0 x 0,8 cm. Provável ponta de projétil. Estampa 44:5.

Osso de ave seccionado numa extremidade e apontado na outra; 5,2 x 0,3 cm. Estampa 44:7.

Lasca de osso longo, apontado numa das extremidades; 4,7 x 0,7 x 0,2 cm. Estampa 44:6.

Diversos fragmentos de espátula, que no todo parece ter sido semelhante à representada na estampa 34, enegrecidos e brilhantes.



ESTAMPA 44. Materiais dos Adendos: 1. bola de boleadeira; 2. plaqueta perfurada; 3. fragmentos de tembetá; 4. plaqueta perfurada; 5,6,7. ossos apontados; 8,9. contas em osso; 10,11,12. recipientes cerâmicos; 14,15. contas em cerâmica.

APÊNDICE: Restos de Alimentos no Sítio de Itapoã

Marta Gazzaneo*

Posteriormente à conclusão do trabalho sobre o sítio de Candelária tivemos oportunidade de examinar os restos ósseos escavados num sítio Tupiguarani, subtradição Corrugada, localizado na beira do Rio Guaíba, em Itapoã, Município de Viamão, RS. Não conhecemos a cronologia desse sítio pré-colonial, nem sua estrutura, porque o material que veio a nossas mãos para examinar estava depositado num Museu de Porto Alegre, sem essa documentação. Trata-se de uma escavação em quadrículas, em níveis artificiais. Os autores nunca se interessaram pelo seu estudo.

O material cerâmico é abundante e no lítico aparecem pontas de projétil em pedra, que indicam contato com populações da tradição Umbu; ao longo da lagoa são abundantes sítios da tradição Umbu, que geralmente aparecem sob a forma de pequenos aterros (cerritos).

Apesar das deficiências na documentação julgamos válido analisar os 3.300 g de restos ósseos porque ajudam a entender melhor os provenientes de outros sítios da mesma tradição.

O tratamento do material foi o mesmo utilizado em Candelária e os animais identificados são: veado-do-campo: 13 indivíduos; cervo-do-pantanal: 2; porco-do-mato-queixada: 1; paca: 1; preá: 1; mão-pelada: 2; pequeno felídeo: 1; lontra: 1; gambá: 3; mico: 2; lagartos: 3; aves: 5; bagres (peixes): 54.

Havia também ossos humanos de um indivíduo adulto e de um jovem, quebrados e queimados como os do sítio de Candelária. Estavam dispersos pelas quadrículas: fragmentos de crânio e da mandíbula, fragmentos de pélvis, fragmento distal de fêmur, calcâneo e falanges.

O quadro abaixo dá a distribuição pelos números do cadastro. Por eles se vê que os ossos dos peixes (identificados pelos crânios) e os dos veados-do-campo, que estão representados por maior número de exemplares, encontram-se distribuídos por quase todos os números; os ossos humanos também estão muito espalhados. Mesmo quando são poucos exemplares por espécie, os elementos identificados mostram bastante dispersão.

* Instituto Anchieta de Pesquisas.

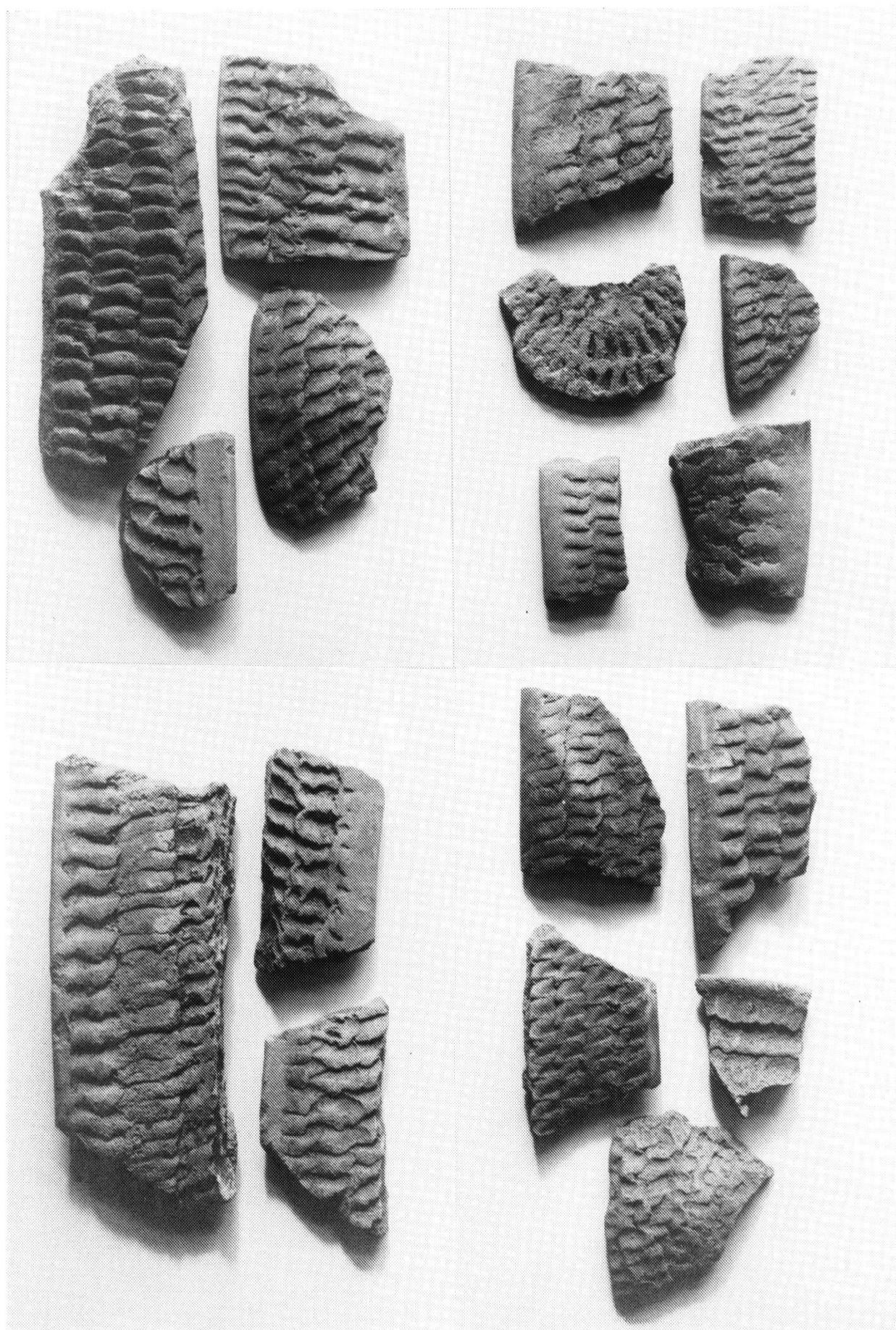
Pelos animais identificados nota-se que não haveria maior diferença na caça com relação ao sítio de Candelária, excetuando os peixes, cuja abundância poderia ser atribuída ao contato com a tradição Umbu.

Os ossos humanos indicam novamente na direção de canibalismo e não de sepultamento dos falecidos da aldeia.

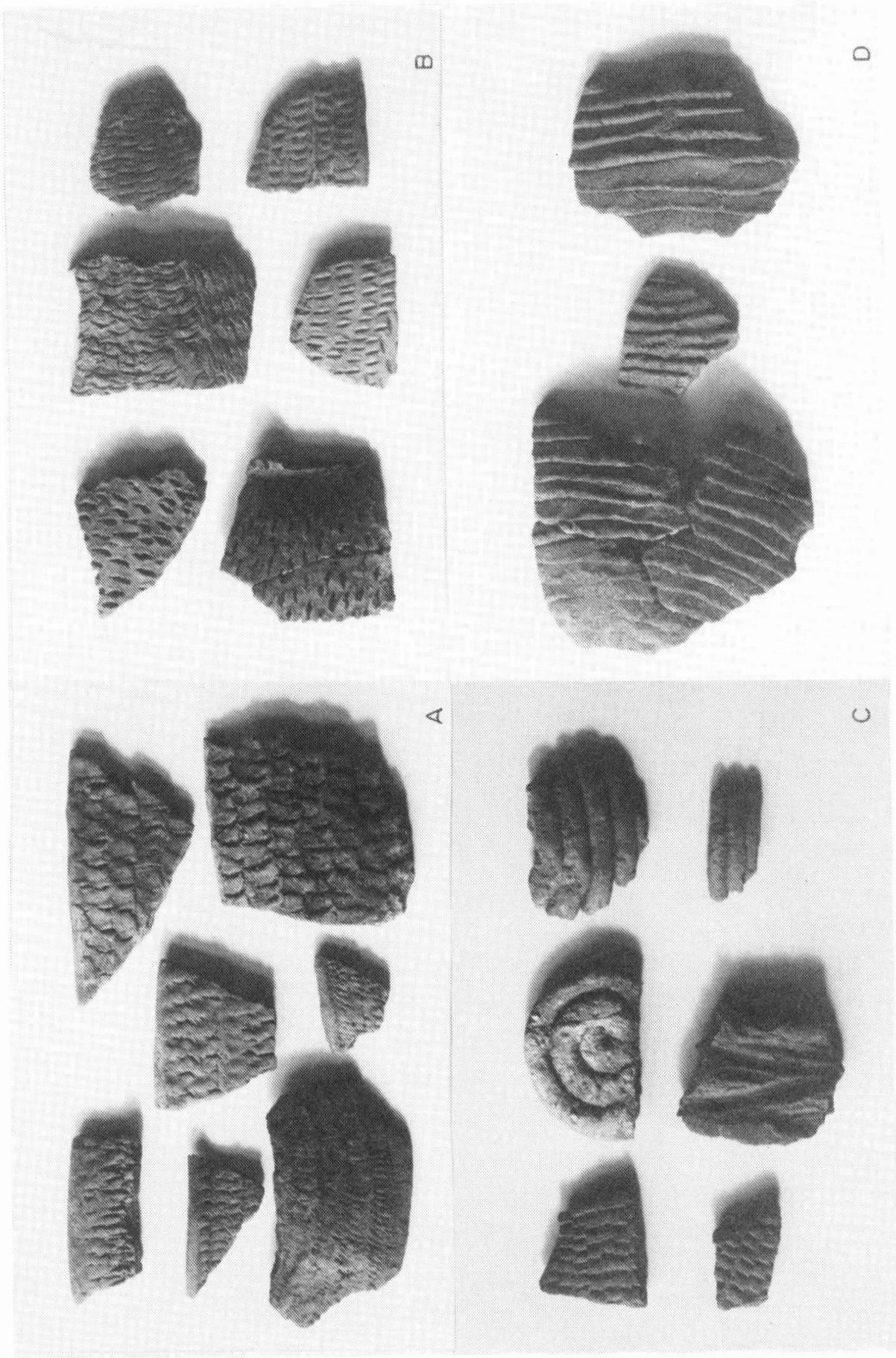
A recuperação de restos ósseos animais e humanos, proveniente de alimentação humana de outros sítios vai aumentar nossas certezas com relação à caça na população Guarani do Sul do Brasil.

**DISTRIBUIÇÃO DOS RESTOS ÓSSEOS ANIMAIS E HUMANOS
POR NÚMERO MÍNIMO DE INDIVÍDUOS RECUPERADOS**

Número do Cadastro	Lontra	Veado-do-campo	Cervo-do-pantanal	Gambá	Mico	Mão-pelada	Porco-do-mato-queixada	Paca	Felídeo pequeno	Preá	Aves	Bagre	Lagarto	Ossos humanos	Total dos restos em g
6271	1														35
6274	1												1	x	40
6275			1								1	3	1		156
6276												1			215
6277	1										1	5			165
6278												1			20
6281		1													45
6282												7			185
6283		1										3			70
6284		1		1	1						1	9	1		900
6286		1				1								x	115
6287	1	1	1	1							1	10		x	385
6288		1													25
6289		1										1			23
6290							1					1			40
6291		1		1							1	5		x	435
6298												1			25
6302		1									1	2		x	145
6303					1	1		1	1	1		4			230
6305		1										1			46
TOTAL	1	13	2	3	2	2	1	1	1	1	6	54	3	x	3300



ESTAMPA 45: Acabamento da superfície. Corrugados



ESTAMPA 46: Acabamento da superfície. A. Corrugado-ungulado. B. Ungulado. C. Ponteadado ou impressão de cestaria, roletado, riscado. D. Corrugado simples.

